



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROP
COORDENAÇÃO DO MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: LINGUAGEM E CULTURA



JOÃO GABRIEL DIAS SOUSA

POSSESSIVOS TEU/SEU: variação e crenças/attitudes linguísticas

TERESINA – PI

2023

JOÃO GABRIEL DIAS SOUSA

POSSESSIVOS TEU/SEU: variação e crenças/atitudes linguísticas

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Professora Dr^a. Ailma do Nascimento Silva

TERESINA – PI

2023

S725p Sousa, João Gabriel Dias.
Possessivos teu/seu: variação e crenças/attitudes linguísticas / João
Gabriel Dias Sousa . - 2023.
142 f.: il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI,
Programa de Pós-graduação em Letras – PPGL, Mestrado Acadêmico em
Letras, *Campus* Poeta Torquato Neto, Teresina - PI, 2023.

“Área de concentração: Linguagem e Cultura.”

“Orientadora: Profa. Dra. Ailma do Nascimento Silva.”

1. Teu - Pronome possessivo . 2. Seu – Pronome possessivo.
3. Variação linguística. 4. Língua escrita. I. Título.

CDD: 469.8



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



TERMO DE APROVAÇÃO

POSSESSIVOS TEU/SEU: variação e crenças/attitudes linguísticas

JOÃO GABRIEL DIAS SOUSA

Esta dissertação foi defendida às 15h, do dia 28 de março de 2023, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. O candidato apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho **Aprovado**.

Professora Dra. Ailma do Nascimento Silva – UESPI
Orientadora

Professor Dr. Francisco Wellington Borges Gomes – UESPI
Membro interno

Documento assinado digitalmente
gov.br IVEUTA DE ABREU LOPES PRADO
Data: 29/03/2023 11:44:18-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Professora Dra. Iveuta de Abreu Lopes – UFPI
Membro externo

Professora Dra. Tarcilane Fernandes da Silva – UESPI

Visto da Coordenação:

Dr. Franklin Oliveira Silva (Matrícula: 286.154-2)

AGRADECIMENTOS

À UESPI e à CAPES pelo financiamento desta pesquisa;

Ao PPGL/UESPI pela oportunidade e pelo esforço em ser um programa de excelência;

À professora Doutora Ailma do Nascimento Silva, minha orientadora, pelas contribuições pontuais e necessárias, pelos ensinamentos e pela paciência no processo de orientação;

A todos os professores do PPGL pelas discussões teóricas enriquecedoras;

À UEMA por ter cedido espaço para esta investigação científica;

À escola pública que disponibilizou o acesso às turmas de terceiro ano do ensino médio;

A todos os informantes que participaram deste estudo;

Às minhas colegas de orientação, Larissa e Fátima, pela amizade, parceria, pelos diálogos e pela união nos momentos mais trabalhosos desta caminhada acadêmica;

A todos os meus colegas de curso;

Aos meus pais, Maria Edna e Feliciano Sousa, pelo apoio mais importante de todos.

“I have resisted the term sociolinguistics for many years, since it implies that there can be a successful linguistic theory or practice which is not social”.

William Labov (Sociolinguistic Patterns [ed. University of Pennsylvania Press], 1972).

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar e descrever a variação dos pronomes possessivos referentes à segunda pessoa do singular, *teu/seu*, na língua escrita de alunos do terceiro ano do ensino médio de uma escola pública estadual de Caxias – MA. Busca-se, também, descrever as crenças/attitudes linguísticas desses estudantes, somadas às de graduandos em Letras – Português, em relação a essa variação pronominal, com o propósito de apontar qual variante detém mais prestígio linguístico nos usos formais e informais da linguagem. Para a descrição e análise da variação das formas *teu/seu* na língua escrita, toma-se como fundamentação teórica a *teoria da variação e mudança linguística*, de Weinreich, Labov e Herzog (1968), Labov (1972) e os estudos de Arduin (2005), Mendes (2008), Sbalqueiro (2005), Vargas (2014), dentre outros. Para a investigação das crenças/attitudes linguísticas dos alunos e de graduandos em Letras, considera-se os pressupostos teóricos de Moreno Fernandez (1998), Labov (2008), Cyranka (2007), dentre outros. O corpus utilizado, neste estudo de caso, contou com 86 diálogos escritos por 52 alunos de ensino médio, o que gerou uma amostra de 131 ocorrências de pronomes possessivos de segunda pessoa do singular. A análise dessas ocorrências considerou variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas. A quantificação desses dados teve como base o programa estatístico *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). Os dados sobre crenças/attitudes linguísticas foram obtidos por meio de um questionário metalinguístico respondido por 80 informantes estratificados socialmente em *sexo* (masculino e feminino) e *escolaridade* (último ano do ensino médio e último semestre do curso de Letras). De forma geral, no que tange à variação pronominal, os resultados apontaram para o predomínio do possessivo *seu* na escrita. Já em relação às crenças/attitudes linguísticas dos informantes, constatou-se que a variante *seu* é a prestigiada em contextos formais e que *teu* é a que detém prestígio em contextos informais. Constatou-se, também, que os informantes atribuem a noção de “respeito” à variante *seu* e a noção de “intimidade” à variante *teu*.

Palavras-chave: Possessivos *teu/seu*. Variação linguística. Crenças/attitudes linguísticas. Língua escrita.

ABSTRACT

This Master's thesis aims to analyze and describe the variation of the possessive pronouns referring to the second person singular, *teu/seu*, in the written language of last year's high school students from a public high school in Caxias, a city located in the state of Maranhao. It also aims to describe the linguistic beliefs and attitudes of these students, added to those of undergraduates in the Portuguese language, concerning this pronominal variation, to point out which variant has more linguistic prestige in formal and informal uses of language. For the description and analysis of the variation of *teu/seu* forms in the written language, the theory of variation and linguistic change by Weinreich, Labov, and Herzog (1968), Labov (1972), and the researches of Arduin (2005), Mendes (2008), Sbalqueiro (2005), Vargas (2014), among others, are taken as the theoretical basis. For the investigation of the linguistic beliefs and attitudes of students and undergraduates in the Portuguese language, the theoretical assumptions of Moreno Fernandez (1998), Labov (2008), and Cyranka (2007), among others, are considered. The corpus used in this case study consisted of 86 dialogues written by 52 high school students, which generated a sample of 131 occurrences of second-person singular possessive pronouns. The analysis of these occurrences considered linguistic and extralinguistic independent variables. The quantification of these data was based on the GoldVarb X statistical program (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005). The data on linguistic beliefs and attitudes were obtained utilizing a metalinguistic questionnaire answered by 80 informants socially stratified in gender (male and female) and education (last year of high school and last semester of a Portuguese language degree). In general, regarding pronominal variation, the results point to the predominance of the possessive *seu* in writing. Regarding the linguistic beliefs and attitudes of the informants, it was found that the variant *seu* is the prestigious one in formal contexts and that *teu* is the one that holds prestige in informal contexts. It was also found that the informants attribute the notion of "respect" to the variant *seu* and the notion of "intimacy" to the variant *teu*.

Keywords: Possessive pronouns *teu/seu*. Linguistic variation. Linguistic beliefs and attitudes. Written language.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Correlação entre animacidade e a utilização do pronome <i>seu</i>	31
Tabela 2. Atuação do gênero sexo na concordância nominal.....	33
Tabela 3. Frequência e probabilidade de uso do possessivo <i>teu</i> segundo a variável paralelismo formal (ARDUIN, 2005) (input 0,97).....	47
Tabela 4. Frequência e probabilidade de uso do possessivo <i>teu</i> segundo a variável sexo em Arduin (2005) (input: 0,97)	49
Tabela 5. Percentual de <i>seu</i> e <i>teu</i> em relação à variável Pronome na posição de sujeito na totalidade da carta (VARGAS, 2014)	55
Tabela 6. Percentual de <i>seu/teu</i> em relação à variável posição do possessivo em relação ao nome (VARGAS, 2014)	56
Tabela 7. Percentual de <i>seu/teu</i> considerando a variável tipo de sintagma (VARGAS, 2014)	57
Tabela 8. Percentual de <i>seu/teu</i> em relação à contração do determinante com a preposição nos sintagmas preposicionados.....	57
Tabela 9. Frequência de uso das variantes <i>teu/seu</i> por sexo considerando o contexto de <i>formalidade</i>	94
Tabela 10. Frequência de uso das variantes <i>teu/seu</i> por sexo considerando o contexto de <i>informalidade</i>	95
Tabela 11. Frequência de uso das variantes <i>teu</i> e <i>seu</i> por flexão de gênero...	96
Tabela 12. Frequência de uso das variantes <i>teu</i> e <i>seu</i> por flexão de número..	97
Tabela 13. Frequência de uso das variantes <i>teu</i> e <i>seu</i> por <i>posição do pronome possessivo</i>	98
Tabela 14. Frequência de uso das variantes <i>teu</i> e <i>seu</i> por <i>paralelismo formal</i> .	99
Tabela 15. Frequência de uso das variantes <i>teu</i> e <i>seu</i> por <i>função sintática</i> ...	101
Tabela 16. Frequência de uso das variantes <i>teu</i> e <i>seu</i> por <i>presença/ausência de vocativo</i>	103
Tabela 17. Frequência de uso das variantes <i>teu</i> e <i>seu</i> por <i>animacidade do sintagma</i> possuído.....	104
Tabela 18. Frequência de uso das variantes <i>teu</i> e <i>seu</i> por <i>presença/ausência de artigo definido no sintagma possessivo</i>	105

Tabela 19. Frequência de uso das variantes *teu* e *seu* por *presença/ausência de contração do determinante com a preposição*.....107

Tabela 20. Frequência de uso das variantes *teu* e *seu* por *tipo de sintagma*..108

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Paradigmas dos pronomes pessoais e possessivos.....	43
Quadro 2. Pronomes pessoais e possessivos do português do Brasil referente ao sistema pronominal em uso.....	44
Quadro 3. Conceitos de crença.....	63
Quadro 4. Propostas de produção textual aplicada aos informantes do ensino médio.....	78
Quadro 5. Teste de crenças/atitudes linguísticas aplicado a informantes do ensino médio e a informantes do curso superior de Letras – Português.....	79
Quadro 6. Distribuição por sexo dos textos escritos em linguagem informal...80	
Quadro 7. Distribuição por sexo dos textos escritos em linguagem formal.....81	
Quadro 8. Distribuição dos informantes que participaram do teste de crenças/atitudes linguísticas.....	82
Quadro 9. Questões 1 e 2 do teste de crenças/atitudes.....	109
Quadro 10. Questão 3 do teste de crenças/atitudes linguísticas.....	124

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Relação entre crença e atitude linguística.....	69
Figura 2. Utilização de <i>seu</i> por um informante do sexo masculino.....	90
Figura 3. Utilização de <i>seu</i> por um informante do sexo feminino.....	91
Figura 4. Uso de <i>seu</i> em contexto de <i>formalidade</i>	92
Figura 5. Uso de <i>seu</i> em contexto de <i>informalidade</i>	93
Figura 6. Possessivo <i>teu</i> em sua forma masculina.....	97
Figura 7. Exemplo de <i>seu</i> no singular.....	98
Figura 8. Exemplo de <i>teu</i> na posição anteposta.....	99
Figura 9. Exemplo do <i>paralelismo formal</i> da variante <i>seu</i> com o pronome <i>ocê</i> na escrita de um aluno.....	100
Figura 10. Exemplo de <i>teu</i> na função de objeto direto.....	101
Figura 11. Exemplo de <i>seu</i> na função de sujeito.....	102
Figura 12. Exemplo de <i>seu</i> com a presença de <i>vocativo</i>	104
Figura 13. Exemplo de <i>seu</i> diante de um termo possuído inanimado.....	105
Figura 14. Exemplo de <i>seu</i> com a presença de artigo definido.....	106
Figura 15. Exemplo de <i>teu</i> antecedido de uma contração de um determinante com uma preposição.....	107
Figura 16. Exemplo de <i>seu</i> presente em um sintagma nominal.....	108
Figura 17. Justificativa de uma aluna do ensino médio para a escolha da variante <i>seu</i> no contexto de formalidade.....	114
Figura 18. Justificativa de uma graduanda em Letras para a escolha da variante <i>seu</i> no contexto de formalidade.....	115
Figura 19. Justificativa de um aluno de ensino médio para a escolha da variante <i>seu</i> no contexto de formalidade.....	116
Figura 20. Justificativa de um graduando em Letras para a escolha da variante <i>seu</i> no contexto de formalidade.....	116
Figura 21. Justificativa de uma aluna de ensino médio para a escolha da variante <i>teu</i> no contexto de <i>informalidade</i>	119

Figura 22. Justificativa de uma graduanda em Letras para a escolha da variante *teu* no contexto de *informalidade*.....120

Figura 23. Justificativa de um aluno de ensino médio para o uso de *teu* no contexto de *informalidade*.....121

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Distribuição dos possessivos <i>teu</i> e <i>seu</i> na amostra de Arduin (2005)	47
Gráfico 2. Frequência de uso dos possessivos <i>teu/seu</i> na amostra investigada.....	88
Gráfico 3. Frequência de uso dos possessivos <i>teu/seu</i> por <i>sexo</i>	90
Gráfico 4. Frequência de uso das variantes <i>teu/seu</i> por <i>registro</i> (formal x informal)	92
Gráfico 5. Crenças/attitudes linguísticas sobre qual variante é melhor para ser usada considerando a variável <i>registro</i> (Formal x Informal)	111
Gráfico 6. Crenças/attitudes linguísticas por <i>sexo</i> sobre qual variante é melhor para ser usada no contexto de formalidade.....	112
Gráfico 7. Crenças/attitudes linguísticas na correlação de <i>sexo</i> com <i>escolaridade</i> sobre qual variante é melhor para ser usada no contexto de formalidade.....	113
Gráfico 8. Crenças/attitudes linguísticas por <i>sexo</i> sobre qual variante é melhor para ser usada no contexto de informalidade.....	117
Gráfico 9. Crenças/attitudes linguísticas na correlação de <i>sexo</i> com <i>escolaridade</i> sobre qual variante é melhor para ser usada no contexto de informalidade.....	118
Gráfico 10. Crenças/attitudes linguísticas por <i>escolaridade</i> sobre qual variante é melhor para ser usada no contexto de <i>formalidade</i>	122
Gráfico 11. Crenças/attitudes linguísticas por <i>escolaridade</i> sobre qual variante é melhor para ser usada no contexto de <i>informalidade</i>	123
Gráfico 12. Crenças/attitudes linguísticas por influência da variável <i>paralelismo formal</i>	124

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA	22
1.2 A Sociolinguística variacionista	22
1.2 Variantes, variáveis e regra variável.....	24
1.3 Condicionadores linguísticos	26
1.4 Condicionadores extralinguísticos	30
1.4.1 Escolaridade	31
1.4.2 Sexo.....	32
1.4.3 Faixa etária	35
1.5 Variação estilística	37
1.6 Variação diamésica	39
2. POSSESSIVOS DE SEGUNDA PESSOA EM PORTUGUÊS	41
2.1 Pronomes possessivos de segunda pessoa e a inserção de você	41
2.2 Pronomes pessoais e possessivos de segunda pessoa na visão da Gramática	42
2.3 Pronomes pessoais e possessivos de segunda pessoa na visão da Linguística.....	44
2.4 Estado da arte	45
2.4.1 Arduin (2005).....	46
2.4.2 Mendes (2008).....	50
2.4.3 Sbalqueiro (2005)	52
2.4.4 Vargas (2014).....	53
3. CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: concepções	59
3.1 A relevância dos estudos de crenças e atitudes linguísticas.....	59
3.2 Estudos em atitudes linguísticas	61
3.3 Conceitos de crença	62
3.4 Concepções de atitudes linguísticas	65
3.5 Crenças/atitudes e ensino	70
3.6 Prestígio linguístico.....	71
4. METODOLOGIA	74
4.1 Tipo e caracterização da pesquisa	74
4.2 Locais e sujeitos da pesquisa.....	76
4.3 Procedimentos de coleta de dados	77
4.4 Constituição da amostra	80
4.4 Procedimentos de análise dos dados.....	82
5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	87

5.1 Dados gerais da variação teu/seu	87
5.2 Variáveis independentes extralinguísticas da variação teu/seu	89
5.3 Variáveis independentes linguísticas da variação teu/seu	96
5.4 Resultados das crenças/atitudes linguísticas	109
6. CONCLUSÕES	126
REFERÊNCIAS	130
ANEXOS.....	137

INTRODUÇÃO

De acordo com Sbalqueiro (2005), a maioria dos manuais de gramática normativa classifica os pronomes *teu* e *seu* como sendo de segunda e terceira pessoa, respectivamente. Por esse motivo, muitas pessoas, principalmente professores de Língua Portuguesa, criticam a utilização, por exemplo, de *teu* quando o pronome sujeito é *você* e de *seu* quando o sujeito preenchido é *tu*, alegando uma mistura de tratamento.

Segundo Oliveira e Silva (1998), essa mistura de tratamento é resultado da entrada do pronome *você* como pronome de segunda pessoa do singular, pois este pronome provocou uma modificação no sistema pronominal do português brasileiro, uma vez que, a partir disso, houve a migração das formas pronominais de terceira pessoa para as de segunda. Dentre essas formas migradas, está o possessivo *seu*, motivando, assim, a variação *teu/seu*. E atesta-se, com base em pesquisas como a de Arduin (2005), Sbalqueiro (2005), Mendes (2008) e Vargas (2014), que grande parte da população brasileira usa, com alta ou baixa frequência, essas duas variantes, tanto na língua oral quanto na escrita.

Pesquisas – como a de Arduin (2005), Sbalqueiro (2005), Mendes (2008) e Vargas (2014) – já foram feitas com o objetivo de analisar e descrever, sob a perspectiva da Sociolinguística variacionista, a variação de pronomes tanto na língua oral como na escrita, no entanto, poucas tiveram como objeto de estudo os pronomes possessivos de segunda pessoa do singular, e as que o fizeram apresentaram algumas limitações, principalmente na metodologia.

A dissertação de mestrado, por exemplo, de Arduin (2005), que utilizou o banco de dados do *Projeto VARSUL* (Variação Linguística Urbana da Região Sul do Brasil), encontrou poucos dados de possessivos de segunda pessoa, fato que já era esperado pela autora, pois as entrevistas do VARSUL instigavam os falantes a relatarem experiências pessoais, opiniões, e não o diálogo, que seria ambiente favorável para o aparecimento dos possessivos *teu/seu*.

Já o trabalho de Arnaldo Sbalqueiro (2005), que analisou a variação dos pronomes de segunda e terceira pessoa em redações de alunos de uma escola pública de Curitiba, apresentou redações que não apresentaram nenhum dado dos

possessivos em estudo, embora uma proposta de redação tenha sido elaborada com a finalidade de obter dados desses pronomes, e, em outros casos, segundo o autor, dados de possessivo de segunda pessoa foram encontrados apenas no discurso reportado.

Os estudos citados acima, somados aos de Mendes (2008) e Vargas (2014), dentre outros, foram muito relevantes para a compreensão da variação entre os pronomes *teu/seu* nas regiões em que foram realizados, porém foram pesquisas que não tiveram como foco as crenças e atitudes linguísticas dos sujeitos participantes dessas investigações em relação a essas variantes. Consequentemente, não foi evidenciado de forma direta qual dessas variantes é mais prestigiada, por exemplo.

De acordo com Sbalqueiro (2005) e Arduin (2005), a variável linguística *paralelismo formal* foi relevante para a escolha dos possessivos de segunda pessoa do singular, ou seja, o pronome *teu* tende a ser usado diante do pronome pessoal *tu*, e o pronome *seu* diante de *você*. E, segundo a pesquisa de Miranda (2014) – que investigou as crenças, atitudes linguísticas e usos variáveis da concordância verbal com o pronome *tu* nas cidades de São Luís e de Caxias – MA, foi evidenciado que há variação entre os pronomes *tu/você* nessas comunidades, sendo que o pronome *você* é o mais utilizado na língua oral de Caxias – MA, fato que pode indicar, considerando o *paralelismo formal*, uma maior utilização do possessivo *seu* no que se refere a segunda pessoa do singular na língua escrita.

Por meio desses resultados e observações empíricas, pode-se inferir que há variação entre as formas *teu/seu* na cidade de Caxias – MA, porém não se sabe a frequência de uso de cada uma dessas variantes, nem quais fatores linguísticos e extralinguísticos são determinantes para essa variação e muito menos qual variante detém mais prestígio social nessa localidade.

Sabendo que a escola é um espaço em que crenças são construídas e atitudes são moldadas, considera-se importante verificar, também, como futuros professores de Língua Portuguesa, que serão formadores de consciência linguística e disseminadores de discursos sobre a língua, configuram as concepções sobre a variação dos possessivos *teu/seu*.

Assim, para o desenvolvimento deste trabalho, tem-se as seguintes perguntas de pesquisa: a) qual pronome possessivo, referente à segunda pessoa do singular, tem mais frequência de uso em textos escritos de alunos do 3º ano do ensino médio de uma escola pública de Caxias – MA? b) quais são as variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas que são mais determinantes para essa variação? c) Qual variante em análise é mais prestigiada nos contextos de uso formal e informal da linguagem pelos alunos de ensino médio e pelos graduandos de Letras – Português, de Caxias – MA?

As hipóteses para as questões aqui levantadas são: a) o pronome *seu* tem maior frequência de uso, considerando que o pronome *você* é o mais usado em Caxias – MA; b) as variáveis linguísticas mais determinantes são *paralelismo formal*, *pronome na função de objeto direto* e *vocativo*. Dentre as extralinguísticas, o *sexo* feminino pode ser mais influente no uso de *seu* e o masculino na utilização de *teu*. Já a variável *registro* pode indicar maior presença de *seu* no contexto de formalidade e de *teu* no de informalidade; c) os graduandos e os alunos do ensino médio avaliam a variante *seu* como melhor no contexto de *formalidade* e a variante *teu* no de *informalidade*.

Considerando esses questionamentos, este trabalho tem como objetivo geral investigar, à luz dos pressupostos teóricos da Sociolinguística variacionista, a variação dos pronomes possessivos *teu/seu*, de segunda pessoa do singular, na escrita de alunos de ensino médio de uma escola pública de Caxias – MA e as crenças/atitudes linguísticas desses estudantes somadas às de acadêmicos de Letras – Português a respeito dessas variantes.

Adicionalmente, neste trabalho, tem-se como objetivos específicos: a) identificar as formas alternantes dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu/seu*, na escrita de alunos caxienses; b) analisar quantitativamente a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular; c) descrever os resultados, explicando alguns dos fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem o uso de uma variante em detrimento de outra; d) descrever, quantitativa e qualitativamente, as crenças/atitudes linguísticas de alunos e de graduandos de Letras – Português sobre esses possessivos, apontando as variantes mais prestigiadas.

Para a análise da variação das formas *teu/seu* na língua escrita dos alunos, toma-se como fundamentação teórica a *teoria da variação e mudança linguística*, de Weinreich, Labov e Herzog (1968), e os estudos de Arduin (2005), Mendes (2008), Sbalqueiro (2005), Vargas (2014), dentre outros. É importante destacar que este trabalho não tem pretensão de analisar o processo de mudança linguística dessa variação pronominal.

Já para a investigação das crenças/attitudes linguísticas dos alunos e de graduandos em Letras, considera-se os pressupostos teóricos de Moreno Fernandez (1998), Labov (2008), Cyranka (2007), dentre outros.

Quanto à metodologia, foram analisados 86 textos (diálogos escritos) produzidos por 52 alunos de ensino médio para a investigação da variação *teu/seu*. Esse gênero textual é o que diferencia este trabalho, no que tange à coleta de dados, dos trabalhos de Sbalqueiro (2005) e de Vargas (2014), que também analisaram a variação *teu/seu* na língua escrita.

Os dados das crenças/attitudes linguísticas foram coletados por meio de um questionário metalinguístico, o qual foi respondido por 80 informantes estratificados socialmente em sexo (masculino e feminino) e em escolaridade (terceiro ano do ensino médio e graduandos do último semestre do curso de Letras).

Tendo em vista o exposto, busca-se, com este trabalho, trazer – com a investigação de uma nova comunidade linguística, com a utilização de novas variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas, bem como a soma de uma nova perspectiva teórica (crenças/attitudes linguísticas) – uma contribuição para a restrita literatura de Sociolinguística Variacionista voltada ao uso dos pronomes possessivos *teu/seu* na língua escrita. A escolha de investigar a escrita se deu, também, pela necessidade de verificar se o pronome *você*, que é o mais utilizado em relação à segunda pessoa do singular na língua oral de informantes de Caxias – MA, está influenciando o uso de *seu* na língua escrita.

Por fim, espera-se que os resultados finais deste trabalho forneçam subsídios teóricos para que professores expliquem com mais detalhes aos alunos como se dá a variação destes pronomes possessivos na cidade de Caxias – MA, facilitando, assim, o ensino por parte dos professores, a compressão por parte dos

estudantes e o conseqüente desenvolvimento da competência sociolinguística destes atrelada à essa variável dependente (*teu/seu*). Os resultados podem indicar, ainda, qual é a variante em estudo mais prestigiada pelos participantes da pesquisa considerando os usos formais e informais da linguagem.

Além desta introdução, esta dissertação está dividida em 5 capítulos. No primeiro, apresenta-se a teoria da variação e mudança linguística, a variável dependente a ser investigada neste trabalho, bem como relevância de condicionadores linguísticos e extralinguísticos para uma análise variacionista.

No segundo, os pronomes possessivos de segunda pessoa do singular são discutidos sob a perspectiva da gramática normativa e sob a perspectiva de estudos linguísticos. Há, também, nessa seção, um resumo descritivo de alguns estudos que investigaram a variação *teu/seu* em outras comunidades linguísticas.

No terceiro capítulo, a discussão está relacionada às diversas concepções de crenças e de atitudes linguísticas.

No quarto, são apresentados a caracterização da pesquisa, o campo e os sujeitos participantes deste estudo, a constituição do *corpus*, além da descrição dos procedimentos de coleta e de análise dos dados.

No quinto, descreve-se os resultados da variação *teu/seu* na escrita dos informantes do ensino médio considerando a influência de condicionadores linguísticos e extralinguísticos. E, de forma complementar, há a descrição das crenças/atitudes linguísticas relacionadas a essa variação pronominal.

Por último, são apresentadas as conclusões do trabalho.

1 A TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Este capítulo apresenta a teoria da variação e mudança linguística, considerando os pressupostos teóricos de Weinreich, Labov e Herzog (1968) e Labov (1972). Em seguida, traz-se, aqui, conceitos importantes como os de *variáveis*, *variantes* e *regra variável*.

Posteriormente, percorre-se sobre condicionadores linguísticos, em que são apresentados estudos como os de Scherre (1988), Omena e Duarte (2017), Oliveira e Silva (1986), os quais demonstram a relevância de variáveis independentes linguísticas para uma investigação da variação de diferentes fenômenos linguísticos. Adicionalmente – com base em Paredes e Silva (1996), Labov (1972), dentre outros autores – discorre-se sobre condicionadores extralinguísticos, enfatizando a escolaridade, o sexo e a faixa etária.

Por fim, por serem importantes para este trabalho, aborda-se, brevemente, dois tipos de variação: variação estilística e variação diamésica. A estilística será pautada em autores como Bortoni-Ricardo (2004), Camacho (2004), dentre outros, e a diamésica terá como base Coelho et al (2020) e Ilari e Basso (2009).

1.2 A Sociolinguística variacionista

A Sociolinguística Variacionista (ou teoria da variação e mudança linguística), concebida por Weinreich, Labov e Herzog (1968), parte do pressuposto de que a língua tem como características inerentes a heterogeneidade e a variabilidade. De acordo com esses teóricos:

A associação entre estrutura e homogeneidade é uma ilusão. A estrutura linguística inclui a diferenciação ordenada de falantes e estilos por meio de regras, que governam a variação na comunidade de fala; o comando nativo da linguagem inclui o controle dessas estruturas heterogêneas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968, p. 187- 8, [tradução nossa]).¹

¹ The association between structure and homogeneity is an illusion. Linguistic structure includes the orderly differentiation of speakers and styles through rules, which govern variation in the speech

Essa visão vai de encontro às premissas do Estruturalismo, que compreende a língua como sistema homogêneo, estático, uniforme, hierarquizado e bem definido, desconsiderando os aspectos variáveis pertencentes à língua. A língua poderia ser, na concepção estruturalista, estudada na inexistência de uma comunidade de fala.

Todavia, para Weinreich, Labov e Herzog (1968), a variação é sistemática, ordenada, regular, inerente ao sistema linguístico e motivada por imposições sociais que estão perduravelmente operando a língua e, por isso, não deve ser investigada na ausência de um contexto social. Portanto, a revolução dessa teoria se dá pelo fato da abertura de espaço para a parte social na linguagem, ao considerar a língua, como, eminentemente, um fenômeno social.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (1968); Labov (1972), é preciso trabalhar com regras variáveis, quando se fala em variação e/ou mudança. A regra variável da língua é, diferentemente da regra categórica, influenciada por fatores sociais e/ou linguísticos, ou seja, ela não se encontra em livre variação. Um falante, que é nativo de uma determinada língua, por exemplo, tem a capacidade de reconhecer as distinções entre as formas variantes, sabendo, em uma situação comunicativa, quando usar uma ou outra forma. Segundo Labov (2003), portanto, o falante nativo domina as regras variáveis de sua língua.

Encontram-se, quando se analisa a fala (ou a escrita) de indivíduos, por exemplo, diferentes formas fonológicas, morfológicas, sintáticas e lexicais que, muitas vezes, significam, num mesmo contexto, a mesma coisa. Essas variações, no entanto, não se realizam de forma aleatória, pois a Sociolinguística Variacionista explica esse método baseando-se em condicionadores: sociais, que são relacionados ao falante e, por conseguinte, variáveis externas à língua, tais como, grau de escolaridade, sexo, etnia, faixa etária, dentre outros; e linguísticos, que são as variáveis internas à língua.

Em resumo, explicar e descrever a língua, analisando os fatores sociais e linguísticos que estão incluídos em fatos e fenômenos linguísticos de variação e

community; native command of the language includes the control of such heterogeneous structures (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968, p. 187- 8).

mudança, é o objetivo teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista. A heterogeneidade da língua é postulada por Labov (1972), ou seja, é proposto um modelo teórico-metodológico que lida com o caráter social dos fenômenos linguísticos, notando a variação de uma comunidade de fala. Assim, propõe-se pôr em evidência a variação que envolve o uso dos possessivos de segunda pessoa do singular, *teu/seu*.

1.2 Variantes, variáveis e regra variável

De acordo com Tarallo (2002, p. 8): “variantes linguísticas’ são (...) diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de ‘variável linguística”.

De acordo com Hora (1997):

(...) o uso da **regra variável** permite ao variacionista extrair as regularidades e tendências dos dados, podendo, através dela, determinar como a seleção de uma estrutura linguística é influenciada pelas configurações específicas dos fatores que caracterizam o contexto em que ela ocorre (HORA, 1997, p. 172, [grifo do autor]).

A variável linguística, neste trabalho, é composta por pronomes possessivos de segunda pessoa do singular, representados pelas variantes *teu* e *seu*. Então, a regra variável, em estudo, é, conforme os exemplos 1 e 2, composta por essas duas variantes.

- (1) Minha amiga me falou que **tu** compraste um carro. Onde está **teu** carro?
- (2) Minha amiga me falou que **você** comprou um carro. Onde está **seu** carro?

Pode-se constatar, retornando aos exemplos (1) e (2), que ambos se referem à posse de segunda pessoa do singular, conservando o mesmo valor de verdade e, então, pode-se considerá-los variantes de uma mesma variável. Essas

formas diferentes têm significados socioestilísticos próprios, uma vez que o falante tem a capacidade de saber quando usar uma ou outra variante.

Em relação ao valor de verdade, considera-se a concepção de Labov (1978, p. 2)

Embora a linguística formal reconheça a existência de informações expressivas e eficazes, estas estão, na prática, subordinadas ao que Bühler (1934) chamou de 'significado representacional' ou o que chamarei de 'estado de coisas'. Para ser mais preciso, gostaria de dizer que dois enunciados que se referem ao mesmo estado de coisas têm o mesmo valor de verdade e seguem Weinreich ao limitar o uso de 'significado' a esse sentido (LABOV, 1978, p. 2, tradução nossa).²

Para Labov (1978), como é percebido no trecho, o mesmo estado de coisas possui o mesmo valor de verdade, isto é, o significado é igual.

Os primeiros trabalhos de Labov (1972) tiveram desenvolvimento no nível da fonologia, como a pronúncia do /r/ pós-vocálico nas lojas de Nova Iorque como uma marca de prestígio e a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard. Devido ao sucesso das pesquisas no âmbito da fonologia, fazendo uso do método de análise quantitativa e utilizando a mesma metodologia, Labov abre espaço para o estudo na sintaxe. Acredita-se que, em relação à intercambialidade das formas de pronome possessivo do singular *teu/seu*, há diferença de forma estilística, mas elas mantêm o mesmo significado de referência, sendo consideradas, assim, **variantes** de uma mesma **variável** (WEINER; LABOV, 1983; BENTIVOGLIO, 1968).

² Though formal linguistics recognizes the existence of expressive and effective information, these are in practice subordinated to what Bühler (1934) called "representational meaning" or what I will call "state of affairs." To be more precise, I would like to say that two utterances that refer to the same state of affairs have the same truth-value, and follow Weinreich in limiting the use of "meaning" to this sense (LABOV, 1978, p. 2).

1.3 Condicionadores linguísticos

Em se tratando de variação, os grupos de fatores, conhecidos também como variáveis independentes (ou, ainda, condicionadores), são fatores que governam e que guiam a seleção de uma variante em detrimento de outra. É a manipulação rigorosa desses condicionadores que permite ao pesquisador investigar em que contexto, seja linguístico ou extralinguístico, uma variante tem mais probabilidade de ser selecionada em comparação com suas concorrentes.

Por serem mais associados a fatores internos e externos à língua, esses condicionadores são divididos em dois grandes grupos. Quando são internos, são chamados de condicionadores linguísticos. A classe das palavras, as funções sintáticas, a ordem dos constituintes em uma sentença e o tipo de frase são exemplos de condicionadores linguísticos. Quando externos, são caracterizados como condicionadores extralinguísticos. Entre esses últimos, os mais comuns são grau de escolaridade, sexo e idade.

Assim, pode-se notar que, para os estudos sociolinguísticos, há uma forte ligação entre os fatores internos e externos à língua, indo desde um nível micro, o que inclui o grau de contato e a forma como as pessoas se comunicam no dia a dia, até um nível macro, o qual está relacionado a uma estratificação social mais ampla (COELHO et al, 2020).

De acordo com Silva (2017), no início, os pesquisadores focavam em analisar principalmente fenômenos variáveis no nível fonético/fonológico e, por isso, havia diferenças bem marcadas socialmente, fato que enfatizava os condicionadores extralinguísticos. A partir do momento em que o estudo de variantes passou a atuar, com a mesma importância, nos outros níveis de análise linguística (morfologia, sintaxe, morfossintaxe, semântica), os condicionadores linguísticos se tornaram, também, mais relevantes.

Apresenta-se, a seguir, com o objetivo de enfatizar a relevância de variáveis independentes linguísticas, exemplos de grupos de fatores morfológicos, sintáticos e semânticos que se mostraram relevantes para análise de diferentes fenômenos linguísticos variáveis.

A análise de Scherre (1988) apresenta exemplos de fatores morfológicos atuantes na concordância de número entre as partes constituintes do sintagma nominal. A pesquisadora relatou que o grau do substantivo que compõe o núcleo do sintagma nominal e o tipo de pluralidade desse núcleo são fatores determinantes para a aplicação da variável. Em relação ao grau, a autora estabeleceu de um lado substantivos aumentativos e diminutivos e de outro substantivos em grau normal.

Os resultados demonstraram que o uso da marca de plural foi desfavorecido pelos diminutivos e aumentativos. Em contrapartida, os substantivos de grau normal favoreceram a aplicação da marca de plural. Em uma amostra de 7.053 dados, levando em consideração os dados de crianças e adultos de forma separada, os diminutivos/aumentativos com flexão de plural tiveram frequência de ocorrência de 40% na fala dos adultos, apontando peso relativo (PR)³ de .40 (9,910 dados). Na fala de crianças, o percentual foi de 15%, e o peso relativo foi .37 (1,143 dados). Para os substantivos de grau normal, obteve-se os seguintes resultados considerando as marcas de plural: porcentagem de 56% e peso relativo de .60 para os adultos, e 43% e .63 para as crianças. A autora concluiu que esses dados podem refletir a influência da maior/menor formalidade dos elementos lexicais, pois os mais formais favorecem a aplicação das marcas de concordância.

O tipo de pluralidade do núcleo do sintagma nominal foi outro fator morfológico determinante para a aplicação da marca de plural. Scherre (1988) estabeleceu três tipos: 1) sintagmas nominais que tendem naturalmente a aparecer no plural como, por exemplo o termo “nossas raízes”; 2) sintagmas nominais que se referem às partes do corpo como “os seus olhos”; e 3) sintagmas nominais que obrigatoriamente se referem a mais de uma unidade como “aquelas lojinhas bem baratinhas”. Esse grupo de fatores demonstrou, respectivamente, as seguintes porcentagens: 75%, 21% e 49%. Essas porcentagens apontaram que a aplicação da marca de concordância é mais frequente quando o sintagma nominal se apresenta majoritariamente no plural e que essa frequência diminui quando os referentes são as partes do corpo que se apresentam em pares. Neste último caso, apenas os determinantes tendem a receber a marca de plural.

³ O peso relativo é o valor que revela se uma variável independente linguística ou extralinguística está favorecendo ou desfavorecendo a ocorrência de fenômeno sob análise.

Continuando no campo da morfologia, a pesquisa de Duarte (1989) revela que a forma verbal pode ser um condicionador capaz de motivar a realização de uma variável. Essa pesquisa, que investigou as realizações do clítico acusativo, revelou que a utilização do clítico, umas das variantes investigadas, a qual tem frequência de uso muito baixa na língua oral (4,9%), ainda é realizada com verbos no infinitivo e nos tempos presente e pretérito perfeito.

De 97 aplicações do clítico nos dados investigados, 55 (56,7%) foram encontrados diante de um verbo no infinitivo e 41 (42,3%) foram precedidos de um tempo simples do modo indicativo; somente uma ocorrência se deu no gerúndio, o que representou 1% da amostra. Nas outras formas verbais, principalmente o imperativo, subjuntivo e todos os tempos compostos, manifestam-se outras formas variantes, como a anáfora zero e o pronome pessoal do caso reto (OMENA; DUARTE, 2017). A explicação para exclusão dos clíticos nesses contextos pode ter relação com o processamento destes em tais formas verbais, pois testes de percepção, realizados com falantes, demonstraram que a utilização do clítico nesse tipo de estrutura linguística é considerada muito formal e pedante (OMENA; DUARTE, 2017).

Em relação aos grupos de fatores do nível da sintaxe capazes de desencadear a ocorrência de uma variável, pode-se mencionar as funções que os termos desempenham na oração. O estudo de Tarallo (1983), por exemplo, investigou o uso de um pronome-cópia em estruturas relativas considerando as funções que o pronome relativo desempenhava. As funções selecionadas foram: sujeito, objeto direto, objeto indireto, oblíquo e genitivo.

Os resultados encontrados pelo autor mostraram que o pronome cópia é favorecido, principalmente, nas funções genitivo (.81) e na função de objeto indireto (.65). Depois, aparecem as funções oblíquo (.49), sujeito (.37) e, por último, objeto direto (.18), sendo que essas duas últimas claramente desfavorecem a cópia, uma vez que os pesos relativos destas estão abaixo de .5. Em uma pesquisa posterior, Mollica (2003), também investigando a cópia nas relativas e usando as mesmas variáveis de Tarallo (1983), encontrou resultados semelhantes: genitivo (.97), objeto indireto (.80), oblíquo (.64), sujeito (.54) e objeto direto (.24). Verifica-se que as

funções sintáticas mais encaixadas, que requerem o movimento de um sintagma preposicional, são as que mais determinam o aparecimento das cópias.

De acordo com Omena e Duarte (2017, p. 83), ainda no que tange a função sintática, “a própria função que as variantes desempenham na oração pode influenciar a realização de uma variável”. Os autores, citando o estudo de Omena (1996), complementam com um exemplo da variação entre *nós* e *a gente* para se referir à primeira pessoa do plural. Omena (1996) revela que a forma *a gente*, que vem substituindo a variante *nós* na língua oral (principalmente), é significativa dependendo da função que exerce na oração. Em ordem decrescente, Omena (1996) apresenta a porcentagem do uso de *a gente* nas seguintes funções sintáticas: adjunto adverbial (84%), sujeito (73%), complemento (72%) e adjunto adnominal (14%).

Omena e Duarte (2017) acrescentam, também, que a transitividade verbal tem se revelado outro fator determinante para o estudo de diversas variáveis morfossintáticas. Como exemplo, revelam a realização do objeto direto anafórico – de acordo com inúmeros estudos baseados em *corpora* representativos de fala e de escrita, como o de Averbug (2000) – sofre bastante influência da transitividade verbal.

Contrariando autores que afirmam que a teoria da variação não se volta às questões semânticas, Gryner e Omena (2017) afirmam que estudos têm demonstrado a relevância de variantes portadoras de significado bem como de variáveis relacionadas a elas. Segundo as autoras, “sabe-se que o significado linguístico não se esgota no conteúdo lexical, mas deriva em grande parte dos contextos linguísticos ou situacionais em que a forma ocorre” (GRYNER; OMENA, 2017, p. 89). Deste modo, a confirmação estatística da importância de variáveis semânticas (e pragmático-discursivas) gera evidências válidas e/ou essenciais para identificar o significado das variantes.

As pesquisas de Oliveira e Silva (1986, 1991), que analisaram a variação dos pronomes possessivos (*seu/dele*), são um exemplo de investigação que utiliza variáveis semânticas. Oliveira e Silva (1991) detectou que o traço inanimado engatilhava o uso da variante *seu*. Em seguida, diferenciou quatro tipos de

animacidade: animal, humano, conjunto inanimado de humanos e inanimados. Os resultados estatísticos encontrados pelo autor podem ser visualizados na tabela 1:

Tabela 1. Correlação entre animacidade e a utilização do pronome *seu*

Possuidor	Peso relativo
Animal	.24
Humano	.34
Conjunto inanimado de elementos humanos	.60
Inanimado	.80

Fonte: elaboração própria a partir dos dados de Oliveira e Silva (1991)

Nota-se que a variante *seu* é mais favorecida diante de possuidor inanimado (.80). Em contrapartida, este pronome é desfavorecido quando o termo possuidor tem traço [+animado], principalmente considerando os dois fatores de menores índices: animal (.24) e humano (.34).

Gryner e Omena (2017), considerando a análise de vários fenômenos que abordam a presença de um pronome pessoal *versus* a sua ausência ou uma outra forma alternativa, conclui que os pronomes pessoais tendem a ocorrer mais frequentemente diante de referentes animados (humanos). Na contramão, referentes não humanos costumam coocorrer com as variantes alternativas.

Uma vez que os grupos de fatores nem sempre atuam isoladamente, faz-se necessária uma análise que considere condicionadores de diferentes níveis linguísticos no estudo de um fenômeno variável. Tendo em visto isso, este trabalho contempla variáveis morfossintáticas e, até mesmo, semânticas.

1.4 Condicionadores extralinguísticos

Os condicionadores extralinguísticos são, como o termo sugere, aqueles que ocorrem fora da estrutura da língua. Esses condicionadores se relacionam

intrinsecamente aos tipos de variação: variação diatópica, variação diastrática, variação diafásica, variação diamésica (COELHO et al, 2020).

Esta seção tem como foco a variação diastrática (escolaridade, sexo e faixa etária), a variação diafásica (registro formal e registro informal) e a variação diamésica (fala e escrita).

1.4.1 Escolaridade

Observa-se, no dia a dia, que a escola promove modificações na língua escrita e na língua falada de pessoas que a frequentam bem como das comunidades discursivas. Em outra mão, detecta-se que ela preserva as formas prestigiadas da língua, na contramão das mudanças que ocorrem nessas comunidades. Em proximidade com a literatura nacional, a escola estimula o uso de normas, gostos, padrões estéticos e até morais em virtude da comunidade de fala e de escrita. Dessa forma, nota-se a relevância da variável *escolaridade* na correlação aos modos de promover ou resistir à mudança (VOTRE, 2017).

Os falantes que têm maior proximidade com as variantes cultas da língua e com a cultura letrada, ou seja, pessoas com alto grau de escolaridade, geralmente, produzem poucas formas estigmatizadas como *nós vai* ou *a gente vamos*, formas estas que são comuns na fala ou escrita de pessoas de baixa escolarização. A probabilidade de os falantes mais escolarizados usarem *nós vamos* e *a gente vai* é bem maior (COELHO et al, 2020).

Como exemplo da influência do condicionador “grau de escolaridade” em uma variável linguística, pode-se apresentar, resumidamente, o estudo de Scherre (1996). Analisando a concordância nominal de número no falar carioca nos dados do CENSO/PEUL, a pesquisadora examinou a variação entre as variantes que apresentam a marca de concordância padrão, as quais são consideradas formas prestigiadas, e as variantes que não apresentam tais marcas, formas estas consideradas desprestigiadas. “*As meninas*” seria um exemplo da variante padrão e “*as menina*” seria da variante não padrão. Os resultados revelaram que os indivíduos que possuíam 4 anos de escolaridade aplicavam a marca de concordância nominal padrão em apenas 40% das ocorrências. A porcentagem

aumentava para 57% quando os indivíduos tinham 8 anos completos de escolaridade. Finalmente, os falantes com 11 anos de escolaridade aplicavam a marca de concordância nominal padrão em 73% das ocasiões.

Nota-se, no estudo de Scherre (1996), que os indícios da marca de aplicação da concordância padrão, em comparação com a não aplicação dessa marca, crescem na mesma proporção em que aumentam os anos de escolaridade dos falantes, evidenciando que quanto mais tempo um indivíduo passa na escola, mais ele tende a usar as variantes prestigiadas da língua.

1.4.2 Sexo

No que diz respeito à variação social relativa gênero/sexo dos informantes, estudos, como o de Labov (1982), Scherre (1996) e Paredes e Silva (1996), evidenciam que as mulheres (mais conservadoras) tendem a usar mais as formas de prestígio em comparação com os homens, indicando que elas podem ser mais receptivas à ação normatizadora da escola.

Conforme Paiva (2017), as diferenças mais perceptíveis entre o uso da língua por uma pessoa do sexo feminino e uma do sexo masculino estão no nível lexical. Para a autora, certos vocábulos parecem ser mais adequados na boca de um homem do que na de uma mulher. Todavia, a autora ressalta que essas diferenças podem ser drasticamente reduzidas e até mesmo eliminadas em sociedades ocidentais, uma vez que os papéis da mulher e do homem, nas várias sociedades, sofrem alterações constantemente. Embora isso possa acontecer no Ocidente, ainda é possível ouvir, falar e escrever expressões como “não fica bem para uma garota falar dessa forma” (PAIVA, 2017, p. 33).

De acordo com Fisher (1958), citado por Paiva (2017), além do nível lexical, diversos estudos evidenciaram que o condicionador sexo/gênero foi um grupo de fator determinante para processos de variação também nos níveis da fonologia, da morfossintaxe e da semântica, apresentando resultados que confirmam que as mulheres têm a tendência de usarem as formas linguísticas mais prestigiadas na sociedade.

A explicação para as diferenças na forma como homens e mulheres usam a língua pode ter relação com o papel que a mulher assume na vida pública. A atitude conservadora da mulher é muitas vezes reflexo dos acontecimentos particulares e culturais de diferentes regiões. Labov (1982) afirma que, no Ocidente, as mulheres são, geralmente, mais conservadoras do que os indivíduos do sexo masculino, porém, em sociedades asiáticas, por não terem um papel de destaque, as mulheres resistem menos intensamente aos padrões impostos pela cultura dominante. Considerando esse contexto, os homens é que teriam um comportamento conservador em relação aos usos da língua.

Uma investigação da perspectiva social da variação e da mudança linguística não deve descartar, entretanto, a baixa ou alta ocorrência de determinadas variantes, sobretudo daquelas que consideram o “binômio forma padrão/forma não padrão e o processo de implementação de mudanças que estejam associados ao gênero/sexo do falante e à forma de construção social dos papéis feminino e masculino” (PAIVA, 2017, p. 33).

Pode-se mencionar, como exemplo da atuação significativa do condicionador sexo/gênero em um processo de variação linguística, o estudo de Scherre (1996), no nível morfossintático e o de Paredes e Silva (1996), no nível discursivo. No primeiro, Scherre verificou que o grupo de fator sexo do informante foi o segundo mais relevante na análise estatística. Os resultados podem ser observados na tabela 2.

Tabela 2. Atuação do gênero/sexo na concordância nominal

Gênero/sexo	Frequência	PR
Masculino	280/1137 = 25%	.45
Feminino	468/1411 = 33%	.57

Fonte: Scherre (1996, p. 254, [adaptado])

Nota-se, a partir dos dados da tabela 2, que as mulheres realizam mais a concordância nominal, que é a variante prestigiada. Os resultados indicam, ainda,

que na fala dos informantes do sexo masculino, há uma leve queda da realização da marca de plural em todos os elementos do sintagma.

No estudo de Paredes e Silva (1996), que analisou a variação do sujeito na escrita informal, foram constatadas, na alternância entre as formas de tratamento *tu* e *você*, correlações significativas entre o sexo/gênero e a variação linguística. A pesquisa de Paredes e Silva (1996) revelou que, em momentos de comunicação face a face, considerando a comunidade carioca, a utilização do pronome *tu* sem a marca de concordância verbal ocorre mais na fala dos homens (com peso relativo de .57) do que na das mulheres (que tem peso relativo de .43).

Correlacionando gênero/sexo e mudança linguística, Paiva (2017) afirma que o valor social de uma variante é um aspecto que deve ser considerado. A mudança linguística, segundo a autora, é a inserção de uma variante linguística prestigiada socialmente ou de uma variante estigmatizada, que contraria as normas linguísticas vigentes. Distinguir essas duas formas de mudança são importantes para uma definição mais clara da função da variável sexo/gênero no processo de mudança. Quando se insere na língua uma forma prestigiada socialmente – como no estudo de Labov (1966), que ao estudar o inglês da cidade de Nova Iorque, constatou que a pronúncia retroflexa do [r] pós-vocálico, forma inovadora e prestigiada, é realizada mais frequentemente na fala de mulheres do que na de homens –, as mulheres tendem a liderar o processo de mudança. Por outro lado, no que diz respeito à implementação de formas linguísticas desprestigiadas socialmente, os homens assumem a liderança do processo, e as mulheres se mostram mais conservadoras. Portanto, pode-se generalizar, até o momento, que as mulheres possuem uma maior sensibilidade às variantes socialmente prestigiadas pela comunidade.

A variável gênero/sexo pode ser, também, relacionada a outras variáveis como estilo de fala, faixa etária e escolaridade. No estilo de fala formal (aquele em que o falante monitora a sua própria fala), como atesta Labov (1972) sobre a pronúncia do [r] pós-vocálico no inglês de Nova Iorque, homens e mulheres apresentam mais diferenças no uso da variante padrão (pronúncia retroflexa) do que em um estilo informal (em que o falante deixa prevalecer sua língua vernacular). Quanto maior o nível de formalidade do discurso, maior será a aplicação da variante padrão na fala

feminina. Essa maneira de interação pode evidenciar que a sensibilidade da mulher às formas prestigiadas da língua é, de alguma forma, governada pelo próprio contexto de discurso.

Um fato interessante sobre a correlação entre sexo e faixa etária, de acordo com Scherre (1996) e Paiva (2017) é que o efeito da variável faixa etária não é sistemático em todas as faixas. Na faixa etária de 15 a 25 anos, por exemplo, os pesos relativos para homens e mulheres tendem a ser semelhantes, o que neutraliza o efeito dessa variável nesse grupo de falantes. Contrariamente, em faixas etárias mais altas, como de 26 a 49 anos e acima de 50, observa-se diferença significativa nos resultados estatísticos relacionados aos homens e às mulheres, sendo que estas últimas revelam uma maior utilização das variantes mais prestigiadas socialmente. Portanto, conclui-se que homens e mulheres de faixas etárias mais baixas tendem a um comportamento linguístico similar, e homens e mulheres de faixas mais elevadas demonstram diferenças mais salientes. Essa semelhança nas faixas mais baixas pode ser explicada pelo fato de que os papéis sociais de homens e de mulheres são, também, semelhantes.

Na relação com a escolaridade, há evidências de que as mulheres sofrem mais influência da escola em seus usos linguísticos, pois elas são mais receptivas às atividades normativas das instituições de ensino (PAIVA, 2017).

1.4.3 Faixa etária

A ligação entre idade do falante e variação linguística tem feito muitos sociolinguistas do Brasil e do mundo refletirem, porque, geralmente, ao controlar esse condicionador, a questão da mudança linguística entra em cena. O processo de substituição de uma variante linguística por outra é o que se chama de mudança linguística (COELHO et al, 2020).

Como exemplos de estudos em que a idade se revelou relevante, pode-se mencionar o de Pagotto (2001), que usou dados do VARSUL (Variação Linguística na Região Sul do Brasil) e da amostra Brescancini. O pesquisador investigou, na fala de falantes da cidade de Florianópolis, a pronúncia de consoantes oclusivas alveolares diante de /i/. Para isso, considerou três formas variantes, a saber: a não

africada (como em [t]ia), a africada não palatal (como em [ts]ia) bem como a africada palatal (como em [tʃ]ia), destacando que as duas últimas variantes são inovadoras e que a primeira é a mais antiga, além de ser, também, identificada como sendo marca de identidade de florianopolitanos.

Considerando os resultados da variante [t], Pagotto revelou a seguinte distribuição: a faixa etária de 15 a 23 anos a realizou em 42% das ocorrências, os falantes de 25 a 50 anos em 66% dos dados, e os informantes com mais de 50 anos em 69% dos dados. Esses resultados mostram uma tendência dos informantes mais velhos de utilizarem a variante mais antiga e, inversamente, dos jovens a utilizarem a inovadora.

Outro exemplo de estudo que leva em consideração a variável faixa etária é o de Labov (1972a). Neste estudo, que foi realizado na ilha Martha's Vineyard, Labov recorta a idade dos informantes nas seguintes faixas etárias: de 14 a 30, de 31 a 45, de 46 a 60, de 61 a 75 e acima de 75. De acordo com Labov (1972), os falantes mais novos, principalmente os homens, tendem a se aproximar da língua vernacular da ilha mais do que os informantes mais velhos. Este é um ponto que pode ser criticado, uma vez que a justificativa para tal uso por parte dos jovens se daria porque estes tinham o desejo de se identificarem como moradores da ilha, fato que os diferenciava dos veranistas que visitam esse lugar. Porém, essa informação pode gerar conflito, pois não apenas os jovens, mas também os adultos e idosos eram afetados pela chegada dos veranistas, mas, segundo Labov (1972a), os reflexos da mudança linguística só eram percebidos significativamente na fala dos jovens.

Por fim, o estudo de Ramos (2002) analisou a alternância entre as variantes “não” e “num” no português da capital Belo Horizonte. Nessa pesquisa, a variável idade foi dividida em três grandes grupos: de 15 a 29 anos, de 30 a 49 anos e acima de 50. Essa variável se revelou significativa, apresentando dados que favorecem a forma “num”, que, neste dialeto, é a variante inovadora, o que indicou uma implementação. “Num” teve frequência de uso significativamente alta nas faixas etárias mais jovens e significativamente baixa entre os falantes das faixas mais altas.

Para notar-se alguns condicionadores linguísticos e extralinguísticos que atuam diretamente na variação entre os pronomes possessivos *teu/seu*, conferir o capítulo *Possessivos de segunda pessoa em português* desta dissertação (página 41).

1.5 Variação estilística

A variação estilística, também conhecida como diafásica, contextual ou de registro, tende a se manifestar no cotidiano, em diferentes contextos de comunicação, tanto na fala quanto na escrita (GÖRSKI; COELHO, 2009). Em situações comunicativas que requerem o uso mais formal da língua, usa-se a linguagem de maneira mais cuidadosa e monitorada, o que consiste no *registro formal*; e em contextos linguísticos de informalidade e/ou de família, faz-se uso da linguagem coloquial, conhecida também como *registro informal*. Todavia, observa-se nas interações comunicativas do dia a dia que nem sempre há uma polarização entre formalidade e informalidade, pois existem graus de formalidade. Em outras palavras, é importante pensar na existência de um *continuum* que atravessa os diferentes níveis de formalidade da língua dependendo do tipo de interação, do desempenho linguístico do indivíduo e até mesmo do tópico a ser abordado. Em relação ao desempenho linguístico do falante, é importante ressaltar que as crianças, por exemplo, não apresentam uma escala grande nos graus de registro, por conseguinte possuem menor possibilidade de se expressarem com variação estilística (BORTONI-RICARDO, 2004). Camacho (2004), na mesma direção, afirma que pessoas de baixa escolaridade e que exercem funções produtivas que não exigem mais do que habilidades motoras também tendem a apresentar pouca variação no uso de formas linguísticas

Ainda segundo Bortoni-Ricardo (2004), o que está em jogo na variação estilística são as distintas funções sociais que os usuários da língua performam na comunicação em que são estabelecidos os diversos domínios sociais: na igreja, na escola, em casa, no trabalho, em ambientes com os colegas, etc. As funções sociais que os indivíduos desempenham alteram-se de acordo com as circunstâncias de comunicação (entre aluno e diretor, funcionário e patrão, filhos e pais, irmãos e

amigos, etc.). Esses papéis, desenvolvidos por usuários da língua, constituem um agrupamento de direitos e obrigações estabelecidos por preceitos socioculturais e são concebidos no seio do processo de interação humana.

De acordo com Camacho (2004), as variedades estilísticas são resultado da adaptação de expressões verbais aos objetivos específicos do processo de comunicação, tomando como base a reflexão acerca das variantes que compõem a capacidade linguística do indivíduo falante. Esse nível de reflexão é correspondente ao nível de formalidade do contexto interacional: quanto maior o nível de formalidade do contexto interacional, menor será a circunstância coloquial. Como exemplo disso, caso o indivíduo possua em sua competência linguística duas formas de se expressar, ele poderia usar uma expressão como *por favor, eu gostaria que passasse o sal para mim* e, em contraste, *oh meu parceiro, vai levar essa saleira pra casa é? Vai me passar ou não?* O primeiro enunciado seria usado em um diálogo com pessoas desconhecidas em um restaurante, por exemplo, e o segundo em uma residência familiar com pessoas íntimas.

Ainda segundo Camacho (2004), há uma firme ligação entre variação sociocultural e variação estilística. A princípio, pode-se refletir, considerando a relação entre língua e sociedade, que é cabível aceitar que uma variedade linguística é equivalente ao que na sociedade valem os seus falantes, ou seja, como um retrato da autoridade e do poder que eles possuem nas relações socioeconômicas. Dessa forma, frases, como *as meninas espertas* e *uns três minutos*, as quais carregam marcas de plural em todos os componentes, são formas variantes que reconhecidamente detêm prestígio social entre os integrantes de uma comunidade, tornando-se, conseqüentemente, *variante padrão* ou *de prestígio*. Por outro lado, as expressões que não apresentam a marca de concordância nominal no final das palavras como *as menina esperta*, *um três minuto* são consideradas *variantes estigmatizadas* ou *não padrão*.

Lemle e Naro (1977) foi o primeiro trabalho no Brasil a considerar os fatores estilísticos na análise de fenômenos variáveis. Esses pesquisadores, analisando a concordância verbal, concluíram que em contextos de pouca formalidade, os falantes tinham a tendência de não efetuar a concordância verbal no plural,

diferentemente do que acontecia em contextos de maior uso da linguagem formal, em que os falantes realizavam explicitamente e com mais frequência a marca de concordância. A pesquisa de Scherre (1978), que analisou a concordância nominal na mesma amostra, revelou resultados parecidos, pois as situações de formalidade favoreceram a marcação de plural, e as situações de informalidade eliminaram essa marcação. Com isso, por conseguinte, evidencia-se a hipótese que geralmente norteia a função da variável estilo na variação linguística: situações informais e formais conduziram os falantes a utilizarem, respectivamente, variantes informais ou formais (MACEDO, 2008).

Nas diversas maneiras de interação, muda-se a língua usada, de certa forma, com a finalidade de se adaptar à circunstância de comunicação e ao interlocutor. Portanto, a variação é característica da fala e da própria comunidade de fala e está ligada aos distintos papéis exercidos pelos participantes na sociedade (GÖRSKI; COELHO, 2009).

1.6 Variação diamésica

De acordo com Coelho et al (2020), a palavra diamésica está relacionada, etimologicamente, à noção de diversos meios. Na área da Sociolinguística, esses meios ou códigos são caracterizados pela fala e pela escrita. Diferentemente dos outros níveis de variação da dimensão externa, que, em geral, ocorrem no nível da fala, a variação diamésica leva em consideração as características de dois códigos distintos, fala e escrita. Todavia, Coelho et al (2020) destaca que de uns anos pra cá, tem crescido o número de pesquisas em que apenas a escrita é o meio analisado.

Ilari e Basso (2009) exemplificam esse tipo de variação afirmando que ele é percebido facilmente quando se compara a língua falada e a escrita. Na produção de um texto escrito, pode-se estruturar com antecedência os elementos textuais, com a possibilidade de modificá-los caso estejam redundantes ou sem sentido. De outro modo, na elaboração de um texto falado, é possível repetir um conteúdo, usar vícios

de linguagem e até mesmo expressões como *desséru* por *disseram*, *cê* por *você*, etc.

De forma similar aos autores anteriores, para Coelho et al (2020), no estudo da variação diamésica, é importante compreender que há diferenças entre o meio falado e o meio escrito. Pode-se alegar, exceto em alguns contextos específicos, que a elaboração de um texto falado é uma prática improvisada, espontânea e passível de variação nos diferentes níveis. Na produção do texto escrito, tem-se uma atividade artificial, planejada, ensaiada, uma vez que tempo e espaço geralmente são reservados para revisões e reformulações. Na escrita, a língua é, também, um pouco menos variável, porque, geralmente, está mais atrelada à produção de gêneros textuais que exigem um maior monitoramento e uma maior proximidade das regras normativas. No entanto, é necessário relativizar essas diferenças, pois, assim como no registro formal e informal, não há dicotomia na relação entre língua falada e língua escrita, mas sim um *continuum*.

Nesse sentido, segundo Marcuchi (2002), pode-se contemplar um *continuum* de monitoração estilística nos textos orais e escritos: os quais vão dos mais monitorados (como um texto de lei, um texto acadêmico) no texto escrito, como também (uma palestra, uma conferência acadêmica) na fala; aos menos monitorados (um bilhete, um recado escrito, uma carta íntima) na escrita, ou (uma conversa espontânea com amigos) na língua falada.

Neste trabalho, pretende-se analisar a variação das variantes *teu/seu* apenas na escrita, pois acredita-se que as propostas de redações deste trabalho podem influenciar o *continuum* de monitoramento na escrita, como defende Marcuschi (2002). Desta forma, os participantes deste estudo poderão escrever tanto de forma monitorada quanto de forma mais espontânea (menos monitorada), dependendo das propostas de produção textual.

Apresentar-se-á, a seguir, discussões sobre os pronomes possessivos de segunda pessoa do singular, especialmente as variantes *teu/seu*, tanto do ponto de vista da gramática normativa quanto dos estudos linguísticos que investigaram esse fenômeno.

2. POSSESSIVOS DE SEGUNDA PESSOA EM PORTUGUÊS

Nesta seção, apresenta-se definições e exemplos de pronomes possessivos, principalmente daqueles que se referem à segunda pessoa do singular. Adicionalmente, aborda-se esses pronomes sob a perspectiva da gramática normativa, tomando como base autores como Almeida (1979), Bechara (2009) dentre outros, e sob a perspectiva da linguística, com base em Menon (1995).

Apresenta-se, também, o estado da arte das pesquisas que abordaram essa temática. Para isso, descreve-se quatro estudos variacionistas que investigaram a variação *teu/seu*. Desses estudos, dois se referem à língua oral (ARDUIN, 2005; MENDES, 2008) e dois à língua escrita (SBALQUEIRO, 2005; VARGAS, 2014).

2.1 Pronomes possessivos de segunda pessoa e a inserção de *você*

Com base em Bagno (2011), chamam-se de possessivos as palavras que indicam posse e que podem assumir diversas funções como, por exemplo, a função pronominal (substituição de nome) e a de determinante. As orações 1 e 2, exemplificam, respectivamente, essas funções.

- (1) O livro de José é mais velho do que o *teu*.
- (2) O *teu* livro é de uma edição posterior.

De acordo com Monteiro (2002), os possessivos formam o paradigma dos pronomes pessoais morfológica, sintática e semanticamente, pois apresentam o mesmo radical dos pessoais, a saber: *me/meu, te/teu, se/seu, nos/nosso, vos/vosso*. Além disso, preenchem a estrutura das funções pronominais (*eu* – nominativo, *me* – acusativo, *mim* – dativo, *meu* – genitivo), atribuindo a uma pessoa do discurso a ideia de posse.

Para Bagno (2011, p. 769), “(...) assim como ocorre com os oblíquos, os possessivos referentes a ‘tu’ e ‘você’ são usados indiferentemente na correlação com esses índices pessoais”. Em outros termos, constata-se no português brasileiro

a utilização do possessivo *teu* quando o interlocutor é tratado tanto por *tu* quanto por *você*, verificando-se o mesmo com o *seu*.

A inserção de *você* assumindo a função de pronome de segunda pessoa é essencial, uma vez que, de acordo com Oliveira e Silva (1998), a entrada deste pronome gerou, no sistema pronominal do português, uma modificação. Com isso, formas pronominais de terceira pessoa migraram para a primeira, ocasionando, dessa maneira, a variação dos pronomes *teu* e *seu*. Por exemplo, antes dessa inserção, tinha-se apenas *teu* e suas flexões como possessivos de segunda pessoa, uma vez que se referiam ao pronome pessoal *tu*. O pronome *você*, por ter evoluído da forma *vossa mercê*, uma forma de tratamento, faz referência originalmente à terceira pessoa. Quando este pronome passou a se referir à segunda pessoa, ele levou consigo para a segunda pessoa os possessivos de terceira pessoa, que são *seu, sua, seus, suas*. Assim, tem-se, no uso corrente da língua, as formas *teu, tua, teus, tuas* coocorrendo com as formas *seu, sua, seus, suas* na segunda pessoa do singular.

Em Caxias – MA, por exemplo, segundo Miranda (2014), o pronome *você* é o mais utilizado, com 67,6% de frequência, e os informantes do sexo feminino são os que mais utilizam este pronome. Em segundo lugar, aparece o pronome *zero*, com 19,7%. Em terceiro, está o pronome *tu*, com uma frequência de 11,6%, sendo este utilizado principalmente pelos informantes do sexo masculino. Por fim, em último, encontra-se o pronome *cê* com um total de 1,1%.

2.2 Pronomes pessoais e possessivos de segunda pessoa na visão da Gramática

Do ponto de vista gramatical, a definição de possessivo, segundo Almeida (1979) e Bechara (2009), se inferiria que tais vocábulos possuiriam papel duplo na frase: indicar a pessoa gramatical possuidora e a coisa possuída. Para isso, os autores apresentam a classificação a seguir:

Quadro 1. Paradigmas dos pronomes pessoais e possessivos

PESSOAS GRAMATICAIIS	PRONOMES PESSOAIS	POSSESSIVOS
Primeira do singular	Eu	<i>meu, minha, meus, minhas</i>
Segunda do singular	Tu	<i>teu, tua, teus, tuas</i>
Terceira do singular	Ele (Ela)	<i>seu, sua, seus, suas</i>
Primeira do plural	Nós	<i>nosso, nossa, nossos, nossas</i>
Segunda do plural	Vós	<i>vosso, vossa, vossos, vossas</i>
Terceira do plural	Eles (Elas)	<i>seu, sua, seus, suas</i>

Fonte: elaboração própria com base em Almeida (1979, p. 179) e Bechara (2009, p. 166)

De acordo com esses autores, esse papel duplo significaria que os pronomes possessivos teriam que ser empregados em conformidade com a pessoa gramatical. Por exemplo, se o pronome *vós* fosse usado, dever-se-ia empregar os possessivos *vosso, vossa, vossos, vossas*, para indicar seres pertencentes a essa pessoa e, assim, respectivamente para as demais pessoas.

Bechara (2009, p. 166), afirmando que pronomes possessivos “são os que indicam a posse em referências às três pessoas do discurso”, considera, assim como Almeida (1979), apenas a forma *teu* e suas flexões como pronome possessivo de segunda pessoa do singular.

O possessivo *seu*, no paradigma apresentado por Said Ali (1969), refere-se tanto à 3ª pessoa do singular quanto à 3ª do plural. O autor afirma, ainda, que este pronome se aplica para referência a pessoa com quem se fala, o que corresponde ao *você, o senhor, vossa senhoria*, etc.

Rocha Lima (1983) usa a mesma acepção retratada por Said Ali (1969) em relação aos pronomes. Só é apresentado, nessa gramática, o paradigma tradicional (*meu, teu, seu, nosso, vosso, seu*) sem menção alguma ao possessivo *seu* na 2ª pessoa. Encontra-se, em Infante (1995), o comentário de que há forte tendência, na língua coloquial, a elaborar frases referentes a *você* com os possessivos *teu/tua* na segunda pessoa do singular, tendência que deveria ser evitada na língua formal escrita e falada.

Cunha (1986) faz referência à utilização do pronome pessoal *você* como maneira de tratamento íntimo e *o senhor* como forma de tratamento respeitoso ou de cortesia. Assim como Said Ali (1969), Cunha (1986) referencia o uso de *seu* para a segunda pessoa e para a terceira e de *dele* para a terceira.

Considerando as afirmações apresentadas, constata-se que os autores sugerem *você* como pronome de segunda pessoa, porém não o inserem no paradigma de pronomes pessoais. Cunha (1986) e Said Ali (1969) colocam o possessivo *seu* como referente à segunda e terceira pessoa, o que pode gerar ambiguidade. Por outro lado, Almeida (1979) e Bechara (2009) inserem o possessivo *seu* apenas no paradigma de terceira pessoa.

2.3 Pronomes pessoais e possessivos de segunda pessoa na visão da Linguística

Do ponto de vista de estudos em Linguística, sabe-se que a inserção do pronome de tratamento *você* como um pronome pessoal é um ponto pacífico. Entretanto, a entrada desse pronome gerou mudanças em outras partes da gramática, como exemplo: a) na flexão verbal de segunda pessoa, em que verbos referentes ao pronome *tu* passam a ser conjugados, também, na terceira pessoa, como por exemplo *tu compraste* versus *tu comprou*; b) na forma de representação dos pronomes possessivos (como pode ser visto no quadro 2); e c) na dos pronomes clíticos, uma vez que as formações pronominais de terceira pessoa, por esse motivo, devem acompanhar o pronome *você* (MENON, 1995). Como exemplo deste último caso, tem-se *tu te alimentou* versus *tu se alimentou*.

Quadro 2. Pronomes pessoais e possessivos do português do Brasil referente ao sistema pronominal em uso

PESSOA	PRONOME	POSSESSIVO
1ª singular	Eu	<i>meu, minha</i>
2ª singular	Tu, Você	<i>teu, tua, seu, sua, de você, do(a) senhor (a)</i>
3ª singular	Ele, Ela	<i>seu, sua, dele, dela</i>
1ª plural	Nós, A gente	<i>nosso, nossa, da gente</i>

2ª plural	Vocês	<i>seus, suas, de vocês, dos (as) senhores (as)</i>
3ª plural	Eles, Elas	<i>seus, suas, deles, delas</i>

Fonte: Menon (1995, p. 335).

Segundo o autor, constata-se que os pronomes *tu* e *você* estão inseridos na segunda pessoa. Consequentemente, o possessivo *seu* passou, em hipótese, a fazer parte tanto da segunda 2ª pessoa, seguindo *você*, quanto da 3ª, preservando os princípios teóricos da norma, em concordância com *ele*. A forma *seu*, por causa disso, teria ficado ambígua.

Haveria várias maneiras de amenizar essa ambiguidade. A mistura de tratamento, que é condenada pelas gramáticas normativas, seria uma delas, ou seja, isso consistiria em usar, por exemplo, o pronome *você* seguido de casos objetos e pronomes possessivos de 2ª pessoa *te/teu*. O uso do genitivo *dele* no lugar de *seu*, na 3ª pessoa, seria outra estratégia utilizada para desfazer a ambiguidade, principalmente na língua oral.

Camara Jr. (2002) salienta *você* como forma de tratamento íntimo e a forma *o(a) senhor(a)* como tratamento cerimonioso, deixando o verbo na terceira pessoa, no dialeto culto do Rio de Janeiro. O autor afirma que com a utilização de *você*, em um registro informal e como tratamento de intimidade, é inserida a forma adverbial *te* ao lado de *o, a* ou *lhe*, mantendo o *te* intercambiável com estas duas. A série *tu, te, ti* e *contigo*, segundo o autor, persiste, ao lado de *você*, como finalidade puramente estilística.

2.4 Estado da arte

No que diz respeito às pesquisas acerca dos pronomes possessivos, são encontrados diversos estudos (PERINI, 1985; KATO, 1985) sobretudo os que se referem à 3ª pessoa (SILVA, 1984; LACERDA, 2010; GUEDES, 2015; LOPES & GUEDES, 2020). Todavia, a literatura que trata da variação dos pronomes possessivos referentes a 2ª pessoa do singular é bem restrita.

Esta seção tem como objetivo apresentar uma descrição dos principais trabalhos que já abordaram a temática da variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular no português brasileiro.

Nesta parte, serão mencionados primeiramente os trabalhos que investigaram a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular na modalidade oral da língua, como o de Arduin (2005) e o de Mendes (2008) e, em seguida, os trabalhos que investigaram essa variação na modalidade escrita como Sbalqueiro (2005) e Vargas (2014). Serão apresentados, também, os principais resultados desses estudos.

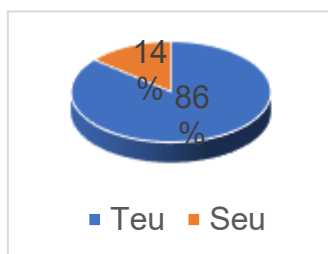
2.4.1 Arduin (2005)

Arduin (2005) analisou, na língua oral, a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular em oito cidades do Sul do Brasil: Blumenau – SC, Chapecó – SC, Flores da Cunha – RS, Florianópolis – SC, Lages – SC, Panambi – RS, Porto Alegre – RS e São Borja – RS. Neste trabalho, foi considerado tanto os aspectos linguísticos quanto os aspectos sociais dessa variação, sob as perspectivas teóricas da sociolinguística variacionista (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 1968; LABOV, 1972) e da proposta de Brown e Gilman (2003) *The Pronouns of Power and Solidarity*. O objetivo central da pesquisadora foi encontrar uma explicação para os diferentes usos dos possessivos *teu/seu* nas cidades selecionadas, a fim de contribuir para a descrição do português falado no Sul do Brasil. A hipótese central dessa pesquisa foi de que há variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular, sendo o pronome *teu* o mais usado, uma vez que o pronome *tu* ainda se mantém como pronome pessoal de segunda pessoa do singular nessas regiões.

Quanto à metodologia, os dados foram coletados a partir de 192 entrevistas, que fazem parte do banco de dados VARSUL (Variação Linguística Urbana do Sul do Brasil). Esses dados foram estratificados em variáveis linguísticas, estilístico-discursivas e sociais. Dentre as linguísticas, cabe ressaltar o *paralelismo formal*. Dentre as variáveis independentes sociais, destacam-se o *sexo* e a *escolaridade*.

A amostra investigada, que foi quantificada pelo o programa VARBRUL (PINTZUK, 1988 apud ARDUIN, 2005, p. 68), revelou 415 ocorrências de pronomes possessivos de segunda pessoa *teu/seu*. Dentre as ocorrências, o possessivo *teu* predominou com 356 ocorrências, o que corresponde a 86% do total. Já o possessivo *seu*, com 69 ocorrências, correspondeu a apenas 14% do total, de acordo com o gráfico 1.

Gráfico 1. Distribuição dos possessivos *teu* e *seu* na amostra de Arduin (2005)



Fonte: Arduin (2005, p. 88)

O resultado do gráfico 1 confirma a hipótese central estabelecida pela autora, de que falantes gaúchos e catarinenses usariam mais frequentemente o possessivo *teu* do que a variante *seu*, pois o pronome pessoal *tu* é bastante usado na fala dos informantes destas localidades.

No que se refere ao grupo de fator *paralelismo formal*, os resultados foram os seguintes:

Tabela 3. Frequência e probabilidade de uso do possessivo *teu* segundo a variável paralelismo formal (ARDUIN, 2005) (input 0,97)

Fatores	Aplicação/tot al	Percentu al	Peso Relativo
<i>Teu</i> com sujeito <i>tu</i>	143/144	99%	0,90
<i>Teu</i> com vocative	18/21	86%	0,60
<i>Teu</i> com sujeito nulo	136/176	77%	0,23

<i>Teu</i> com sujeito <i>você</i>	59/74	80%	0,19
Total	356/415	86%	

Fonte: Arduin (2005, p. 91)

Na tabela 3, nota-se apenas a variante *teu* sendo considerada. Isso se dá devido ao paralelismo com o pronome *tu*, que é característico das regiões investigadas. Os resultados da tabela, em discussão, confirmam as hipóteses levantadas em relação ao paralelismo formal entre o pronome pessoal *tu* e o possessivo *teu*, uma vez que 99% das ocorrências com a variante *teu* foram seguidas pelo pronome *tu*. Esta leitura pode ser confirmada pelo peso relativo de 0,90, ou seja, o pronome pessoal *tu* se mostra um fator determinante para a utilização do possessivo *teu*, corroborando, desta forma, o princípio linguístico do paralelismo formal, proposto por Scherre e Naro (1993), o qual revela que marcas geram marcas e zeros geram zeros⁴.

Outro fator, visto na tabela 3, que pode favorecer o uso da variante *teu* nas comunidades investigadas é o *vocativo*, que aparece com PR de 0,60. De acordo com Arduin (2005), nessas ocorrências não houve influência do paralelismo formal, pois os pronomes pessoais *tu* e *você* não foram expressos na fala.

Dentre as **variáveis estilístico discursivas**, destacam-se *relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores*. Arduin (2005) classificou essas relações da seguinte maneira: *relações assimétricas de superior para inferior* em que, por exemplo, um pai se dirige ao filho; *relações simétricas entre iguais* em que há interação entre amigos, irmãos, primos, etc.; e *relações assimétricas de inferior para superior*, quando um filho se dirige ao pai, por exemplo. Quanto aos resultados da frequência e probabilidade de uso do possessivo *teu* segundo a *variável relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores* (input: 0,97), obteve-se na relação de *superior para inferior* percentual de 91% e PR de 0,65, o que indica uma tendência à utilização de *teu* nesse tipo de discurso. Na relação *entre iguais*, o percentual de uso da variante *teu* também foi de 91%, porém com PR mais baixo, 0,56, indicando uma

⁴ É importante ressaltar que este princípio foi originalizado da concordância (nominal e verbal). Transpõe-se aqui esse princípio para a relação entre os pronomes pessoais *tu* e *você* e os possessivos de segunda pessoa *teu* e *seu*. Assim, a princípio, o possessivo *teu* acompanha o pronome *tu* e o possessivo *seu* segue a forma *você*.

sutil tendência à utilização deste pronome nesse contexto, como se a variante solidária *teu* fosse a preferida. Com frequência de uso de 44% e PR de 0,05, os resultados revelam que o discurso de *inferior para superior* desfavorece o uso do possessivo *teu*. Este último resultado evidencia que o *superior* trata o *inferior* utilizando a variante *teu*, entretanto é tratado por *seu* considerando uma relação assimétrica de poder. Como conclusão, a autora afirma que, nas comunidades investigadas, a variante *seu* é considerada mais **formal**, inspirando maior respeito na relação de *inferior para superior* e no discurso de *pessoas não próximas*, e que a variante *teu* é mais solidária (ou **informal**), sendo utilizada principalmente nas relações *entre iguais* e nos discursos de *pessoas próximas*.

Considerando as **variáveis sociais**, destaca-se aqui os resultados referentes ao sexo e a escolarização dos informantes. A tabela 4 sintetiza esses dados encontrados.

Tabela 4. Frequência e probabilidade de uso do possessivo *teu* segundo a variável sexo em Arduin (2005) (input: 0,97)

Fatores	Aplicação/total	Percentual	Peso Relativo
Feminino	229/245	93%	0,61
Masculino	127/170	75%	0,34
Total	356/415	86%	

Fonte: Arduin (2005, p. 104)

Os dados constantes na tabela 4 confirmam a hipótese da autora de que as mulheres teriam maior tendência ao uso da variante *teu*. Nota-se que as mulheres usam essa variante em 93% das ocorrências, e o peso relativo é de 0,61, mostrando que a variante *teu* é favorecida pelo sexo feminino. Esse resultado vai ao encontro dos dados encontrados por Loregian-Penkall (2004), que indicaram, de forma geral, que as mulheres usam com maior frequência o pronome *tu*, fornecendo evidências de que as formas *tu* e *teu* são prestigiadas socialmente nas regiões consideradas, pois, segundo Labov (2003), as mulheres tendem a observar ou conservar as variantes mais prestigiadas.

Em relação à escolarização, nesta pesquisa, foram utilizadas na metodologia três níveis de escolaridade, a saber: *primário* (4 anos de escolarização); *ginásio* (8 anos) e o *colegial* (11 anos). Os resultados indicaram que a variante *teu* é mais usada no *ginásio* com frequência de ocorrência de 91% e PR de 0,48. Entretanto essa variante, com PR de 0,37, é desfavorecida no *colegial*. O nível primário mostrou-se neutro com o PR de 0,48.

2.4.2 Mendes (2008)

Mendes (2008) analisou a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa (*teu/seu*) e os de terceira pessoa (*seu/dele*) em quatro cidades do Paraná: Curitiba, Irati, Londrina e Pato Branco. Entretanto, abordar-se-á, aqui, apenas a variação referente a *teu/seu*. Apoiando-se estudos como o de Arduin (2005), Neta (2004), Labov (1972) e Weinreich, Labov e Herzog (1968), a autora teve como objetivo descrever como se dá a variação dessas variantes binárias nessas cidades, que fazem parte do banco de dados do VARSUL. A hipótese principal levantada neste estudo foi a de que a variação estilística exerce influência sobre a variante *seu*, designando-a como possessivo de segunda pessoa do singular em co-ocorrência com a variante *teu*. Em outras palavras, verifica-se se a escolha de uma determinada variante é determinada de acordo com o contexto de uso, formal ou informal.

Quanto à metodologia, a autora utilizou amostras de um *corpus* composto por 32 entrevistas do VARSUL. Os dados, neste banco, foram estratificados socialmente em sexo (masculino e feminino), faixa etária (25 a 49 anos e mais de 50 anos), escolarização (4 anos, 8 anos e 11 anos) e região, porém a autora não considerou essa última variável extralinguística. Essas amostras foram quantificadas pelo programa VARBRUL.

Dentre as variáveis independentes linguísticas selecionadas pela autora, a mais importante foi o *paralelismo formal*. Dentre as estilísticas, destaca-se: a) a *pessoa do discurso reportado*, que se divide em *discurso de pessoa próxima* e no *discurso de pessoa não próxima*, como notado em Arduin (2005); e b) *relações simétricas/assimétricas*, que são divididas em *superior para inferior*, *igual pra igual* e

inferior para superior. No que tange às variáveis independentes sociais, ressalta-se o sexo.

Quanto aos resultados da pesquisa, no geral, foram encontradas 67 ocorrências de possessivos de segunda pessoa. Destas, houve 57 ocorrências da variante *teu*, correspondendo a 85% e 10 da variante *seu*, que corresponde a 15%.

Considerando os resultados da variável independente linguística *paralelismo formal*, houve, nas quatro cidades paranaenses investigadas, uma maior frequência de uso da variante *teu* mesmo diante do pronome pessoal *você*. *Você*, na amostra, teve 98% de ocorrência, sendo que este pronome foi acompanhando pela variante *teu* em 85% das ocorrências e pela variante *seu* em apenas 15%. Diante do pronome *tu*, que apareceu com somente 2% de ocorrência na amostra, a forma *teu* obteve 100% de frequência e não houve utilização da forma *seu*. Esses resultados foram considerados surpreendentes pela autora, infirmoando a sua hipótese de que o pronome *seu* seria o mais usado nessas localidades, uma vez que, segundo a autora, no estado do Paraná, não se usa o pronome *tu*.

Esses resultados se aproximam aos de Arduin (2005) em relação à maior frequência de uso do possessivo *teu* considerando toda a amostra, porém se distanciam quando se considera a variável *paralelismo formal*, pois em Arduin (2005) essa variável se mostrou relevante principalmente pelo predomínio do uso de *teu* diante do pronome *tu*, fato que não se concretizou em Mendes (2008), já que o pronome *seu* não foi predominante diante de *você*. Esses dados evidenciam, também, que há bastante *mistura de tratamento* na fala dos paranaenses participantes da pesquisa, ou seja, estes usam frequentemente a variante *teu* diante de *você*, revelando que essa mistura, embora estando fora da norma padrão, não é estigmatizada socialmente nas localidades investigadas.

Os resultados da variável estilística *pessoa do discurso reportado* mostraram que a variante *teu* tem frequência de uso de 100% para *pessoa próxima* e de 78% para *pessoa não próxima*. *Seu* só aparece, na amostra, em relação à *pessoa não próxima*, totalizando 12%. A hipótese levantada neste estudo para essa variável foi confirmada, pois notou-se maior frequência de uso da variante *teu* em um contexto de menos formalidade (*pessoa próxima*). Entretanto, a hipótese de que a variante

seu seria mais usada em referência a *pessoa não próxima* não foi confirmada, pois o contexto (de *superior para inferior* e *igual para igual*), segundo a autora, propiciava o aparecimento da variante *teu*, como pode ser observado, abaixo, nos resultados da variável *relações simétricas/assimétricas*.

Na relação de *superior para inferior*, o possessivo *teu* obteve 82% de frequência de uso contra apenas 18% do possessivo *seu*. No fator de *igual pra igual*, houve 100% de frequência para a variante *teu*. De *inferior para superior*, houve apenas uma ocorrência de possessivos na amostra e essa foi da variante *seu*, o que totaliza 100%.

Quanto à variável independente social *sexo*, a autora observou que tanto homens quanto mulheres utilizaram mais a variante *teu* para referência a posse de segunda pessoa, 88% e 84%, respectivamente. No que diz respeito à variante *seu*, o sexo masculino é responsável por 12% da produção de *seu* e o sexo feminino por 16% desta variante, confirmando a hipótese de que as mulheres lideram no uso das formas de prestígio em comparação com os homens.

2.4.3 Sbalqueiro (2005)

O estudo de Sbalqueiro (2005) teve como objetivo investigar, sob a perspectiva da sociolinguística laboviana, a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular (*teu/seu*) e de terceira pessoa (*seu/dele*) em redações de alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública da cidade de Curitiba – PR. A principal questão que o autor buscou responder foi se esses pronomes estão em competição ou em distribuição complementar. A hipótese levantada é a de que esses pronomes estão em competição.

Para a coleta de dados, o autor elaborou uma proposta de redação em que os alunos teriam que criar personagens que dialogassem, pois o diálogo é ambiente propício para o aparecimento dos pronomes em análise. O *corpus* investigado foi constituído de 204 redações, cujos dados foram analisados levando em consideração variáveis independentes linguísticas, estilísticas e sociais. Depois, os dados foram submetidos a uma análise estatística com a utilização do programa VARBRUL.

No que tange aos resultados dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular, foram encontradas 160 ocorrências das variantes *teu/seu*. Destas, houve 13 ocorrências de *teu* (8%) e 147 ocorrências de *seu* (92%). Esses resultados encontrados, que levam em consideração toda a amostra, confirmam a hipótese do autor, que previa a maior utilização da variante *seu*, uma vez que o pronome *você* é de uso categórico em Curitiba. Dessa forma, observa-se que a variável independente linguística *paralelismo formal*, assim como em Arduin (2005), foi um fator relevante para a utilização de uma variante em detrimento de outra. Por outro lado, esses dados contrastam com os de Mendes (2008), pois, neste, embora o pronome *você*, também, seja predominante nas localidades investigadas, foi a variante *teu* que teve maior frequência de uso (85%).

Outro grupo de fator que se mostrou importante neste estudo foi o *sexo* dos informantes. Para analisar esse grupo, considerou-se a variante mais utilizada, *seu*. No sexo feminino, houve 82 ocorrências de um total de 85, o que representou 95% de uso e 0,66 de PR. Já no sexo masculino, houve 65 aplicações da variante *seu* de um total de 75, o que representou frequência de 87% e 0,32 de PR. Com esses resultados, a hipótese do autor, de que o sexo feminino utilizaria de maneira mais expressiva a variante *seu* (por esta concordar com *você*), foi confirmada. E essa tendência de uso da variante mais prestigiada por parte das mulheres foi apontada em vários estudos como o de Arduin (2005).

2.4.4 Vargas (2014)

Tomando como base os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista, Vargas (2014) analisou e descreveu a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular em cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX. A autora parte do pressuposto de que a utilização das variantes *teu/seu* é resultado da interação que caracteriza os papéis sociais desempenhados pelos interlocutores nessas cartas. A hipótese geral levantada foi a de que os pronomes possessivos de segunda pessoa do singular estão relacionados com a variação entre os pronomes *tu/você*, referentes a segunda pessoa. Adicionalmente, a autora considera que a utilização de uma ou de outra

variante também está relacionada aos contextos de *formalidade* e de *informalidade*, estabelecendo, assim, uma relação de distanciamento/proximidade entre os interlocutores.

No percurso metodológico da pesquisa, a autora investigou 451 cartas de leitores encontradas em jornais de 4 estados brasileiros, a saber: Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro, Bahia e Santa Catarina. Todavia, apenas 94 cartas constituíram a amostra, pois as outras não apresentaram as formas alternantes *teu/seu*. Para a análise quantitativa dos dados encontrados, a qual foi realizada por meio do programa *Goldvarb 2001* (ROBINSON; LAWRENCE; TAGLIAMONTE, 2001, *apud* VARGAS, 2014), a autora elencou as variáveis independentes linguísticas *traço de número do possessivo, traço de gênero do possessivo, pronome sujeito na totalidade da carta, animacidade do sintagma possessivo, posição do possessivo em relação ao nome, tipo de sintagma, contração do determinante com a preposição*. As variáveis independentes extralinguísticas levantadas foram *período* e *localidade*. Apresentar-se-á, a seguir, apenas os resultados gerais e os das variáveis independentes linguísticas.

De forma geral, foram encontradas 214 ocorrências da variável dependente em análise, das quais 84% correspondem a variante *seu* e 15% à variante *teu*. A autora esclarece que o número de ocorrências dessas variantes poderia ser maior caso o *corpus* analisado tivesse um ambiente em que o diálogo fosse instigado, contexto que seria mais favorável para o aparecimento dessas formas alternantes.

No que tange especificamente aos resultados das variáveis independentes linguísticas, a autora afirmou que a distribuição das frequências das variantes *teu/seu* se mostrou bastante equilibrada nas variáveis *traço de número do possessivo, traços de gênero do possessivo, presença do artigo e animacidade do sintagma possessivo*.

Na variável *traço de número do possessivo*, houve, no *singular*, 180 casos, sendo 86% (155 ocorrências) ligadas ao pronome possessivo *seu* e 13% (25 ocorrências) relacionadas ao possessivo *teu*. No *plural*, dos 34 casos encontrados, 79% (27 ocorrências) pertencem à variante *seu* e 20% (7 ocorrências) pertencem à variante *teu*.

Em *traço de gênero do possessivo*, foram encontrados 131 casos do *traço masculino*, dos quais 84% (111 ocorrências) estão relacionadas à variante *seu* e 15% (20 ocorrências) são pertencentes à variante *teu*. No *traço feminino*, a frequência associada ao possessivo *seu* é de 85% (71 ocorrências) e de 14% (12 ocorrências) ao possessivo *teu*.

No que diz respeito à variável *presença do artigo*, foram encontrados 135 casos dos quais 85% (115 ocorrências) se fizeram presente diante da forma *seu* e 15% (20 ocorrências) diante da forma *teu*. Por outro lado, considerando a *ausência do artigo*, houve 85 casos, sendo 84% (72 ocorrências) relacionados à variante *seu* e 15% (13 ocorrências) ligados a variante *teu*.

Em relação à variável *animacidade do sintagma possessivo*, a autora encontrou 182 casos ligados ao sintagma com *traço [-animado]*. Destes, 85% (155 ocorrências) estão relacionados ao possessivo *seu* e 14% (27 ocorrências) ao possessivo *teu*. No sintagma com *traço [+animado, +humano]*, houve 32 casos, dos quais 84% (27 ocorrências) diante da variante *seu* e 14% (20 ocorrências) diante de *teu*.

Dentro das variáveis independentes linguísticas, foram julgados como mais importantes os resultados das variáveis *pronome na posição de sujeito na totalidade da carta*, *a posição do pronome em relação ao nome*, *o tipo de sintagma* e *a contração do determinante com a preposição*. Veja-se os resultados de cada uma delas.

Tabela 5. Percentual de *seu* em relação à variável pronome na posição de sujeito na totalidade da carta (VARGAS, 2014)

Pronome sujeito	Seu
Tu	0/30 — 0%
Vós	1/2 — 50%
Você	49/49 — 100%
Senhor(a)	12/12 — 100%
Vossa Mercê/ Vossa Excelência/ Vossa Senhoria	70/70 — 100%

Formas nulas	8/8 — 100%
Mescla: Tu/Você/Senhor (a)/ Vossa Mercê	2/4 – 50%
TOTAL	158/186 — 84%

Fonte: Vargas (2014, p. 78)

De acordo com os dados da tabela 5, nota-se que a variante *seu* (0%) não foi utilizada diante do pronome *tu* (que teve 30 ocorrências). Esse dado revela que o uso do pronome possessivo *teu*, considerando toda a amostra, esteve associado ao pronome pessoal *tu*, quando este apareceu na função de sujeito (VARGAS, 2014).

Já quando há a utilização categórica do pronome pessoal *você* (49 ocorrências) na função de sujeito, observa-se o uso categórico da variante *seu* (100%). Esses resultados confirmam a importância da variável *paralelismo formal*, já destacada em outros trabalhos como o de Arduin (2005) e Sbalqueiro (2005) e contrastam com os resultados de Mendes (2008), uma vez que, neste, há bastante utilização da variante *teu* diante do pronome pessoal *você*.

Tabela 6. Percentual de *seu/teu* em relação à variável posição do possessivo em relação ao nome (VARGAS, 2014)

Posição	Seu	Teu
Pré-nominal	178/209 – 85%	31/209 – 14%
Pós-nominal	4/5 – 80%	1/5 – 20%
Elipse	3/4 – 75%	1/4 – 25%
Predicativo	2/2 – 100%	-

Fonte: Vargas (2014, p. 82)

Nota-se, nos dados da tabela 6, que as variantes *seu* e *teu* são predominantes na posição *pré-nominal*. Nesta posição, o possessivo *seu* foi aplicado 178 vezes de um total de 209, totalizando 85% de frequência. Já o possessivo *teu* obteve 31 aplicações, correspondendo a 14%. Na posição *pós-nominal*, houve apenas 4 ocorrências do pronome *seu* e 1 do pronome *teu*, correspondendo a, respectivamente, 80% e 20%. Em *elipse*, a frequência de *seu* foi de 75% e a de *teu*

de 25%. Em *predicativo*, apenas a variante *seu* se fez presente. Verifica-se que apenas a posição pré-nominal foi produtiva para o aparecimento da variável dependente em análise.

Tabela 7. Percentual de *seu/teu* considerando a variável tipo de sintagma (VARGAS, 2014)

Tipo de sintagma	Seu	Teu
Sintagma nominal	75/94 – 79%	19/94 – 20%
Sintagma preposicionado	112/126 – 88%	14/126 – 11%

Fonte: Vargas (2014, p. 84)

Na variável acima, mostrada na tabela 7, o sintagma preposicionado se mostra um contexto favorecedor para a ocorrência da variante *seu*, pois, das 126 ocorrências, 112 (88%) são deste pronome. *Teu* aparece com apenas 14 aplicações (11%). Embora em menor número de ocorrências, o possessivo *seu*, em comparação com o concorrente *teu*, é, também, mais frequente na variável sintagma nominal. Nesta, de 94 ocorrências das variantes, 75 (79%) são de *seu* e 19 (20%) são de *teu*. Nos exemplos apresentados pela autora da utilização desses pronomes em textos escritos, pode-se assemelhar essas variáveis acima às que serão utilizadas neste trabalho, que são as funções de *objeto direto* e de *objeto indireto*.

Tabela 8. Percentual de *seu/teu* em relação à contração do determinante com a preposição nos sintagmas preposicionados

	Seu	Teu
Presença da contração	73/82 – 89%	9/82 – 10%
Ausência da contração	19/19 – 100%	0/19 – 0%

Fonte: Vargas (2014, p. 85)

Na tabela 8, nota-se que os números relacionados a essa variável demonstram que a variante *seu* se faz mais presente diante da contração do determinante com uma preposição. Neste contexto, *seu* tem frequência de 89%, e a

variante *teu* possui 10%. Na ausência da contração, o possessivo *seu* aparece com 100% de frequência e, conseqüentemente, não houve ocorrências do possessivo *teu*.

De forma geral, foi possível notar que nos estudos de Arduin (2005) e Mendes (2008), ambos na modalidade oral, apresentaram resultados que evidenciaram maior utilização da variante *teu*. Entretanto, na modalidade escrita, considerando Sbalqueiro (2005) e Vargas (2014), notou-se um predomínio da variante *seu*.

No capítulo a seguir, apresentar-se-á discussões sobre crenças, atitudes linguísticas bem como sobre a noção de prestígio linguístico.

3. CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: concepções

Neste capítulo, apresenta-se, sob a ótica de Botassini (2015), Moreno Fernandez (1998) e outros autores, a importância para a sociolinguística dos estudos que consideram os conceitos de crenças e atitudes linguísticas. Em seguida, descreve-se, resumidamente, nesta seção, um estudo de Lambert e Lambert (1968) sobre atitudes linguísticas.

Depois, discute-se, separadamente, as concepções de crenças e de atitudes linguísticas. A discussão em relação às crenças se dará sob a perspectiva de Santos (1996), Barcelos (2007), Duque (2008) dentre outros. E, no que tange às atitudes, se pautará em autores como Lambert (1972), Moreno Fernandez (1998), Cyranka (2007), dentre outros.

Por fim, considerando-se que um dos objetivos desta pesquisa – que é apontar qual variante em análise neste trabalho é mais prestigiada por alunos e por graduandos em Letras-Português –, faz-se, brevemente, apoiando-se em Cyranka (2007), uma relação entre crenças/atitudes linguísticas com o ensino de língua. E, também, por fim, com base em Roncarati (2008) e Kroch (1978), discorre-se sobre prestígio linguístico.

3.1 A relevância dos estudos de crenças e atitudes linguísticas

Considerando-se os objetos a serem abordados pela Sociolinguística, Weinreich, Labov e Herzog (1968) apresentam cinco tópicos essenciais para a construção de uma teoria da variação e mudança linguística vinculada ao contexto social: 1) fatores condicionantes; 2) transição; 3) encaixamento; 4) avaliação; e 5) implementação. O quarto tópico, avaliação, diz respeito à maneira como uma comunidade de fala ou um indivíduo avalia uma variante linguística ou demais variedades com as quais mantém contato. Ou seja, o indivíduo pode avaliar uma variante linguística ou uma língua como certa ou errada, bonita ou feia, sonora ou não.

A sociolinguística já se interessa pelos estudos de crenças e atitudes linguísticas há algum tempo. O estudo de Labov (2008), por exemplo, sobre as modificações fonéticas na língua inglesa falada em Martha's Vineyard já demonstra esse fato.

Botassini (2015) afirma que as pesquisas relacionadas aos temas de crenças e atitudes podem fornecer evidências para a Sociolinguística no entendimento de questionamentos acerca de muitas crenças/atitudes reveladas por um grupo de pessoas ou por uma determinada comunidade de fala. Investigações nessa área ampliam discussões acerca de: a) processo de mudança linguística, b) aprendizagem de línguas e c) acerca de questões de prestígio e de desprestígio, podendo este último levar o preconceito não somente em relação à língua que o outros utilizam, mas também à própria comunidade desses falantes. Essas pesquisas, segundo a autora, podem, também, prever um determinado comportamento linguístico.

Discutindo sobre a relevância dos estudos de atitudes linguísticas para a Sociolinguística, Moreno Fernandez (1998) declara que, com estes estudos, pode-se entender com mais profundidade temas como a escolha de uma língua em comunidades multilíngues, o ensino/aprendizagem de língua, e o planejamento linguístico; ademais, atitudes linguísticas influenciam categoricamente as variações e as mudanças linguísticas que ocorrem nas diversas comunidades de fala. Por exemplo, uma atitude positiva pode ser decisiva para que: uma mudança linguística se concretize com mais velocidade; para uma maior eficácia no ensino/aprendizagem de uma segunda língua; e até mesmo para a concretização do uso de determinadas variantes linguísticas em situações mais monitoradas e para a utilização de outras variantes em estilos menos monitorados. Já uma atitude negativa pode influenciar o desuso de uma língua ou de uma variante linguística, o que, neste último caso, pode retardar ou mesmo impedir um processo de mudança linguística.

Semelhantemente a Moreno Fernandez (1998), Eckert (2000) aponta a necessidade de investigar crenças e atitudes e associá-las ao comportamento linguístico, a fim de obter uma compreensão mais completa do uso linguístico

variável. Tal exame pode oferecer uma excelente oportunidade de explorar a razão pela qual uma determinada variável linguística é mais ou menos utilizada por um determinado grupo de pessoas de uma determinada comunidade.

Em relação à atitude linguística, o principal questionamento para a Sociolinguística, segundo López Morales (2004), está em definir até que limite a atitude, manifestada por uma comunidade ou por um indivíduo, se encontra associada a variantes linguísticas específicas ou se ela é, na realidade, uma forma de valorizar os usuários da língua de determinada classe social.

3.2 Estudos em atitudes linguísticas

As investigações em atitudes linguísticas têm bases ancoradas em diversas disciplinas como a Sociologia da Linguagem, a Sociolinguística, a Psicologia Social, a Linguística Aplicada, a Análise do Discurso e a Pedagogia de Línguas. E esses estudos não são recentes. De acordo com Cargile e Giles (1997, p. 195), por exemplo, as pesquisas modernas nessa vertente iniciaram nas décadas de 1930, a partir de uma série de investigações nos Estados Unidos e na Grã-Bretanha, que tentaram evidenciar que as pessoas fazem avaliações precisas e confiáveis dos falantes, dos atributos de personalidade e das características físicas com base na fala.

Porém, é com Lambert e Lambert (1968), que foram precursores da implementação da linguagem nesse ramo científico, que as investigações a respeito de atitudes linguísticas ganharam ênfase e sistematização, fazendo com que psicólogos sociais e estudiosos da Sociolinguística se interessassem pelo assunto.

A investigação de Lambert e Lambert (1968), realizada na cidade de Montreal, com estudantes de uma comunidade de falantes de francês e de inglês teve como objetivo principal identificar a língua que teria mais prestígio, verificando como um grupo de falantes via o outro levando em consideração seu idioma e de que forma as atitudes de uma comunidade maior influenciava as de uma menor. Para chegar aos resultados, os pesquisadores apresentaram, através de dez gravações, aos alunos amostras de fala de bilíngues, os quais ora liam em francês,

ora em inglês. Os alunos participantes avaliaram aspectos, dos donos das vozes, como o caráter, a beleza, a amabilidade, a inteligência, dentre outros. É importante ressaltar que os alunos ouviram 10 gravações diferentes, em que pensavam ser de 10 pessoas, entretanto eram apenas 5 falantes bilíngues. Ou seja, foi utilizado um experimento que ficou conhecido como *matched guise* (disfarces combinados) com a finalidade de revelar as atitudes que os alunos tinham diretamente em relação às línguas.

Em relação aos resultados, foi constatada maior atribuição de características positivas e de prestígio à língua inglesa e a seus (supostos) respectivos falantes. Um fato relevante, que corrobora esses resultados, é que, na segunda parte da pesquisa, realizada em uma escola majoritariamente francesa, foi revelado o mesmo resultado.

Uma justificativa para compreender melhor esses resultados é a de que os alunos se diziam ser mais bem tratados quando usavam a língua inglesa. Com isso, os psicólogos puderam concluir que as atitudes de falantes do grupo minoritário são moldadas pelo contato com grupos majoritários e de maior prestígio social, uma vez que tais falantes demonstram reação de inferioridade em relação a sua própria língua devido, principalmente, à coibição da comunidade de maior prestígio (língua inglesa).

3.3 Conceitos de crença

Devido à diversidade de áreas que recorrem a temática de crenças para o desenvolvimento de seus trabalhos, definir crenças é considerado complexo, já que cada disciplina a conceitua de forma diferente ou parcialmente distinto. Muitas vezes, os conceitos de crenças são imbricados com as concepções de atitude, de forma que, ao discutir crença, inevitavelmente, discute-se, também, atitude.

Silva (2005) confirma essa dificuldade de definir crenças e revela um quadro que resume concepções diferentes concedidas à palavra “crenças”. No quadro 3, a autora apresenta concepções de crenças que vão desde os pensamentos do filósofo Pierce (1877) até às reflexões mais atuais, como a de linguistas como Barcelos (2007). No quadro 3, pode-se ler conceitos destes dois teóricos.

Quadro 3. Conceitos de crença

Autores	Concepções de crenças
Pierce (1877)	(...) “ideias que se alojam na mente das pessoas, como hábitos, costumes, tradições, maneiras folclóricas e populares de pensar” (SILVA, 2005, p. 67).
Barcelos (2007)	(...) “não são somente um conceito cognitivo, mas também social, porque nascem de nossas experiências e problemas, de nossa interação com o contexto e da nossa capacidade de refletir e pensar sobre o que nos cerca” (SILVA, 2005, p. 69).

Fonte: elaboração própria

Nota-se que Barcelos (2007) vai além do que diz Pierce (1877), afirmando que crenças não são apenas construtos cognitivos, mas também sociais.

No campo da Linguística, considerando o ponto de vista de Richards e Schmidt (2002), as crenças se relacionam com os pensamentos que falantes têm a respeito da língua, os quais podem modificar suas atitudes acerca dela. Esses autores também conceituam atitudes linguísticas, considerando-as como condutas que os falantes de línguas diferentes ou de variedades linguísticas distintas têm para com sua própria língua ou para com as línguas de outras comunidades idiomáticas.

Santos (1996, p. 8), por exemplo, relacionando crenças e atitudes, aponta a crença como sendo uma opinião ou uma convicção íntima adotada com certeza e fé, e a atitude como uma manifestação de intento, de disposição ou de um propósito. O autor ainda complementa:

(...) Tomando atitude como manifestação, expressão de opinião ou sentimento, chega-se à conclusão de que nossas reações frente a determinadas pessoas, a determinadas situações, a determinadas coisas seriam atitudes que manifestariam nossas convicções íntimas,

ou seja, nossas crenças em relação a essas pessoas, situações ou coisas.

Na visão de Barcelos (2007), a qual afirma ser a crença tão antiga quanto a existência da humanidade, vê-se que o ser humano iniciou o processo de pensamento desde que começou, também, a acreditar em algo. Dessa forma, a pesquisadora conceitua crenças como:

(...) uma forma de pensamento, construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação. Como tal, crenças são sociais (mas também individuais), dinâmicas, contextuais e paradoxais. (BARCELOS, 2007, p. 113).

Contrariando a visão de que as crenças são estáticas, a autora considera essa definição mais atual, o que implica caracterizá-las como dinâmicas, afirmando, por meio de uma perspectiva sociocultural, que sofrem modificações com o passar do tempo, não significando, todavia, que são criadas de forma imediata. Elas se fundamentam em assuntos veiculados através da mídia, em opiniões de pessoas que foram importantes, em fatos ocorridos no passado, entre outros.

Neste contexto, as crenças são construídas socialmente e situadas contextualmente. Conforme suas experiências e interações, as pessoas modificam também suas crenças, que surgem na interação com os grupos sociais (BARCELOS, 2007)

Na mesma direção de Barcelos (2007), Botassini (2013, p. 56) afirma que as crenças "(...) determinam o comportamento dos indivíduos, no sentido de que são elas que detêm os valores, os julgamentos, as opiniões que uma pessoa tem sobre os outros, sobre o mundo e sobre si mesma."

Para Duque (2008), a crença é multidimensional e engloba aspectos cognitivos, uma vez que ela tem relação com todos os aspectos da situação. Enquanto componente do construto atitude, ela se divide em dois tipos: a informacional e a avaliativa. A informacional se refere a tudo aquilo que se acredita acerca dos fatos de uma determinada situação. Já a avaliativa está relacionada àquilo em que se acredita sobre o bem, mal; os méritos, os deméritos; o justo, o injusto; os benefícios, os malefícios, ou os custos de diferentes situações.

Fishbein (1995), citado por Souza (2012), diferenciou *crença em* e *crença sobre* um objeto. Considerando *crença em* uma relação entre um objeto e algum outro objeto, o autor afirma que *crença em* se refere somente à existência de um objeto. Por outro lado, a *crença sobre* se refere às diversas crenças na relação de um objeto com outros objetos, ou qualidades. Neste caso, o sujeito não tem dúvidas sobre a existência de um objeto, ele assume a probabilidade do relacionamento de um objeto com outro (s) objeto (s). Portanto, para Fishbein, em suma, a crença é uma posição dada por um indivíduo em relação à essa expressão levando em consideração a probabilidade, ou seja, a crença revela a dimensão cognitiva e ativa de um sujeito em relação a um objeto.

López Moralez (1993) diferencia a concepção de crença da de atitude e as insere em níveis distintos. Para o autor, crenças cedem espaço a atitudes diferentes, já esta, por seu turno, auxilia a concretizar as crenças, em conformidade com elementos afetivos e cognoscitivos, levando em consideração o fato de as crenças poderem estar baseadas empiricamente e até mesmo em fatos reais.

Embora haja uma diversidade de conceitos no que diz respeito às crenças, nota-se que, em todas estas concepções, crenças são fatores determinantes da atitude, seja por concebê-la, como apontam os psicólogos sociais, seja por abranger a própria atitude, conforme esclarece López Moralez (1993).

3.4 Concepções de atitudes linguísticas

De acordo com Frosi, Faggion e Dal Corno (2010, p. 23), atitudes linguísticas são definidas como uma conduta ou um comportamento positivo ou negativo em relação à “língua ou a uma variedade linguística particular, uma reação favorável ou desfavorável face à maneira como o indivíduo usa a língua”.

Na visão de Lambert (1972), a atitude é constituída de três componentes que se encontram em um mesmo nível: i) componente cognoscitivo, de crença ou saber, o que implica convicções sobre o mundo; ii) componente afetivo, de sentimentos relacionados a objetos e de valoração alicerçada a juízos de valor; iii) e componente comportamental, de predisposição comportamental ou de intenção de conduta. De

acordo com Miranda (2014), os componentes da atitude têm relação com a maneira pela qual os indivíduos pensam, sentem e com às suas reações através da exposição aos estímulos linguísticos que lhes são apresentados.

Lambert e Lambert (1972) conceituam atitude como:

(...) uma maneira organizada e coerente de pensar, agir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais ou, mais genericamente, a qualquer acontecimento ocorrido em nosso meio circundante. Seus componentes essenciais são os pensamentos, as crenças, os sentimentos (emoções e as tendências para reagir (Lambert; Lambert, 1972, p. 83).

Esse conceito pode ser direcionado às atitudes linguísticas, que são avaliações subjetivas sobre o valor das variantes linguísticas em si e/ou de seus falantes. Os autores complementam, ainda:

As atitudes desempenham uma função essencial na determinação do nosso comportamento; por exemplo, afetam nossos julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 83).

No mesmo sentido, Aguilera (2008, p. 106), ao comentar a pesquisa de Gomes Molina (1998), debate a função da atitude linguística do falante na língua utilizada por outro indivíduo, tomando como base os mesmos três componentes de Lambert (1972):

(i) O componente cognoscitivo teria o maior peso sobre os demais por confrontar, em larga escala, a consciência sociolinguística, uma vez que nele intervêm os conhecimentos e pré-julgamentos dos falantes: consciência linguística, crenças, estereótipos, expectativas sociais (prestígios, ascensão), grau de bilinguismo, características da personalidade.

(ii) O componente afetivo, por sua vez, está alicerçado em juízos de valor (estima-ódio) acerca das características da fala: variedade dialetal, sotaque; da associação com traços de identidade; etnicidade, lealdade, valor simbólico, orgulho; e do sentimento de solidariedade com o grupo a que pertence.

(iii) O componente conativo, por sua vez, reflete a intenção de conduta, o plano de ação sob determinados contextos e

circunstâncias. Mostra a tendência a atuar e a reagir com seus interlocutores em diferentes âmbitos ou domínios: rua, casa, escola, loja, trabalho.

Dessa maneira, na perspectiva da Sociolinguística, crenças e atitudes linguísticas investigam o indivíduo que está inserido em sua comunidade de fala, em um contexto social e em circunstâncias da utilização real da língua.

De acordo com Silva e Aguilera (2014), desde a década de 1970, pesquisadores da área da Sociolinguística – como Lopes Morales (1993), Moreno Fernández (1998), Gómez Molina (1998), Labov (2008), dentre outros – têm incorporado análises de crenças e atitudes em seus trabalhos, porque, além dos fatores sociais, estudos têm atestado a relevância de reconhecer os padrões de prestígio assegurados pelas comunidades de fala e pelas suas influências nos processos de variação e mudança.

Segundo Moreno Fernández (1998), a atitude linguística é definida pela posição social em que uma língua ou um dialeto ocupa, juntamente com as crenças e com os sentimentos que o indivíduo mantém em relação aos seus usuários. Nas palavras de Moreno Fernández, atitude linguística é:

(...) uma manifestação da atitude social dos indivíduos distinguida por centrar-se e referir-se especificamente tanto à língua como ao uso que dela se faz na sociedade, e ao falar de língua, incluímos qualquer tipo de variedade linguística: atitudes em relação a estilos diferentes, socioletos diferentes, dialetos diferentes ou línguas naturais diferentes (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 179, tradução nossa).

Segundo Moreno Fernández (1998) e Blanco Canales (2004), as atitudes linguísticas são interpretadas sob duas vertentes teóricas distintas. Os autores citam duas que se sobressaem: a mentalista e a comportamentalista. O primeiro autor conceitua cada uma dessas perspectivas e alerta para a complexidade que a abordagem mentalista pode oferecer:

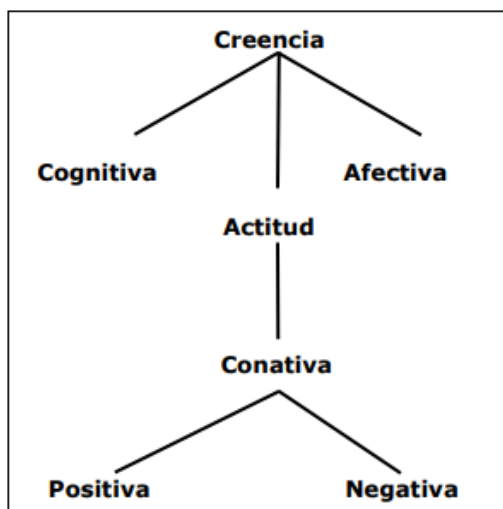
(...) as atitudes linguísticas têm sido estudadas a partir de dois pontos de vista: o mentalista, de natureza psicológica, e o comportamentalista. A concepção comportamentalista interpreta a

atitude como uma conduta, como uma reação ou resposta a um estímulo, isto é, a uma língua, uma situação ou a determinadas características sociolinguísticas. Do ponto de vista mentalista, a atitude é vista como um estado interno do indivíduo, uma disposição mental para umas condições ou certos fatos sociolinguísticos concretos; neste sentido, a atitude seria uma categoria intermediária entre um estímulo do comportamento ou a ação individual. [...] enquanto os behavioristas utilizam como procedimento de estudo a observação direta das condutas objetivas, os mentalistas devem recorrer a outras técnicas, mais complexas, que permitam revelar algo tão inatingível como um estado mental. (MORENO FERNÁNDEZ, 1998, p. 182).

Essas duas maneiras de tratar as atitudes linguísticas levam pesquisadores a adotarem abordagens metodológicas diferenciadas (CORBARI, 2012). Na abordagem mentalista, a atitude é concebida como uma disposição mental em relação à fatos sociolinguísticos e, por isso não é possível mensurá-la de forma direta, mas somente inferi-la através de dados psicossociológicos, havendo necessidade de usar procedimentos técnicos indiretos para desvelar algo tão intangível como um estado mental. No outro lado da moeda, a concepção behaviorista esclarece que a atitude é uma conduta, uma resposta ou uma reação a um estímulo, ou, por exemplo, uma variedade linguística, de maneira que pode ser diretamente observada por meio da ação de um indivíduo em determinadas situações sociais (MIRANDA, 2014).

Moreno Fernandez (1998), citando Moreno Fernandez (1993), faz uma relação entre crença e atitude, conforme a figura a seguir:

Figura 1. Relação entre crença e atitude linguística



Fonte: Moreno Fernandez (1998, p. 185)

Como pode ser visualizado na figura 1, a atitude é formada por comportamentos, por condutas, as quais podem ser positivas (de aceitação, aprovação) ou negativas (de rejeição). A atitude neutra é caracterizada como uma ausência da atitude, mas não como uma categoria dela. Não são todas as crenças que podem gerar atitudes, porém a maior parte delas é capaz de produzi-las. Dessa forma, variantes linguísticas rurais ou consideradas vulgares podem acarretar em uma atitude negativa, fazendo com que elas sejam rejeitas ou desprestigiadas por indivíduos de determinadas comunidades linguísticas. Geralmente, há uma tendência à utilização de variantes linguísticas mais aceitáveis socialmente, principalmente nos contextos de mais formalidade, em que o monitoramento linguístico se torna mais ativo (MORENO FERNANDEZ, 1998).

Na mesma perspectiva, também relacionando crenças e atitudes linguísticas, Cyranka (2007, p. 20) declara que o conceito de atitudes linguísticas se relaciona, de forma iminente, ao de avaliação linguística, ou seja, “ao exame dos julgamentos dos falantes em relação à língua e ao dialeto utilizado por seu interlocutor, estando subentendidas aí as mudanças implementadas, ou em implementação na língua, em relação à variedade considerada padrão”. Para a autora, a partir do momento em que os indivíduos são expostos a estímulos linguísticos, o pensar, o sentir e o agir compõem a atitude. Por conseguinte, um indivíduo sempre terá uma atitude positiva,

negativa ou neutra no que tange a qualquer objeto ou conceito a ser avaliado (CYRANKA, 2007).

3.5 Crenças/attitudes e ensino

Segundo Labov (2008), pode-se entender crenças como “um conjunto uniforme de atitudes frente à linguagem que são partilhadas por quase todos os membros da comunidade de fala, seja no uso de uma forma estigmatizada ou prestigiada da língua em questão” (p. 176). O autor faz uma relação entre crença e atitude linguística, afirmando que a segunda é uma manifestação da primeira.

Cyranka (2007) pontua que, no ensino de línguas, o que importa é a *crença sobre*, isto é, “a posição em que os professores e os alunos colocam os objetos (língua, linguagem, variação e aprendizagem linguística) dentro da dimensão avaliativa, posição essa que, em última instância, leva à atitude deles em relação a esses objetos” (p. 25).

Assim, compreende-se atitude linguística como o resultado de convicções que a escola, os docentes e os alunos possuem acerca da língua, da variação e do ensino. Para a autora, as crenças podem exercer enorme interferência em atitudes de falantes e, estas, por sua vez, revelam aquelas, sendo as crenças, portanto, compreendidas como construtos do contexto.

Em uma sala de aula em que os estudantes creem que se expressam “erradamente” em sua língua nativa, caso o professor de Português promova discussões acerca desses temas, incluindo a diversidade sociolinguística da língua materna, essas crenças podem ser ressignificadas. Assim, é preciso que os professores, de acordo com Faraco (2008), adotem uma “pedagogia da variação linguística”, que significa considerar válidas as diversidades linguísticas que os alunos levam à escola, bem como trabalhar as variantes cultas da língua, com a finalidade de elevar a competência comunicativa dos estudantes.

Estudar crenças e atitudes linguísticas de professores de Língua Portuguesa se faz relevante à medida que revela seus pensamentos e concepções sobre a língua. E, dessa forma, a maneira como avaliam a língua que utilizam e a língua que ensinam gera consequências diretas na prática docente, pois avaliações negativas

sobre a língua levam os professores a acatarem apenas um ensino que segue as normas tradicionais.

3.6 Prestígio linguístico

Os estudos de crenças e atitudes linguísticas podem revelar, considerando os julgamentos que os indivíduos fazem sobre língua, quais são as línguas ou variantes linguísticas mais prestigiadas e até mesmo quais são as mais estigmatizadas. Portanto, faz necessário discutir, de forma geral, sobre a noção de prestígio linguístico.

Segundo Roncarati (2008), a noção de prestígio linguístico bem como a de sua contraparte, o preconceito linguístico, é um dos assuntos mais relevantes para a área da Sociolinguística. Porém, essa noção não é abordada apenas por esse campo do conhecimento. A autora apresenta o conceito de prestígio linguístico sob três perspectivas: a sociológica, a linguística, e a sociolinguística.

Em linhas gerais, o ponto de vista sociológico especifica a configuração desse conceito tomando como base a estratificação social, dividida em quatro variáveis; ocupação, classe, *status* e poder.

Do ponto de vista linguístico, a noção de prestígio linguístico conecta-se, ao mesmo tempo, às imposições extralinguísticas e às linguísticas que caracterizam uma variedade bem como configuram sua utilização como prestigiosa, estandardizada ou estigmatizada. Nesse sentido, a atribuição de prestígio é influenciada pelo nível de impacto de instituições simbólicas como a escola, a norma gramatical, a norma acadêmica e a adequação linguístico-pragmática, etc. Dessa maneira, determinado uso linguístico pode ser prestigiado dentro de uma certa comunidade linguística, porém pode ser rejeitado dentro de outra.

Já na perspectiva propriamente sociolinguística, o prestígio tende a ser determinado tomando como base a ocupação e a atitude. A ocupação diz respeito ao prestígio do indivíduo, às características de sua reputação ou a de sua função na sociedade. Por outro lado, a atitude relaciona o prestígio a uma conduta, sendo este caracterizado pela utilização de formas e posturas cultural e socialmente valorizadas e examinado por meio da interação entre indivíduos de diferentes grupos. Há,

também, nesse campo, uma distinção entre *prestígio vertical ou externo* e *prestígio horizontal ou interno*. O prestígio vertical ocorre entre grupos ou classes sociais, o que pode influenciar, por exemplo, na imitação de posturas de classes mais altas por aquelas de grupos sociais mais baixos. E o prestígio horizontal acontece na parte interna de cada grupo social, sendo capaz de influenciar, por exemplo, a disseminação de inovações ou de mudanças linguísticas.

Ainda no âmbito da Sociolinguística, Kroch (1978) declara que prestígio é o grau de consideração geralmente dado a um dialeto ou a uma língua específica dentro de uma comunidade linguística, em relação a outros dialetos ou a outras línguas. Para o autor, uma variedade de prestígio é o uso de uma língua ou de um dialeto que normalmente se considera como o mais correto ou superior. Normalmente, os usos prestigiados de uma língua são aqueles propostos pela gramática normativa, embora haja exceções como no caso do *prestígio encoberto* (LABOV, 1972), em que uma variante linguística considerada fora dos padrões normativos é altamente valorizada socialmente. O prestígio não se limita apenas às línguas e aos dialetos em geral, ele aparece, também, em estruturas linguísticas menores, como na pronúncia, no uso de um item lexical e até em construções gramaticais (morfossintáticas).

Coelho et al (2020), mencionando a relação entre uso e valor social, afirma que as variantes mais prestigiadas são mais presentes, majoritariamente, em contextos mais formais de uso linguístico e variantes de menor prestígio ocorrem com mais frequência em contextos mais informais. Como exemplo, as variantes mais conservadoras, que em geral detêm mais prestígio, são usadas no trabalho, na universidade, na escola, etc. Já as formas linguísticas mais inovadoras tendem a ser utilizadas entre amigos, familiares e em momentos de brincadeiras.

Neste trabalho, adota-se a perspectiva comportamentalista/behaviorista para a metodologia e análise das crenças/attitudes linguísticas em relação aos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular (teu/seu). Ou seja, a atitude linguística é vista como uma conduta, resposta, reação ou avaliação de um indivíduo em relação a um determinado objeto. Dessa maneira, as **attitudes linguísticas** são

formadas por um posicionamento que engloba **crenças** e afetividade (componente afetivo) frente a um fato sociolinguístico (MORENO FERNÁNDEZ, 1998).

Em relação à noção de prestígio, este trabalho adota a perspectiva de Kroch (1978), que considera o prestígio como o uso da língua ou de uma variedade linguística que é considerada mais “correta”, superior e que se aproxima mais da norma padrão.

No próximo capítulo, os procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho serão descritos.

4. METODOLOGIA

Nesta seção, descreve-se o tipo e a caracterização da pesquisa, os locais e os sujeitos participantes, os procedimentos de coleta de dados, a constituição da amostra e, por fim, os procedimentos de análise de dados.

4.1 Tipo e caracterização da pesquisa

Esta pesquisa, por contribuir para a ampliação de conhecimentos em uma determinada área do conhecimento e por ter o compromisso com a aplicação prática dos resultados, é considerada de natureza básica e, também, de natureza aplicada (GIL, 2010), e teve:

a) uma abordagem quantitativa quanto à variação dos possessivos *teu/seu* nos textos escritos, devido aos dados que foram levantados da variável dependente em estudo para uma análise estatística e devido aos parâmetros da Teoria da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 1972), cuja metodologia é de natureza quantitativa, em que se utiliza dados que podem revelar a utilização heterogênea da língua em um contexto social também heterogêneo. Dessa forma, ao considerar essa teoria linguística, a variação se dá por meio de variantes linguísticas, que são consideradas formas linguísticas que apresentam significados referenciais equivalentes;

b) uma abordagem quantitativa e qualitativa no que diz respeito aos dados de crenças/attitudes linguísticas, tendo em vista o questionário aplicado, que conteve questões objetivas e subjetivas;

c) e cunho descritivo quanto aos procedimentos de análise, o que é comum em trabalhos desenvolvidos sob a perspectiva da sociolinguística variacionista (LABOV, 1972);

d) quanto ao método de pesquisa, utiliza-se o método hipotético-dedutivo, em que, de acordo com Gil (2010), desenvolve-se o estudo guiando-se por hipóteses e/ou por teorias sobre o funcionamento e características de determinado fenômeno humano ou natural.

Como foram analisadas profundamente duas comunidades linguísticas, uma turma de terceiro ano de ensino médio de uma escola pública estadual e um grupo de 40 graduandos em Letras-Português de uma Instituição de Ensino Superior (IES) pública do Estado do Maranhão, pode-se considerar esta pesquisa, quanto aos procedimentos de pesquisa, como um estudo de caso no que tange à variação de *teu/seu* nos textos escritos, por considerar apenas um grupo (alunos de terceiro ano de ensino médio) para a investigação *teu/seu* na língua escrita; e um estudo de casos múltiplos no que diz respeito às crenças/atitudes linguísticas, pois, nesta outra abordagem teórica/metodológica, serão dois grupos diferentes de indivíduos: um grupo de informantes do ensino médio e um grupo de informantes do ensino superior.

De acordo com Pontes (1994), quase tudo pode ser considerado um “caso”. O autor exemplifica que um objeto, uma pessoa, um pequeno grupo, uma comunidade e até mesmo um nação pode ser considerados um “caso”.

De acordo com Yin (2015), o estudo de caso denota uma pesquisa empírica e é entendido como um método amplo, com lógica no planejamento, na coleta e na análise de dados. Ele inclui tanto estudos de um único caso quanto estudos de casos múltiplos, contemplando abordagens quantitativas e qualitativas de pesquisa. O estudo de casos múltiplos é aquele que leva em consideração o estudo de mais de um caso, proporcionando uma visão mais robusta sobre um determinado objeto de estudos (YIN, 2015).

Esta investigação se caracteriza também como uma pesquisa de campo, uma vez que houve coleta de dados tanto numa escola quanto numa IES pública.

O projeto deste estudo foi submetido ao Conselho de Ética da Universidade Estadual do Piauí e, de acordo com a análise, conforme a Resolução Nº 466/12, Nº 510/16, orientações do CONEP de 24/02/2021 (CNS/MS) e seus complementares, foi aprovado sob o parecer: 5.361.638.

4.2 Locais e sujeitos da pesquisa

Os locais de coleta de dados desta pesquisa foram uma escola pública estadual de ensino médio e uma universidade pública também estadual, ambos localizados no Centro da zona urbana da cidade de Caxias.

Caxias é um município localizado no estado do Maranhão, na sub-região Meio-Norte. De acordo com o IBGE (2021), com 166,159 habitantes e com uma área de 5,201,927 quilômetros quadrados, Caxias é considerada a quinta cidade mais populosa do Estado. Essa cidade, que se localiza na latitude $-04^{\circ} 51' 32''$ sul e longitude $-43^{\circ} 21' 22''$ oeste, está a 360 quilômetros de São Luís, capital do Maranhão, e a 66 quilômetros de Teresina, capital do Piauí.

Uma característica sociolinguística dessa cidade, de acordo com Miranda (2014), é a maior utilização pelos caxienses do pronome *você* em comparação com o pronome *tu* na função de pronome pessoal referente à segunda pessoa do singular e o baixo índice de concordância verbal com o pronome *tu*.

Os participantes desta pesquisa foram 52 alunos do terceiro ano do ensino médio, turno vespertino, de uma escola pública estadual da zona urbana de Caxias – MA e 40 graduandos do último período de curso de Letras – Português de uma universidade pública estadual.

Em relação aos alunos do ensino médio, 27 são do sexo masculino e 25 são do sexo feminino, e estes têm de 17 a 23 anos.

No que diz respeito aos universitários, 29 são do sexo feminino e 11 são do sexo masculino, e têm de 17 a 26 anos. Todos esses graduandos cursam o último semestre do curso de Letras.

Foram dois os critérios para participar deste estudo. O primeiro foi ser nascido em Caxias. E o segundo foi morar nessa cidade há pelo menos 12 anos consecutivos e não ter morado fora do Estado por mais de dois anos.

4.3 Procedimentos de coleta de dados

Para a coleta de dados das variantes *teu/seu*, foram elaboradas propostas de redação que propiciaram o aparecimento desses pronomes na escrita dos alunos investigados.

O gênero textual escolhido foi o diálogo. A escolha desse gênero se deu por ser, de acordo com Sbalqueiro (2005), um contexto favorável para o aparecimento dos possessivos referentes à segunda pessoa do singular, uma vez que há possibilidade maior de os interlocutores utilizarem também os pronomes pessoais de segunda pessoa (tu e você), que são contextos linguísticos influentes no aparecimento dos possessivos *teu/seu*.

Já a escolha do terceiro ano do ensino médio se deu pela necessidade de saber se esses estudantes estão saindo do ensino básico conscientes do uso diferenciado das variantes *teu/seu*, uma vez que já tenham estudado este conteúdo gramatical, por acreditar-se que alunos do último ano da educação básica tenham mais facilidade para compreender uma proposta de redação e para, conseqüentemente, produzir os textos solicitados. Por esses motivos, foram escolhidos.

Antes de os alunos começarem a produzir os textos, foi explicado para eles o que era esse gênero, suas características e, ainda, a fim de facilitar a compreensão deles, foram-lhes apresentados dois exemplos desse gênero textual.

A proposta de produção textual consistiu em dois momentos. No primeiro, os alunos de uma turma de terceiro ano do ensino médio tiveram que elaborar, em 50 minutos, um diálogo, de no mínimo 30 linhas, entre dois amigos e/ou duas pessoas próximas que conversem de maneira informal sobre um tema livre e/ou sobre a posse de bens materiais. No segundo momento, os estudantes foram instigados a escrever outro diálogo, porém, dessa vez, entre pessoas desconhecidas e que conversassem em português padrão (formal). É importante mencionar que não foram todos os alunos que fizeram as duas produções textuais. A maioria dos estudantes deu preferência à escrita informal. Vê-se os enunciados das duas propostas de produção textual no quadro 4 a seguir.

Quadro 4. Propostas de produção textual aplicada aos informantes do ensino médio.

Produção textual (diálogo informal)

Utilizando uma linguagem informal, elabore, em no mínimo 30 linhas, um diálogo entre apenas duas pessoas que se conhecem muito bem ou que são íntimas. Esse diálogo pode ser baseado em fatos reais como também pode ser fictício. Essas duas pessoas poderão conversar fazendo perguntas e/ou afirmações sobre qualquer assunto.

Produção textual (diálogo formal)

Utilizando uma linguagem formal, elabore, em no mínimo 30 linhas, um diálogo entre duas pessoas que não se conhecem. Esse diálogo pode ser baseado em fatos reais como também pode ser fictício. Essas duas pessoas poderão conversar fazendo perguntas e/ou afirmações sobre qualquer assunto.

Fonte: elaboração própria.

O objetivo dessas duas fases de produção textual foi verificar como se dá a ocorrência das variantes *teu/seu* nos contextos de informalidade e formalidade.

O destaque nos termos “duas pessoas”, os quais aparecem nos dois enunciados, teve o propósito de fazer com que o aluno evitasse inserir um terceiro locutor no texto e, conseqüentemente, evitar a ocorrência de uma grande quantidade de pronomes possessivos de terceira pessoa.

Já o destaque nos termos “pessoas que se conhecem muito bem ou que são íntimas” e “pessoas que não se conhecem” teve objetivos diferentes. O primeiro poderia instigar os alunos a escreverem de maneira mais informal, pois estariam usando a língua em um contexto de descontração e com uma pessoa conhecida, sem a necessidade de um importante monitoramento linguístico. Por outro lado, o segundo teve o objetivo contrário, que foi fazer o aluno ter um certo monitoramento linguístico, uma vez que estaria diante de uma pessoa desconhecida e, portanto, sem intimidade ou liberdade para se expressar de uma maneira informal.

Os dados sobre crenças e atitudes linguísticas foram coletados por meio de um questionário metalinguístico (teste de crença/atitude linguística), que foi

respondido tanto pelos alunos do ensino médio quanto por 40 graduandos em Letras – Português. O principal objetivo desse questionário foi verificar, considerando a avaliação desses dois grupos de informantes, qual variante em análise possui maior prestígio nos contextos de formalidade e informalidade. Logo a seguir, no quadro 5, têm-se três questões que foram respondidas por alunos e por graduandos.

Quadro 5. Teste de crenças/attitudes linguísticas aplicado a informantes do ensino médio e a informantes do curso superior de Letras - Português

1. **Em um contexto de formalidade**, qual das frases abaixo é melhor para se referir a um (a) professor (a)?

- () Professor(a), o teu pincel caiu no chão.
- () Professor(a), o seu pincel caiu no chão.
- () Ambas as alternativas são igualmente boas.

Justifique a alternativa escolhida.

2. **Em um momento de informalidade**, qual das frases abaixo é melhor para se referir a um(a) amigo(a)?

- () Ei, me empresta aí tua caneta.
- () Ei, me empresta aí sua caneta.
- () Ambas as alternativas são igualmente boas.

Justifique a alternativa escolhida.

3. **De forma geral**, qual das frases abaixo é melhor?

- () Tu e teu pai foram contemplados com uma casa.
- () Você e seu pai foram contemplados com uma casa.
- () Tu e seu pai foram contemplados com uma casa.
- () Você e teu pai foram contemplados com uma casa.

O teste de crenças/attitudes foi composto por questões objetivas e subjetivas. Nas perguntas que abordaram a variação entre *teu/seu*, teve-se três opções de respostas: uma com a variante *teu*, uma com a variante *seu* e outra alternativa que pode evidenciar uma avaliação *neutra*. Nas perguntas e nas alternativas elaboradas, como pode ser notado no quadro 5, evitou-se usar os pronomes pessoais *tu* e *você* – embora eles pudessem ser inferidos pela morfologia verbal –, uma vez que poderiam influenciar o participante da pesquisa a escolher uma determinada alternativa. Adicionalmente, nas duas primeiras alternativas das questões referentes à variável dependente linguística, o único traço que diferenciou as frases a serem escolhidas pelos informantes foi o uso ou da variante *teu* ou da variante *seu*.

Na questão 3, vista no quadro 5, buscou-se verificar se haveria influência dos pronomes pessoais *tu* e *você* na escolha dos possessivos *teu/seu* e se o *paralelismo formal* de *tu* com *teu*, o qual é preconizado pela gramática normativa, seria prestigiado pelos respondentes do questionário.

4.4 Constituição da amostra

Para a descrição e análise da variação dos pronomes *teu/seu*, a amostra foi constituída a partir de um total de 86 textos coletados, dos quais 52 foram de textos informais e 34 de textos formais.

Os quadros 6 e 7 detalham o corpus constituído, indicando a quantidade total de textos, bem como os casos em que os textos apresentaram e não apresentaram ocorrências de pronomes possessivos de segunda pessoa do singular.

Quadro 6. Distribuição por sexo dos textos escritos em linguagem informal

TEXTOS EM LINGUAGEM INFORMAL				
SEXO	Total de textos	Textos com possessivos	Textos sem possessivos	Ocorrências de possessivos
Masculino	27	15	12	37
Feminino	25	15	10	35

TOTAL	52	30	22	72
--------------	-----------	-----------	-----------	-----------

Fonte: elaboração própria.

É possível ver no quadro 6 que dos 27 textos informais coletados de participantes do sexo masculino, 15 apresentaram ocorrências de possessivos e 12 não apresentaram. No total, foram 37 ocorrências de possessivos, dos quais 34 para o pronome *seu* e 3 para o pronome *teu*.

No sexo feminino, foram 25 textos produzidos. Destes, 15 foram com possessivos e 10 sem. Essas informantes produziram um total de 35 ocorrências das variantes *teu/seu*, sendo 29 para o possessivo *seu* e 6 para o possessivo *teu*.

Quadro 7. Distribuição por sexo dos textos escritos em linguagem formal.

TEXTOS EM LINGUAGEM FORMAL				
SEXO	Total de textos	Textos com possessivos	Textos sem possessivos	Ocorrências de possessivos
Masculino	12	8	4	12
Feminino	22	19	3	47
TOTAL	34	27	7	59

Fonte: elaboração própria.

No que diz respeito à quantidade da produção dos textos formais, houve um número inferior em comparação aos textos informais, como pode ser observado no quadro 7. Os indivíduos do sexo masculino produziram 12 textos no total, 8 destes apresentando possessivos e 4 não revelando essas variantes. O total de possessivos aplicados por esse grupo de informantes foi de 12, sendo 11 foram para a variante *seu* e apenas 1 para a variante *teu*.

O sexo feminino produziu um número maior de textos formais, 22 no total. Foram 19 os textos que apresentaram possessivos e 3 que não revelaram esses pronomes. No geral, o total de ocorrências de possessivos aplicados pelas mulheres nos diálogos formais foi de 47, todos relacionados à variante *seu*.

Considerando o corpus geral, os textos informais geraram 72 ocorrências de pronomes possessivos de segunda pessoa do singular, e os textos formais geraram

59 ocorrências. Assim, somando todas essas ocorrências, a amostra é constituída de 131 dados de possessivos *teu/seu*.

No que tange aos dados de crenças/attitudes linguísticas, o quadro 8 estratifica os participantes deste estudo.

Quadro 8. Distribuição dos informantes que participaram do teste de crenças/attitudes linguísticas.

PARTICIPANTES	NÚMERO DE VOLUNTÁRIOS
Alunos	16
Alunas	24
Graduandos	11
Graduandas	29
TOTAL	80

Fonte: elaboração própria.

O quadro 8 indica que os 80 participantes foram distribuídos em dois níveis de escolaridade, alunos do último ano do ensino médio e universitários do último semestre do curso de Letras – Português. Foram 40 estudantes de ensino médio, dos quais 16 do sexo masculino e 24 do feminino. E participaram, também, 40 alunos de graduação, sendo 11 homens e 29 mulheres.

4.4 Procedimentos de análise dos dados

A análise de dados da variação entre os pronomes possessivos de segunda pessoa do singular consistiu de algumas etapas. Na primeira, foram identificadas nas redações coletadas (*corpus*) as ocorrências das variantes *teu/seu* que se referem aos pronomes de segunda pessoa do singular considerados neste trabalho (*tu* e *você*). É importante ressaltar que a variante *seu* também é utilizada em referência à terceira pessoa do discurso. As ocorrências de *seu* com essa característica foram desconsideradas para análise.

Na segunda etapa, as variantes encontradas na amostra constituída foram caracterizadas considerando variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas.

Após a caracterização, na terceira etapa, os dados foram contabilizados seguindo princípios estatísticos do programa *Goldvarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

GoldVarb X é um programa estatístico capaz de isolar e medir, de forma separada, a ação de um fator na inibição ou na emergência de uma determinada variante linguística. Este programa também permite avaliar a interação entre variáveis independentes definidas, gerando a frequência de uso e o peso relativo de um determinado grupo de fator sobre uma determinada variável dependente (SCHERRE; NARO, 2007).

Devido à quantidade pequena de ocorrências dos possessivos *teu/seu*, sobretudo da variante *teu*, que teve apenas 10 ocorrências, calcula-se, assim como em Vargas (2014), apenas a frequência de uso desses pronomes em percentual, tendo em vista a possibilidade de um número alto de células vazias, pois houve contextos linguísticos e extralinguísticos em que a variante *teu*, por exemplo, não ocorreu, fato que comprometeria o cálculo dos pesos relativos.

Para a contabilização dos dados, foram usadas variáveis independentes linguísticas e extralinguísticas. A seguir, observa-se as variáveis independentes linguísticas e seus respectivos exemplos:

- 1) Flexão de gênero (masculino e feminino);

A tua/sua avaliação foi extremamente gratificante. (feminino)

O teu/seu celular quebrou. (masculino)

- 2) Flexão de número (singular e plural);

Teu/seu abraço me animou. (singular)

Teus/seus comentários estão equivocados. (plural)

- 3) Posição do pronome possessivo (anteposto, posposto e elipse);

*O **teu/seu** livro é muito bom. (anteposto)*

*Aquela camisa **tua/sua** está rasgada. (posposto)*

*Vou te enviar umas cartas, mas espero que não esqueças de enviar as **tuas/suas**. (elipse)*

- 4) Paralelismo formal (com a presença expressa dos pronomes *tu* ou *você* e com suas ausências);

***Você** já matriculou o **seu** filho na escola? (paralelismo de *seu* com o pronome *você*)*

***Tu** já pagaste a **tua** conta de energia? (paralelismo de *teu* com o pronome *tu*)*

***Tua/sua** caneta é azul (sem paralelismo)*

- 5) Função sintática (sujeito, predicativo do sujeito, objeto direto e objeto indireto);

***Teu/seu** coração está batendo muito forte. (sujeito)*

*A Maria é a **tua/sua** mãe. (predicativo)*

*Entrega o **teu/seu** sofrimento nas mãos de Deus. (objeto direto)*

*Eu gostei **do teu/seu** trabalho. (objeto indireto)*

- 6) Vocativo (com vocativo, sem vocativo);

***João**, preciso da tua/sua ajuda. (com vocativo)*

Preciso da tua/sua ajuda. (sem vocativo)

- 7) Animacidade do sintagma possuído (animado [+humano], [animado - humano] e inanimado).

*O teu/seu **avô** já se aposentou? (animado [+ humano])*

*O teu/seu **cachorro** já foi vacinado? (animado [-humano])*

*O teu/seu **celular** foi quebrado. (inanimado)*

- 8) Artigo definido no sintagma possessivo (com artigo, sem artigo);

*Disseram que **o teu/seu** gato subiu em cima da casa. (com artigo)*

*Disseram que **teu/seu** gato subiu em cima da casa. (sem artigo)*

- 9) Contratação do determinante com a preposição (presença de contração e ausência de contração);

*A festa **do** teu/seu aniversário foi fantástica. (com contração de de + o = do)*

*A festa **de** teu/seu aniversário foi fantástica. (sem contração)*

- 10) Tipo de sintagma (sintagma nominal e sintagma preposicionado)

*Ele comprou **os** teus/seus presentes. (sintagma nominal)*

*Eu acredito **em** tuas/suas promessas (sintagma preposicionado)*

As variáveis independentes extralinguísticas foram:

- 1) Sexo (masculino e feminino);
- 2) Registro (formal e informal)

Metodologicamente, com tendência mais quantitativa do que qualitativa, este trabalho adota uma perspectiva comportamentalista/behaviorista no que diz respeito às concepções de crenças e atitudes linguísticas. Dessa forma, se aproximando de Moreno Fernández (1998) e de Labov (2008), a atitude linguística é considerada uma conduta, uma reação, uma resposta ou uma avaliação de um indivíduo frente à um determinado fenômeno linguístico. Nessa perspectiva, atitudes linguísticas são

formadas por um posicionamento que engloba crenças e afetividade (componente afetivo) em relação a um fato sociolinguístico. Portanto, neste sentido, crenças e atitudes linguísticas são interligadas e indissociáveis, sendo esta segunda uma manifestação concreta da primeira (LABOV, 2008).

A análise dos dados sobre crenças/atitudes linguísticas se deu de forma quantitativa e qualitativa. Para a quantificação, as avaliações (respostas) dadas pelos informantes foram contabilizadas individualmente e estratificadas nas variáveis independentes extralinguísticas: *registro* (formalidade e informalidade), *sexo* (masculino e feminino), *escolaridade* (3º ano do ensino médio e graduandos em Letras - Português) e na variável independente linguística *paralelismo formal*.

Para analisar as justificativas para as respostas apresentadas pelos informantes nas questões objetivas do questionário metalinguístico, buscou-se e quantificou-se as palavras-chave mais frequentes nas respostas escritas para as questões subjetivas.

Após esse levantamento estatístico, uma comparação entre os dois grupos de indivíduos (alunos e graduandos) foi feita a fim de verificar semelhanças e/ou diferenças no que diz respeito às crenças/atitudes linguísticas referentes aos usos dos possessivos em análise neste trabalho.

De forma geral, essa comparação pode evidenciar o que pensam futuros professores de língua portuguesa sobre as formas *teu/seu* e suas conseqüentes ações no ensino dessas variantes, bem como pode revelar se sexo do informante e o nível de conhecimento linguístico ou gramatical deste influenciam ou alteram as crenças/atitudes linguísticas sobre as formas *teu/seu*.

Na próxima seção, encontram-se a descrição e análise dos resultados encontrados acerca da variação pronominal e das crenças/atitudes linguísticas em relação às variantes *teu/seu*.

5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Este capítulo tem o objetivo de apresentar, descrever e analisar os resultados quantitativos e qualitativos da variação dos possessivos *teu/seu* na amostra investigada, bem como os resultados das crenças/attitudes linguísticas dos participantes em relação a essas variantes.

Primeiramente, seguindo os princípios estatísticos do programa *GoldVarb X* (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005), serão apresentados os resultados gerais da variação *teu/seu*. Em seguida, essa variação será detalhada considerando as variáveis independentes extralinguísticas *sexo* e *registro*. Em um terceiro momento, a variável dependente linguística será descrita de acordo com as variáveis independentes linguísticas estabelecidas. Por fim, descreve-se os dados de *teu/seu* encontrados a partir do teste de crenças/attitudes linguísticas.

5.1 Dados gerais da variação *teu/seu*

De forma geral, obteve-se, no *corpus* analisado, que foi constituído de 86 redações, uma amostra de 131 ocorrências da variação pronominal *teu/seu*. Dentre estas aplicações de possessivos de segunda pessoa, houve apenas 10 ocorrências da variante *teu* e 121 ocorrências da variante *seu*. O gráfico 2, a seguir, ilustra a distribuição e a porcentagem de uso desses dados.

Gráfico 2. Frequência de uso dos possessivos *teu/seu* na amostra investigada

Fonte: pesquisa direta.

O pronome *teu*, que é preconizado pela gramática normativa como sendo o único possessivo referente à segunda pessoa do discurso, obteve uma baixa frequência de uso na língua escrita, apenas 8% dos dados totais, como pode ser visto no gráfico 2. Por outro lado, observa-se a predominância da variante *seu*, que totalizou 92% das ocorrências.

Esse resultado confirma a hipótese estabelecida de que o pronome *seu* seria, de forma geral, o mais usado na língua escrita dos alunos de ensino médio, uma vez que, de acordo com Miranda (2014), o pronome *você* é o mais utilizado na cidade de Caxias – MA, e porque era esperado certo monitoramento estilístico na escrita desses informantes, fato que contribui para o uso de *seu*.

A frequência de uso apresentada no gráfico 2 difere dos resultados de pesquisas que investigaram esta variação pronominal na língua oral, como a de Arduin (2005), em que o pronome *teu* foi mais utilizado com 86% de frequência e como a de Mendes (2008) em que o possessivo *teu* também teve alta frequência de utilização com 85% do total dos dados. Essas diferenças podem ser explicadas pela característica sociolinguística das comunidades linguísticas investigadas e pela modalidade de língua. Os informantes investigados por Arduin (2005) utilizaram majoritariamente o pronome pessoal *tu* (que condiciona o uso do possessivo *teu*), por exemplo, e os de Mendes (2008), ainda que usassem mais o pronome *você* em

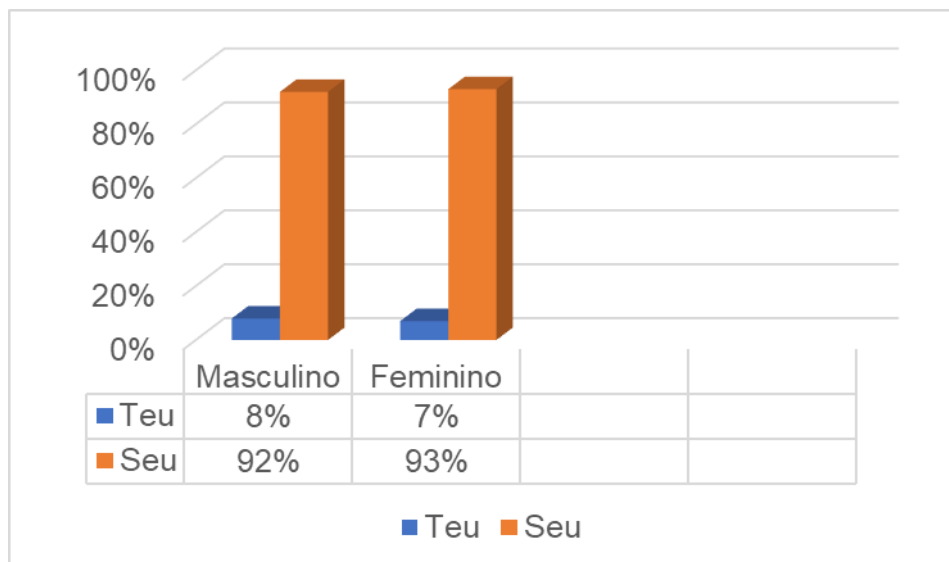
referência à segunda pessoa, aplicaram mais o possessivo *teu*, o que revelou, neste último caso, influência da oralidade. Por conseguinte, há indícios do maior uso de *teu* na oralidade.

Em contrapartida, os achados desta pesquisa vão ao encontro dos resultados de pesquisas que analisaram a variação pronominal *teu/seu* na língua escrita tais como a de Sbalqueiro (2005), na qual o pronome *seu*, assim como neste trabalho, apresentou, igualmente, uma frequência de uso de 92%, bem como a de Vargas (2014) que revelou a frequência de utilização de 84% para a variante *seu*. Estes resultados chamam a atenção para a questão da variação mais intensiva e recorrente na oralidade do que na escrita.

Considerando os resultados indicados no gráfico 2 e os resultados dos estudos relacionados a esta variação pronominal na língua escrita, pode-se evidenciar uma maior preferência ao uso da forma *seu* no que se refere aos textos escritos.

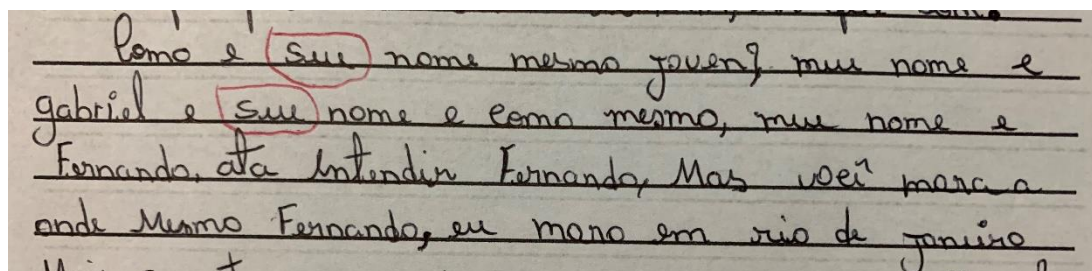
5.2 Variáveis independentes extralinguísticas da variação *teu/seu*

A seguir, descreve-se os resultados encontrados da variação dos pronomes possessivos *teu/seu* na escrita de alunos do terceiro ano do ensino médio, considerando as variáveis extralinguísticas definidas neste trabalho. As variáveis independentes extralinguísticas foram *sexo* (masculino x feminino) e *registro* (formal x informal).

Gráfico 3. Frequência de uso dos possessivos *teu/seu* por sexo

Fonte: pesquisa direta.

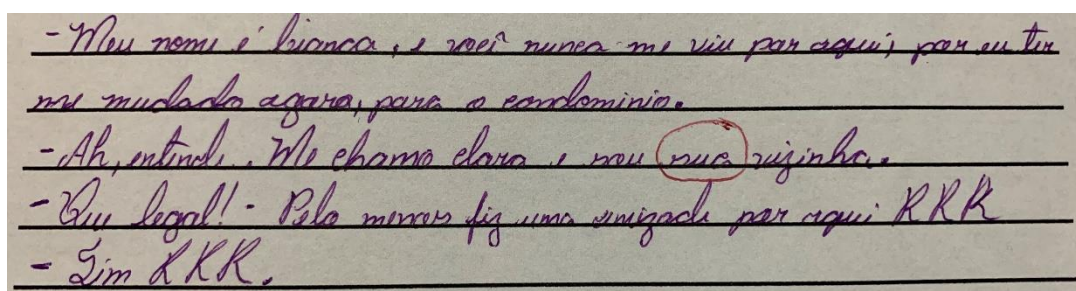
No gráfico 3, constata-se que ambos os sexos usam com baixa frequência a variante *teu* e com alta frequência a variante *seu*. No masculino, das 49 ocorrências de possessivos na escrita, apenas 4 eram do possessivo *teu*, o que totaliza 8% das ocorrências, e 45 eram do possessivo *seu*, somando 92%. Já no sexo feminino, houve 6 aplicações da variante *teu* de um total de 82 ocorrências, constituindo 8% da amostra, e 76 aplicações da variante *seu*, totalizando 93% dos dados. Dessa forma, observa-se que a variante *teu* é ligeiramente mais utilizada pelo sexo masculino e que a variante *seu* é mais usada pelo sexo feminino.

Figura 2. Utilização de *seu* por um informante do sexo masculino

Fonte: pesquisa direta.

Na figura 2, tem-se um exemplo de um diálogo, elaborado por um informante do sexo masculino, entre dois personagens também do sexo masculino (Gabriel e Fernando), em que ambos utilizam a variante *seu* no ato comunicativo.

Figura 3. Utilização de *seu* por um informante do sexo feminino



Fonte: pesquisa direta.

A figura 3 exemplifica o uso do possessivo *seu* em um diálogo entre duas personagens de sexo feminino (Bianca e Clara). Este trecho foi retirado de um texto produzido por uma informante.

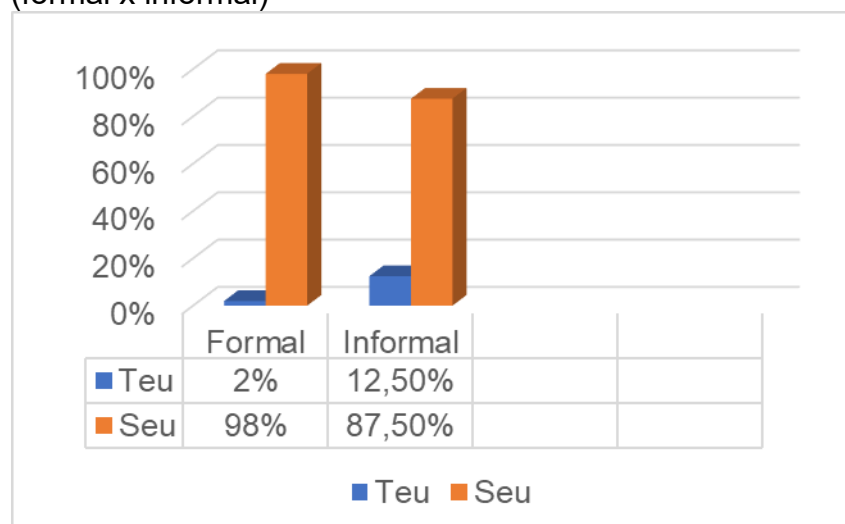
Os resultados do gráfico 3 se aproximam aos de Sbalqueiro (2005) e aos de Mendes (2008) quanto à formalidade da variante *seu*, uma vez que as mulheres foram as que mais a aplicaram. O primeiro trabalho se refere à língua escrita. E, embora a variante *teu* tenha predominado na comunidade investigada por esse último trabalho, o possessivo *seu* foi considerado de uso formal também na língua oral, evidenciando, nessa variação diamésica, a não dicotomia – no contexto de uso formal da linguagem – entre fala e escrita, como defende Coelho et al (2020). Em outros termos, o contexto de formalidade condiciona o uso de *seu* independentemente da modalidade de língua utilizada pelo informante.

Os dados demonstrados, no gráfico 3, também são semelhantes aos de Sbalqueiro (2005) em que a variante *seu* foi mais frequentemente utilizada na língua escrita pelo sexo feminino, uma vez que, segundo esse autor, ela concorda com o pronome *você* que, assim como em Caxias – MA, é de uso categórico também em Curitiba – PR.

Devido à distribuição desigual da ocorrência dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular nos contextos de uso formal e informal da linguagem, o

que poderia enviar a quantificação dos pesos relativos, apresenta-se no gráfico 4, a seguir, apenas a frequência de uso em porcentagem das variantes em análise.

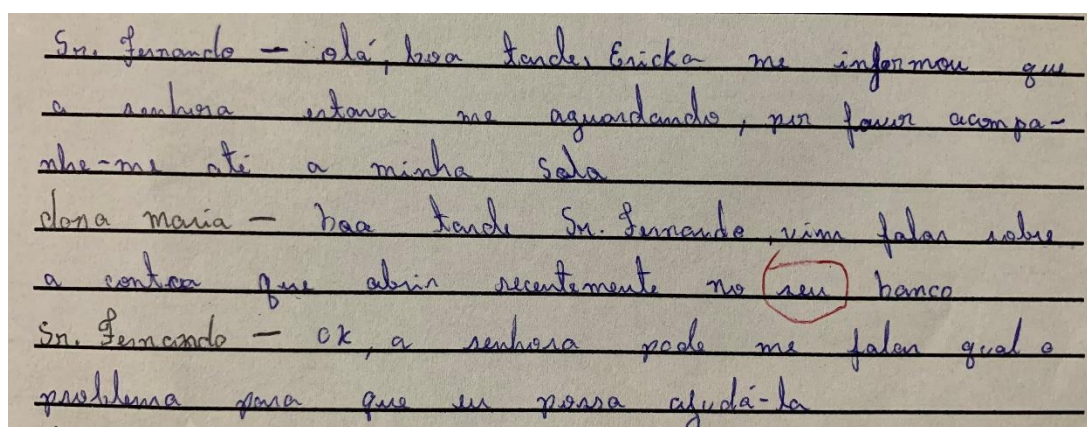
Gráfico 4. Frequência de uso das variantes *teu/seu* por registro (formal x informal)



Fonte: pesquisa direta.

Nota-se, no gráfico 4, o uso mais frequente da variante *seu* em ambos os contextos de uso da língua (formal e informal), como exemplo da utilização dessa variante nesses contextos, tem-se as figuras 4 e 5.

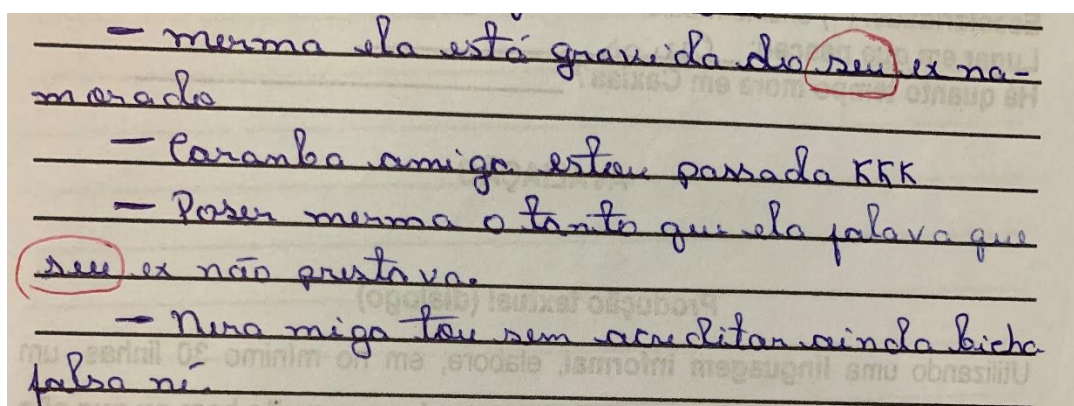
Figura 4. Uso de *seu* em contexto de formalidade.



Fonte: pesquisa direta.

Vê-se, na figura 4, a utilização da variante *seu* no uso da linguagem formal. No texto expresso na figura 4, além dos termos lexicais “senhora”, “sr” e de aspectos gramaticais como a utilização da ênclise em “acompanhe-me” e “ajuda-la”, tem-se também o tópico do assunto (abertura de conta em banco) como evidência de um diálogo em que os indivíduos tentam utilizar uma linguagem mais elaborada.

Figura 5. Uso de *seu* em contexto linguístico de *informalidade*



Fonte: pesquisa direta.

Por outro lado, na figura 5, vê-se, um diálogo entre duas pessoas que se conhecem. O uso de expressões como “merma”, “caramba”, “estou passada”, “kkk”, “poser (pois é)”, “nera” (não era), “miga”, “tou” e “bicha falsa né” evidenciam a utilização de linguagem informal e descontraída. Apesar disso, o pronome *seu* foi utilizado.

No registro formal, obteve-se 98% de uso do possessivo *seu*, ao passo que o possessivo *teu* foi utilizado em apenas 2%. Já no contexto de uso informal da linguagem, verifica-se um decréscimo da variante *seu* de 98% para 87,5% e um aumento da frequência de *teu* de 2% para 12,5%. Esses dados evidenciam maior formalidade para a variante *seu* e maior frequência de *teu* na produção escrita informal, revelando um certo monitoramento estilístico no uso de formas linguísticas, como defende Bortoni-Ricardo (2004).

As tabelas 9 e 10, a seguir, revelam de forma mais clara a distribuição dessas variantes considerando também a influência do sexo dentro desta variável independente extralinguística de uso formal e informal da linguagem.

Tabela 9. Frequência de uso das variantes *teu/seu* por sexo considerando o contexto de *formalidade*

ESCRITA FORMAL				
Variantes	Masculino		Feminino	
	Aplicação/totalidade	%	Aplicação/totalidade	%
Teu	1/12	8,3	0/47	0
Seu	11/12	91,6	47/47	100%

Fonte: pesquisa direta.

Cotejando os dados do gráfico 4 com os da tabela 9, atesta-se um baixo uso da variante *teu* no contexto de formalidade em relação aos de informalidade. É possível perceber, nos dados da tabela 9, apenas 01 ocorrência desse pronome, aplicada por um participante do sexo masculino, o que totalizou 8,3% da amostra. Adicionalmente, é importante ressaltar que os participantes do sexo feminino não utilizaram essa variante, o que reitera a tendência de as mulheres a usarem mais frequentemente os elementos mais formais da língua.

No que tange à variante *seu*, observa-se uma alta utilização desta, tanto pelo sexo masculino quanto, principalmente, pelo sexo feminino, com respectivamente, 91,5% e 100% dos dados. Portanto, atesta-se a tendência das mulheres a usarem mais frequentemente as variantes mais formais da língua como diz Labov (1972) e como atestado em Sbalqueiro (2005).

Em Miranda (2014), os informantes do sexo masculino são os que mais utilizam o pronome *tu*, e os do sexo feminino são os que mais usam o pronome *você*. Portanto, esses resultados corroboram a influência do *paralelismo formal* na utilização desses possessivos na escrita, pois *teu* foi mais presente entre os homens e *seu* entre as mulheres.

Tabela 10. Frequência de uso das variantes *teu/seu* por sexo considerando o contexto de *informalidade*

ESCRITA INFORMAL				
Variantes	Masculino		Feminino	
	Aplicação/totalidade	%	Aplicação/totalidade	%
Teu	3/37	8,1	6/35	17,1
Seu	34/37	91,8	29/35	82,8

Fonte: pesquisa direta.

Observando a tabela 10, nota-se que na produção de textos informais os informantes do sexo masculino mantêm praticamente a mesma frequência de uso do possessivo *teu*, passando de 8,3% na produção de textos formais (ver tabela 9) para 8,1% na elaboração de textos informais, um leve decréscimo. Em contrapartida, na escrita informal, constatou-se um aumento significativo no uso da variante *teu* pelas informantes do sexo feminino, variando de 0% na produção formal para 17,1% na produção informal.

Em relação à variante *seu*, é possível notar uma maior utilização desta variante pelo sexo masculino com 91,8% de frequência e uma diminuição no uso desse pronome pelo sexo feminino, que somou apenas 82,8% das ocorrências. Essa redução no uso de *seu* pelas mulheres neste contexto é consequência da elevação da utilização de *teu*.

Esses dados podem evidenciar, no contexto linguístico de informalidade, uma maior variabilidade dos possessivos *teu/seu* na língua utilizada por informantes do sexo feminino ou, até mesmo, uma maior consciência sociolinguística destes sobre a utilização dessas variantes.

5.3 Variáveis independentes linguísticas da variação *teu/seu*

Apresenta-se, a seguir, os resultados encontrados da variação *teu/seu* de acordo com as variáveis independentes linguísticas previamente estabelecidas. Essas variáveis são: *flexão de gênero*, *flexão de número*, *posição do possessivo em relação ao termo possuído*, *paralelismo formal*, *função sintática*, *vocativo*, *animacidade do sintagma possuído*, *artigo definido no sintagma possessivo*, *contração do determinante com a proposição e*, por fim, *tipo de sintagma*.

Assim como em Vargas (2014), devido ao número reduzido de dados e da possibilidade de muitos *knockouts*, fez-se necessário apresentar somente a análise de percentual de ocorrências.

Tabela 11. Frequência de uso das variantes *teu* e *seu* por flexão de gênero

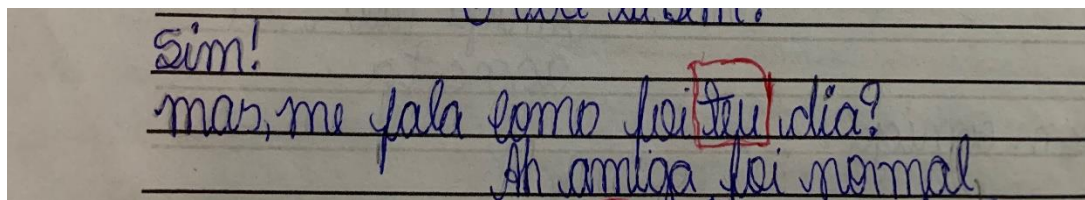
FLEXÃO DE GÊNERO				
	TEU		SEU	
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%
Masculino	6/10	60	73/121	60,3
Feminino	4/10	40	48/121	39,7

Fonte: pesquisa direta.

A tabela 11 mostra que as variantes *teu* e *seu* tiveram frequências de uso praticamente iguais no que se refere ao gênero do possessivo. Isso se deve ao fato de que, de acordo com Câmara Jr (2002), em língua portuguesa, o gênero masculino designa uma forma geral, não marcada e, portanto, é mais frequente, ao passo que a forma marcada é o feminino, a qual indica algum tipo de especificação.

A forma *teu* obteve 60% de frequência no gênero masculino e 40% no feminino. A forma *seu*, com muito mais ocorrências que sua concorrente, obteve uma frequência semelhante no gênero masculino e no feminino com 60,3% e 39,7%, respectivamente. A figura 6, a seguir, ilustra o maior uso das variantes em sua forma masculina.

Figura 6. Possessivo *teu* em sua forma masculina.



Fonte: pesquisa direta.

Portanto, observa-se que ambos os pronomes ocorrem mais frequentemente na flexão de gênero masculino. Esses dados corroboram os de Vargas (2014), uma vez que houve mais ocorrências de pronomes no traço masculino.

Tabela 12. Frequência de uso das variantes *teu* e *seu* por flexão de número

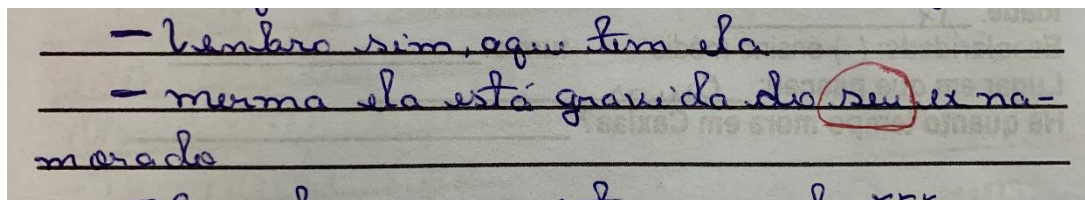
	FLEXÃO DE NÚMERO			
	TEU		SEU	
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%
Singular	10/10	100	111/121	91,7
Plural	0/10	0	10/121	8,3

Fonte: pesquisa direta.

Quanto aos traços de número do possessivo descritos na tabela 12, observa-se a atuação mais frequente dos dois possessivos no singular. A variante *teu*, por exemplo, não ocorreu no plural e, por outro lado, foi categórica no singular. É o que se pode constatar nos exemplos constantes da figura 6, indicando, neste contexto linguístico, uma preferência dos informantes pela variante *seu*.

Na mesma direção, a variante *seu* totalizou 91,7% de suas ocorrências no singular e apenas 8,3% no plural, indicando forte tendência de uso desses pronomes neste contexto linguístico (singular). Como exemplo da atuação *seu* no singular, tem-se a figura 7.

Figura 7. Exemplo de *seu* no singular.



Fonte: pesquisa direta.

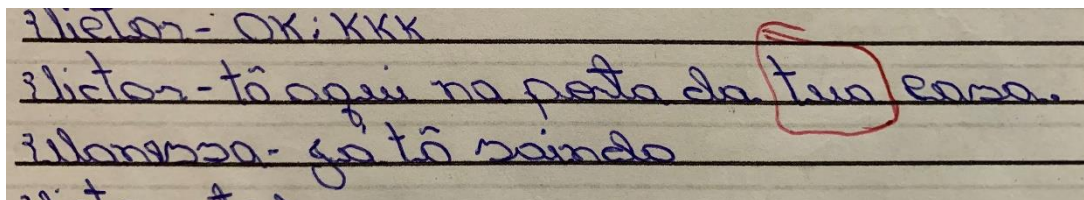
Em Vargas (2014), a frequência de uso das duas variantes também foi maior no singular, entretanto é ligeiramente inferior aos dados apresentados neste trabalho.

Tabela 13. Frequência de uso das variantes *teu* e *seu* por posição do pronome possessivo

POSIÇÃO DO POSSESSIVO EM RELAÇÃO AO TERMO POSSUÍDO				
	TEU		SEU	
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%
Anteposto	10/10	100	103/121	85,1
Posposto	0/10	0	3/121	2,5
Elipse	0/10	0	15/121	12,4

Fonte: pesquisa direta.

Os resultados constantes da tabela 13 confirmam o que é mais comum na escrita da língua portuguesa em relação à posição do pronome possessivo. Vê-se o uso majoritário das formas *teu/seu* na posição anteposta, com unanimidade para a variante *teu*, 100%, e 85,1% de frequência para a variante *seu*. Tem-se na figura 8 uma exemplificação do uso de uma das variantes na posição mais frequente.

Figura 8. Exemplo de *teu* na posição anteposta

Fonte: pesquisa direta.

Na posição posposta, mais incomum, houve apenas 3 ocorrências, todas do pronome *seu*, totalizando 2,5% da amostra. Em elipse, foram encontradas 15 ocorrências, somando 12,4% dos dados. Esses resultados são similares aos de Mendes (2014) com a diferença de que nestes a elipse mostrou-se mais produtiva do que a posição posposta, fato não observado no trabalho supracitado.

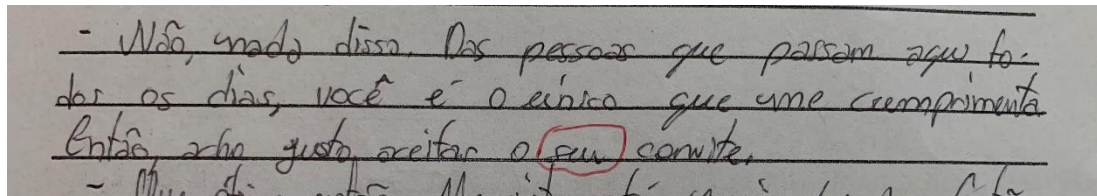
Tabela 14. Frequência de uso das variantes *teu* e *seu* por *paralelismo formal*

PARALELISMO FORMAL				
	TEU		SEU	
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%
Com paralelismo	1/40	2,5	39/40	97,5
Sem paralelismo	9/91	9,9	82/91	90,1

Fonte: pesquisa direta.

De acordo com os dados da tabela 14, é possível notar a relevância da variável *paralelismo formal* para o aumento da frequência de uso do possessivo *seu*, ou seja, quando o pronome *você* foi utilizado explicitamente, a porcentagem de utilização do possessivo *seu* foi de 97,5%. Na ausência desse pronome pessoal, o percentual continua alto, porém cai para 91,1%. A figura 9 exemplifica uma ocorrência de paralelismo formal.

Figura 9. Exemplo do *paralelismo formal* da variante *seu* com o pronome *você* na escrita de um aluno



Fonte: pesquisa direta.

O aluno escreveu: “(...) **você** é o único que me cumprimenta. Então acho justo aceitar o **seu** convite”.

Por outro lado, devido à baixa frequência de uso de *teu*, o *paralelismo formal* não se mostrou produtivo para esta variante, pois foram apenas 2,5% com o *paralelismo* e 9,9% sem essa variável.

O número de ocorrências de paralelismo formal, sobretudo em relação a *seu*, indica e confirma a maior utilização do pronome *você* nos textos dos alunos. É importante ressaltar que *você* é o pronome pessoal mais usado pelos caxienses, de acordo com Miranda (2014).

A relevância do paralelismo formal neste estudo corrobora os resultados encontrados em alguns estudos, como o de Arduin (2005), Sbalqueiro (2005) e Vargas (2014).

Observa-se que o número de ocorrências do uso dos possessivos acompanhados pelos pronomes pessoais foi inferior aos casos da ausência destes, e isso pode ter ocorrido por dois motivos. O primeiro está relacionado com o *corpus* investigado, que é constituído do gênero textual diálogo em que há o uso linguístico de um interlocutor que pode usar os pronomes pessoais em um primeiro momento, em uma primeira frase, e depois omiti-los, com o objetivo de evitar a repetição destes.

O segundo tem relação com a metodologia de análise utilizada neste trabalho, que considerou apenas os usos explícitos dos pronomes *tu* e *você*, assim como foi feito em outros estudos como o de Arduin (2005), Vargas (2014), Sbalqueiro (2005). Dessa forma, não foi considerado, por exemplo, a presença desses pronomes na

morfologia dos verbos, fato que ocorreu bastante, principalmente do pronome *você*, que foi o mais utilizado neste contexto.

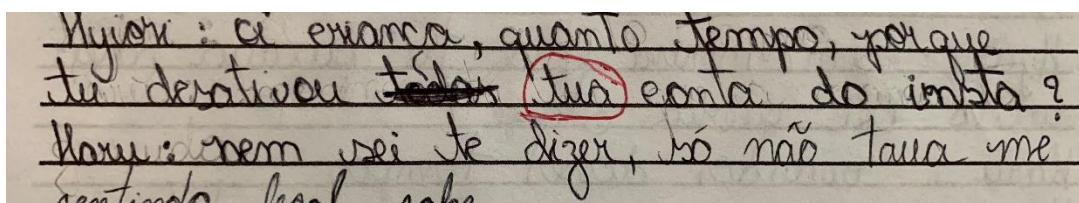
Tabela 15. Frequência de uso das variantes *teu* e *seu* por *função sintática*

	FUNÇÃO SINTÁTICA			
	TEU		SEU	
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%
Sujeito	3/10	30	58/121	47,9
Pred. do sujeito	1/10	10	13/121	10,7
Objeto direto	4/10	40	24/121	19,8
Objeto indireto	2/10	20	26/121	21,4

Fonte: pesquisa direta.

Considerando as funções sintáticas mais propícias para o aparecimento das variantes *teu/seu*, a tabela 15 revela uma distribuição diferente desses pronomes nas funções sintáticas selecionadas. *Teu* foi mais frequente na função de objeto direto com 40%, enquanto *seu* ocorreu majoritariamente na função de sujeito com 47,9%. Nas figuras 10 e 11 podem ser vistos, respectivamente, exemplos de *teu* como *objeto direto* e *seu* como *sujeito*.

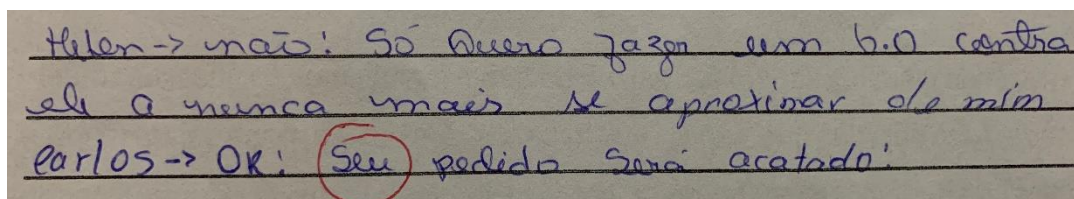
Figura 10. Exemplo de *teu* na função de objeto direto



Fonte: pesquisa direta.

Na figura 10, um informante escreveu a seguinte frase: “(...) porque tu **desativou tua** conta do *insta*?”

Figura 11. Exemplo de *seu* na função de sujeito



Fonte: pesquisa direta.

Como predicativo do sujeito, a frequência de uso foi parecida para ambas as variantes, 10% para *teu* e 10,7% para *seu*. Na função de objeto indireto, não houve diferença significativa entre a frequência de uso das variantes, pois houve 20% para *teu* e 21,4% para *seu*.

Em suma, dividindo as ocorrências em duas categorias de análise, uma atrelada ao sujeito (sujeito e predicativo de sujeito) e uma ao objeto (objeto direto e objeto indireto) e somando-as, observa-se maior frequência de *teu* em relação ao objeto, 60%, e maior frequência de *seu* em relação ao sujeito, 58,6%.

Acredita-se que o que favorece a tendência de uso do possessivo *seu* atrelada ao sujeito é um dos enunciados da proposta de produção textual do gênero diálogo, em que foi solicitado uma conversa formal entre duas pessoas que não se conheciam. Partindo disso, houve na escrita dos informantes uma grande quantidade de perguntas como “Qual é o *seu* nome?” em que o pronome *seu* assume a função ou de *sujeito* ou de *predicativo do sujeito*, dependendo do sentido proposto pelo informante e da ordem dos termos constituintes da oração.

Já o uso majoritário de *teu* como objeto (direto ou indireto) se deu pela expressiva e majoritária utilização de *seu* no total de toda a amostra, especificamente nas funções de *sujeito* e *predicativo do sujeito*, o que, conseqüentemente, barra a utilização de *teu* nessas funções, sobrando para esta variante apenas as funções de objeto. Na figura 2, há um exemplo de *seu* na função de sujeito em uma oração interrogativa. Nela, o informante escreve: “*seu* nome é

como mesmo?”, frase que evidencia um diálogo entre duas pessoas que não se conhecem.

Tabela 16. Frequência de uso das variantes *teu* e *seu* por *presença/ausência de vocativo*

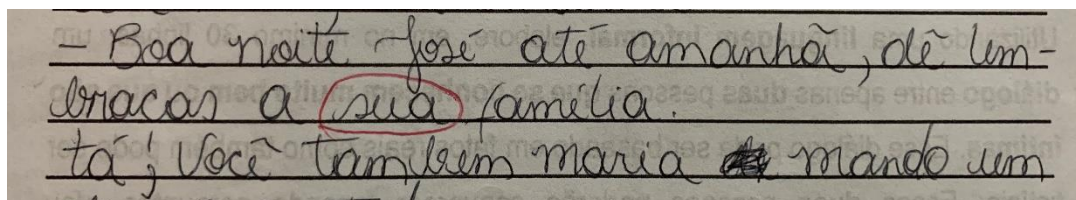
PRESENÇA/AUSÊNCIA DE VOCATIVO				
	TEU		SEU	
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%
Com vocativo	2/39	5,1	37/39	94,9
Sem vocativo	8/92	9,7	84/92	91,3

Fonte: pesquisa direta.

Na tabela 16, é possível notar as duas variantes ocorrendo mais frequentemente diante da ausência de vocativo. Porém, quando houve a presença de vocativo, nota-se uma preferência maior dos informantes pela variante *seu* com 94,9% contra apenas 5,1% da variante *teu*. Neste caso, em síntese, as duas variantes têm comportamentos distintos, pois *teu* se mostra mais frequente na ausência de vocativo e *seu* na presença.

Estes resultados fornecem evidências de que o *vocativo* na amostra investigada foi empregado majoritariamente em *interações simétricas entre iguais*, em que o locutor não se sente superior e nem inferior ao interlocutor e *vice versa*. Fato que, de acordo com Arduin (2005), contribui para a utilização do possessivo mais frequente, que, neste acaso, é a variante *seu*. Adicionalmente, deduz-se que mesmo quando o falante não utiliza os pronomes pessoais *tu* e *você* e quando utiliza um *vocativo*, ele ainda assim dá preferência ao possessivo *seu*.

A presença de *seu* diante de vocativo pode ser vista na figura 12.

Figura 12. Exemplo de *seu* com a presença de *vocativo*

Fonte: pesquisa direta.

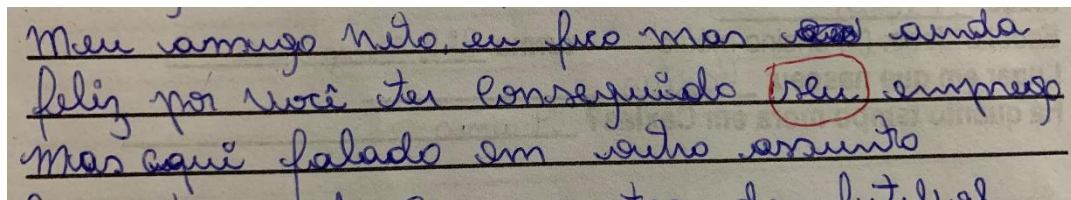
Em comunhão com Arduin (2005), o vocativo se mostrou estatisticamente relevante para a utilização de *seu* já que este obteve um percentual maior na presença de vocativo do que na ausência desta variável. No caso de Arduin (2005), *teu* foi o pronome mais frequente diante de vocativo, ressaltando que o pronome *teu* foi o mais utilizado na amostra investigada pela autora.

Tabela 17. Frequência de uso das variantes *teu* e *seu* por *animacidade do sintagma possuído*

ANIMACIDADE DO SINTAGMA POSSUÍDO				
	TEU		SEU	
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%
Animado (- humano)	0/10	0	5/121	4,1
Animado (+ humano)	0/10	0	32/121	26,4
Inanimado	10/10	100	84/121	69,5

Fonte: pesquisa direta.

A tabela 17 evidencia que ambas as variantes são mais frequentes diante de sintagmas com traço inanimado. A variante *teu* lidera esse quesito com todas as suas ocorrências, 100%, diante deste contexto semântico. Logo em seguida, *seu* obtém 69,5% dos dados nesta variável. Esse tipo de ocorrência pode ser visualizado na figura 13.

Figura 13. Exemplo de *seu* diante de um termo possuído inanimado

Fonte: pesquisa direta.

Os sintagmas animados (+ humano) e animado (- humano) se revelaram apenas acompanhados pelo pronome *seu* com, respectivamente, 26,4% e 4,1% para cada, diferindo dos dados de Vargas (2014), em que os traços animados obtiveram frequências de 85%. Esses dados, por outro lado, se aproximam dos resultados encontrados em Oliveira e Silva (1991) em que *seu*, o qual foi utilizado em referência à terceira pessoa do singular, foi mais recorrente diante termos inanimados. Ou seja, os resultados deste trabalho apontam que essa variável se mostrou relevante, também, em referência à segunda pessoa do singular.

Tabela 18. Frequência de uso das variantes *teu* e *seu* por *presença/ausência de artigo definido no sintagma possessivo*

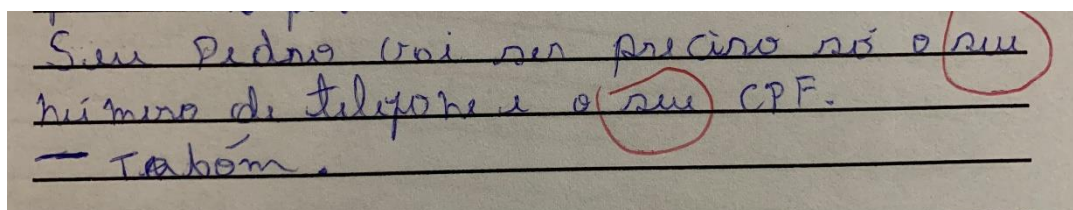
ARTIGO DEFINIDO NO SINTAGMA POSSESSIVO				
	TEU		SEU	
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%
Com artigo	1/39	2,5	38/39	97,5
Sem artigo	9/92	9,7	83/92	90,3

Fonte: pesquisa direta.

Embora com frequência baixa na amostra investigada, os resultados da tabela 18 indicam maior frequência de uso da variante *teu* na ausência de artigo definido no sintagma possessivo com o total de 9,7% e menor na presença do artigo, o que totaliza 2,5%.

Na contramão da variante *teu*, *seu* se torna mais presente diante de artigo definido com 97,5% versus 90,3% na ausência desse tipo de artigo. Na figura 14, vê-se duas ocorrências de *seu* diante de artigo definido.

Figura 14. Exemplo de *seu* com a presença de artigo definido



Fonte: pesquisa direta.

Na figura 14, lê-se “Seu Pedro vai ser preciso só **o seu** número de telefone e **o seu** CPF.”

No que tange à presença de artigo definido no sintagma possessivo, os números apresentados, na tabela 18, vão na mesma direção dos de Vargas (2014) e são maiores em porcentagem, uma vez que nos dados dessa autora a frequência para presença e ausência de *seu*, que foi também o pronome mais utilizado, é, respectivamente, 85% e 84%.

Este resultado indica que a variante *seu* é bem mais utilizada pelos informantes de Caxias – MA do que pelas comunidades investigadas por Vargas (2014). Adicionalmente, infere-se que quanto mais definido for o termo possuído maior será a probabilidade de uso de *seu*.

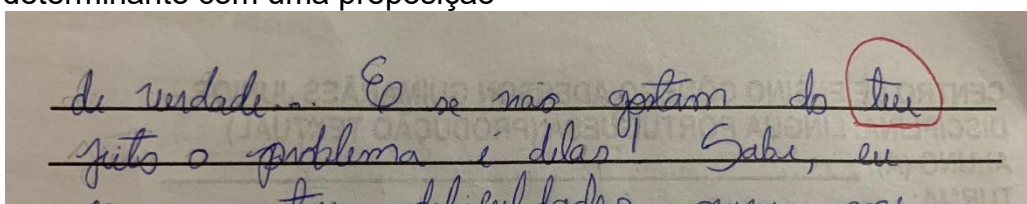
Tabela 19. Frequência de uso das variantes *teu* e *seu* por *presença/ausência de contração do determinante com a preposição*

CONTRAÇÃO DO DETERMINANTE COM A PREPOSIÇÃO				
	TEU		SEU	
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%
Com contração	3/21	14,2	18/21	85,7
Sem contração	7/110	6,3	103/110	93,6

Fonte: pesquisa direta.

Assim como em Vargas (2014), infere-se pela tabela 19, que o possessivo *teu* tem pouca utilização tanto no contexto com contração do determinante com a preposição, em que ele apresenta o total de 14,2%, quanto na ausência de contração, representando 6,3%, frequência esta maior do que a de 0% encontrado em Vargas (2014). A figura 15 ilustra uma ocorrência de *teu* diante da contração do determinante com uma preposição.

Figura 15. Exemplo de *teu* antecedido de uma contração de um determinante com uma preposição



Fonte: pesquisa direta.

A frase que pode ser lida na figura 15 é: “(...) E se não gostam **do** teu jeito o problema é delas (...)”. Há, neste caso, a contração da preposição **de** com o artigo definido **o** (**de + o = do**), gerando **do**.

Em compensação, vê-se maior atuação da variante *seu* diante da ausência de contração, com um total de 93,6% dos dados e verifica-se, também, 85,7% da utilização de *seu* diante de contração.

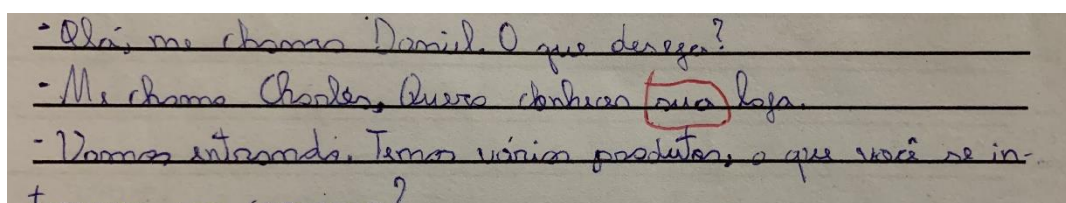
Tabela 20. Frequência de uso das variantes *teu* e *seu* por *tipo de sintagma*

TIPO DE SINTAGMA				
	TEU		SEU	
	Aplicação/total	%	Aplicação/total	%
Sintagma nominal	7/93	7,5	86/93	92,4
Sintagma preposicional	3/38	7,8	35/38	92,1

Fonte: pesquisa direta.

Considerando o tipo de sintagma em que as variantes se encontram, os resultados constantes da tabela 20 não representam grandes diferenças. O possessivo *teu* apresenta 7,5% de frequência no sintagma nominal e 7,8% no sintagma preposicional (ver figura 15 como exemplo dessa ocorrência), ambos abaixo das frequências apresentadas por Vargas (2014) para esse mesmo contexto, que são, respectivamente, 20% e 11%.

Em contrapartida, *seu* detém 92,4% no sintagma nominal, diferindo dos 79% encontrados em Vargas (2014), e 91,1% no sintagma preposicional, contra 88% de Vargas (2014), indicando uma diferença insignificante entre as variáveis nos dados da tabela 20. O maior uso de *seu* em sintagmas nominais pode ser explicado pela alta frequência de uso dessa variante na função de sujeito, como pode ser visto na tabela 15. A figura 16, a seguir, ilustra o uso de *seu* em sintagma nominal.

Figura 16. Exemplo de *seu* presente em um sintagma nominal

Fonte: pesquisa direta.

Portanto, *seu* é mais utilizado diante de sintagma preposicionado no estudo de Vargas (2014) ao passo que neste estudo essa variante foi ligeiramente mais presente no sintagma nominal.

Na seção a seguir, descreve-se e analisa-se os dados referentes às crenças/attitudes linguísticas de informantes do terceiro ano do ensino médio e de graduandos em Letras - Português sobre as variantes *teu/seu*.

5.4 Resultados das crenças/attitudes linguísticas

No que tange às crenças/attitudes linguísticas dos participantes, o objetivo deste trabalho foi descobrir qual é, na visão de informantes do terceiro ano de ensino médio e na de graduandos em Letras – Português, a variante linguística mais prestigiada nos contextos de formalidade e de informalidade.

Para verificar as variantes mais prestigiadas nos contextos supracitados, as seguintes questões, no quadro 9, dentre outras, foram aplicadas aos alunos e aos universitários.

Quadro 9. Questões 1 e 2 do teste de crenças/attitudes.

Questão 1 – **Em um contexto de formalidade**, qual das frases abaixo é melhor para se referir a um (a) professor (a)?

- () Professor(a), o teu pincel caiu no chão.
- () Professor(a), o seu pincel caiu no chão.
- () Ambas as alternativas são igualmente boas.

Justifique a alternativa escolhida.

Questão 2 - **Em um momento de informalidade**, qual das frases abaixo é melhor para se referir a um(a) amigo(a)?

- () Ei, me empresta aí tua caneta.
- () Ei, me empresta aí sua caneta.
- () Ambas as alternativas são igualmente boas.

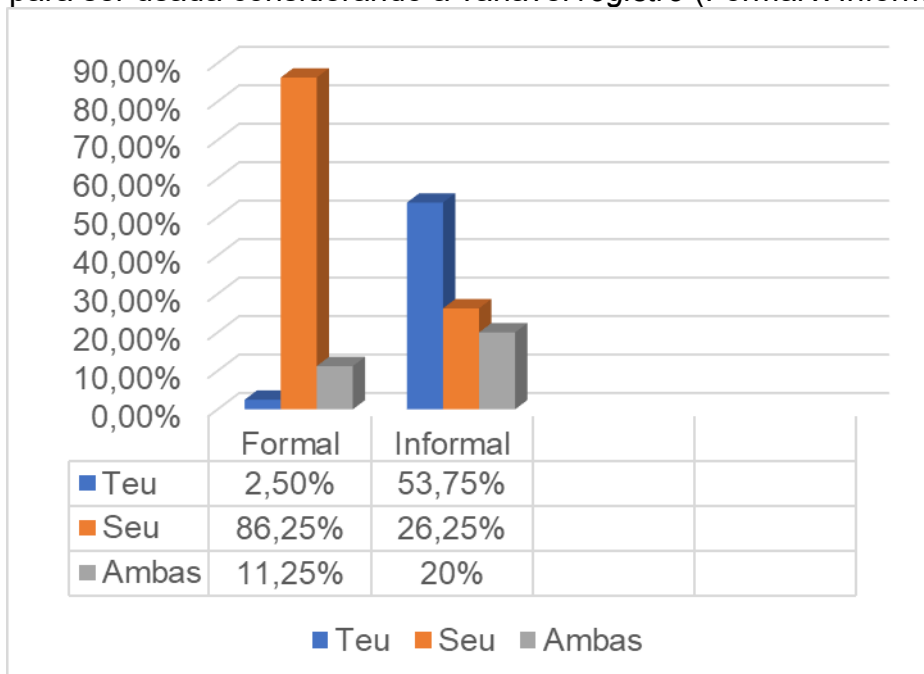
Justifique a alternativa escolhida.

Fonte: elaboração própria.

Observa-se que as perguntas proporcionam três opções de respostas, uma com a variante *teu*, uma com a variante *seu* e uma com *ambas* alternativas. A escolhida entre as duas primeiras pode evidenciar uma crença/atitude positiva em relação à variante dentro do contexto estabelecido, já a escolha da terceira opção, *ambas*, pode evidenciar uma crença/atitude neutra. Vale ressaltar que, neste trabalho, atitudes linguísticas são tratadas por um posicionamento, avaliação ou resposta do informante frente a um fato sociolinguístico. Dessa forma, as atitudes linguísticas englobam as crenças, pois os informantes escolhem a opção que julgam melhor ou mais adequada, como estabelecem Cyranka (2007) e Moreno Fernández (1998).

A seguir, os resultados das crenças/attitudes linguísticas são apresentados conforme as variáveis *registro* (formal x informal), *sexo* (masculino x feminino) e *escolaridade* (último ano de ensino médio x graduandos em Letras).

Gráfico 5. Crenças/attitudes linguísticas sobre qual variante é melhor para ser usada considerando a variável *registro* (Formal x Informal)



Fonte: pesquisa direta.

Os dados revelados no gráfico 5 indicam que os falantes alternam a escolha das variantes de acordo com o contexto de uso linguístico. No contexto formal, a variante *seu* foi a preferida dos informantes com frequência de 86,25% (69 aplicações de um total de 80), seguida da alternativa *ambas* que obteve 11,25% (9/80) e, por último, aparece a variante *teu* com apenas 2,5% (2/80) de frequência.

No contexto informal, o possessivo *teu* lidera com pouco mais da metade dos dados, 53,75% (43/80). Em seguida, nota-se a variante *seu* com 26,25% (21/80) e a alternativa *ambas* com 20% (16/80).

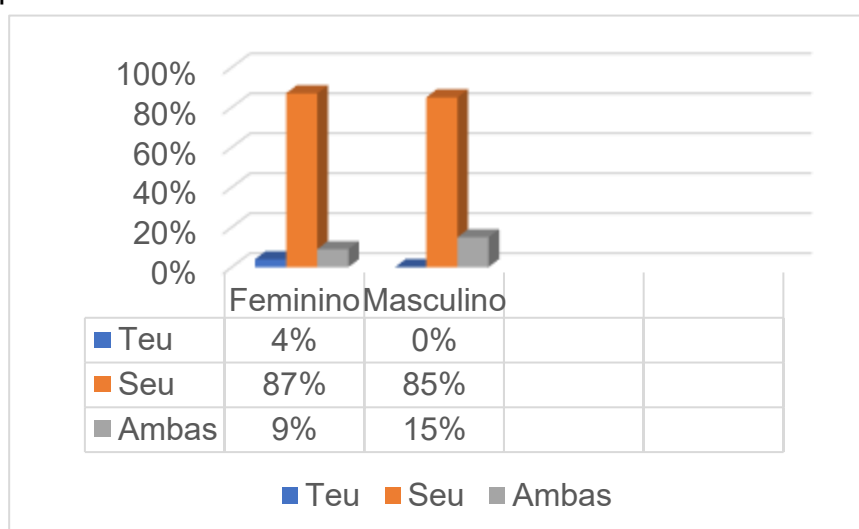
Em suma, conclui-se que: o possessivo *teu*, mesmo não tendo uma frequência tão alta, é o mais prestigiado em situações informais; o possessivo *seu* é altamente preferido no contexto de formalidade; e a variante neutra, *ambas*, é pouco produtiva em ambas as circunstâncias comunicativas, sendo ligeiramente mais utilizada em situações informais.

Esses resultados confirmam as hipóteses levantadas de que o pronome *seu* seria julgado como melhor em momentos formais e que *teu* seria avaliado como melhor em situações informais e corroboram o estudo de Arduin (2005), que

hipotetizou *seu* como sendo mais formal e *teu* como mais informal. Todavia, levando em consideração a escrita dos informantes do ensino médio, viu-se, no gráfico 4, que a variante *seu* tende a se sobressair tanto na língua escrita formal quanto na informal, evidenciando pouca variação nesta modalidade de língua.

Essa majoritária preferência pela variante *teu* no contexto de informalidade fornece evidências de uma possível mistura de tratamento entre os pronomes “*você* e *teu*” na oralidade dos caxienses, pois, segundo Miranda (2014), o pronome *você* é o mais utilizado no vernáculo (língua não monitorada) dos falantes de Caxias – MA.

Gráfico 6. Crenças/attitudes linguísticas por sexo sobre qual variante é melhor para ser usada no contexto de formalidade



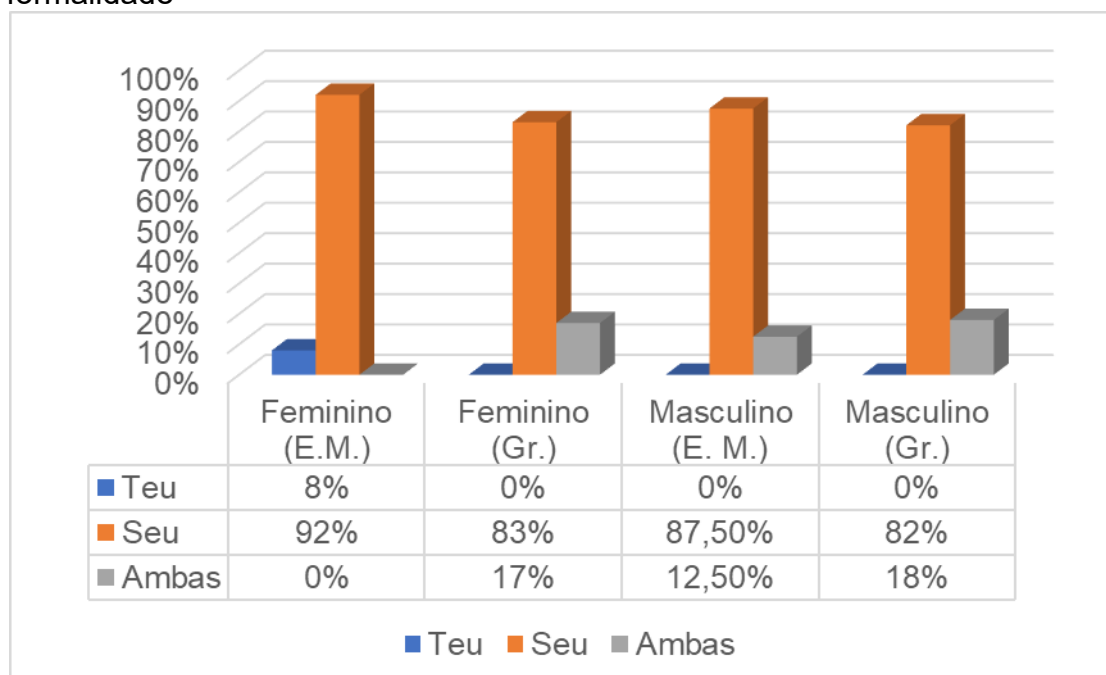
Fonte: pesquisa direta.

O gráfico 6 mostra, considerando os dados gerais, um amplo domínio da variante *seu* no contexto de formalidade. Esse uso majoritário de *seu* ocorre devido à quantidade maior desta variante na amostra e ao monitoramento estilístico causado pelo contexto comunicativo. Esta variante é considerada melhor nessa circunstância principalmente pelas mulheres, com 87% de uso. Os homens aparecem logo atrás com uma frequência ligeiramente menor, 85%. O uso exclusivo do possessivo *teu* revelou-se apenas no sexo feminino com apenas 4% de

frequência. Por outro lado, os informantes do sexo masculino são os que mais consideram o uso de ambos os pronomes neste contexto sociolinguístico, com frequência de uso de 15% contra 9% do sexo feminino.

Os resultados vão na mesma direção dos dados da tabela 9 em que as mulheres apresentaram maior utilização de *seu* na produção escrita formal. Com isso, tem-se mais uma evidência do maior prestígio dado ao possessivo *seu*. Portanto, nota-se, neste caso, prestígio encoberto (LABOV, 1972), uma vez que a variante *seu* não é considerada pela gramática normativa como um pronome possessivo de segunda pessoa do singular, porém ela é altamente utilizada e prestigiada, nessa função gramatical, no uso linguístico da comunidade investigada.

Gráfico 7. Crenças/attitudes linguísticas na correlação de *sexo* com *escolaridade* sobre qual variante é melhor para ser usada no contexto de formalidade



Fonte: pesquisa direta.

Correlacionando as variáveis independentes *sexo* e *escolaridade*, observa-se no gráfico 7 o uso da variante *teu* apenas pelas informantes do ensino médio com 8%. Vê-se, também, uma escolha maior da variante *seu* pelos informantes do ensino médio, sendo as alunas deste nível de escolaridade as que mais a utilizam, com um

total de 92%. Por fim, os graduandos e as graduandas mostram-se como os maiores utilizadores da opção *ambas* (que engloba tanto *teu* quanto *seu*) com, respectivamente, 18% e 17% da amostra.

As alunas do ensino médio e as graduandas em Letras justificaram a escolha da variante *seu* de forma semelhante. Das 22 justificativas dadas pelas alunas para a escolha de *seu*, 12 tiveram como palavra-chave ‘respeito’ e 6 tiveram a palavra “formalidade”. Na mesma direção, das 24 justificativas apresentadas pelas graduandas, 12 consideraram o possessivo *seu* como uma forma de “respeito” e 11 como pronome mais “formal”.

As figuras 17 e 18 ilustram, dentre outras, as respostas mais apresentadas pelas informantes do sexo feminino de ambos os níveis de escolaridade.

Figura 17. Justificativa de uma aluna do ensino médio para a escolha da variante *seu* no contexto de formalidade.

1. **Em um contexto de formalidade**, qual das frases abaixo é melhor para se referir a um (a) professor (a)?

() Professor(a), o teu pincel caiu no chão.
 (X) Professor(a), o seu pincel caiu no chão.
 () Ambas as alternativas são igualmente boas.

Justifique a alternativa escolhida.
Uma forma de mostrar respeito ao professor(a),

Fonte: pesquisa direta.

Na figura 17, uma aluna de ensino médio justifica sua escolha para o uso de *seu* afirmando ser este pronome: “uma forma de mostrar **respeito** ao professor (a)”.

Figura 18. Justificativa de uma graduanda em Letras para a escolha da variante *seu* no contexto de formalidade.

1. **Em um contexto de formalidade**, qual das frases abaixo é melhor para se referir a um (a) professor (a)?

() Professor(a), o teu pincel caiu no chão.
 (X) Professor(a), o seu pincel caiu no chão.
 () Ambas as alternativas são igualmente boas.

Justifique a alternativa escolhida.
 O pronome "seu" é mais utilizado em situações formais.

Fonte: pesquisa direta.

Observando a figura 18, nota-se uma universitária considerando a variante *seu* como mais formal para o contexto de formalidade. Nas palavras da acadêmica: “o pronome *seu* é mais utilizado em situações **formais**.” Isso reforça a característica de *seu* como sendo mais formal inclusive na visão de universitários que, teoricamente, estudam a gramática normativa, a qual sugere a utilização de *teu* como único pronome possessivo referente à segunda pessoa do singular.

Dentre os informantes do sexo masculino, houve, também, maior uso das palavras-chave “respeito” e “formalidade” nas justificativas da questão sobre qual variante é melhor. Das 12 respostas dadas pelos alunos de nível médio, 3 abordaram a palavra “respeito” e 5 abordaram a palavra “formalidade”. Já em relação aos acadêmicos, 3 de 9 justificativas trataram de “respeito” e 3 de “formalidade”.

Figura 19. Justificativa de um aluno de ensino médio para a escolha da variante *seu* no contexto de formalidade.

1. **Em um contexto de formalidade**, qual das frases abaixo é melhor para se referir a um (a) professor (a)?

() Professor(a), o teu pincel caiu no chão.
 Professor(a), o seu pincel caiu no chão.
 () Ambas as alternativas são igualmente boas.

Justifique a alternativa escolhida.
 Porque é uma maneira mais formal de falar

Fonte: pesquisa direta.

“Porque é uma maneira mais ‘formal’ de falar” foi a justificativa dada por um aluno para o uso do possessivo *seu* no contexto mencionado, como pode ser visto na figura 19.

Figura 20. Justificativa de um graduando em Letras para a escolha da variante *seu* no contexto de formalidade.

1. **Em um contexto de formalidade**, qual das frases abaixo é melhor para se referir a um (a) professor (a)?

() Professor(a), o teu pincel caiu no chão.
 Professor(a), o seu pincel caiu no chão.
 () Ambas as alternativas são igualmente boas.

Justifique a alternativa escolhida.
 Passa uma sensação de respeito

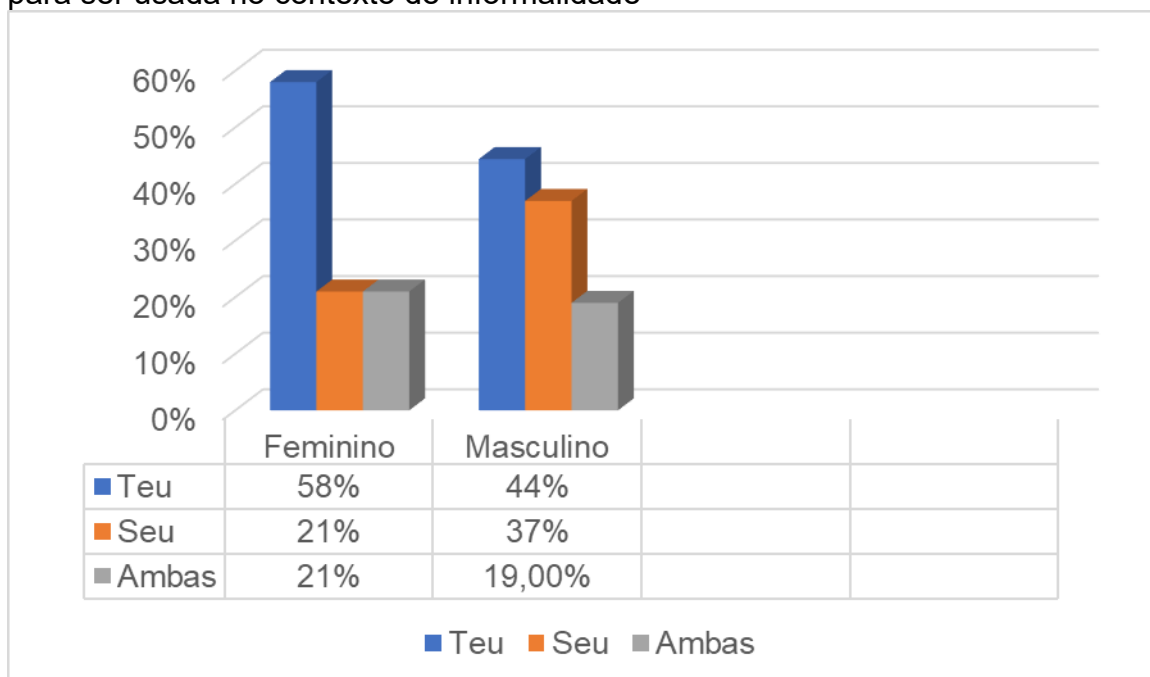
Fonte: pesquisa direta.

Na figura 20, o graduando, ao justificar sua resposta para a escolha do possessivo *seu*, escreve: “passa uma sensação de respeito”.

Diante dos dados estatísticos apresentados e de todas as justificativas apresentadas para a definição de qual variante é melhor para situações formais, evidencia-se que a variante *seu*, assim como em Arduin (2005), é considerada, além

de formal, uma forma de respeito, principalmente entre informantes do sexo feminino.

Gráfico 8. Crenças/attitudes linguísticas por sexo sobre qual variante é melhor para ser usada no contexto de informalidade



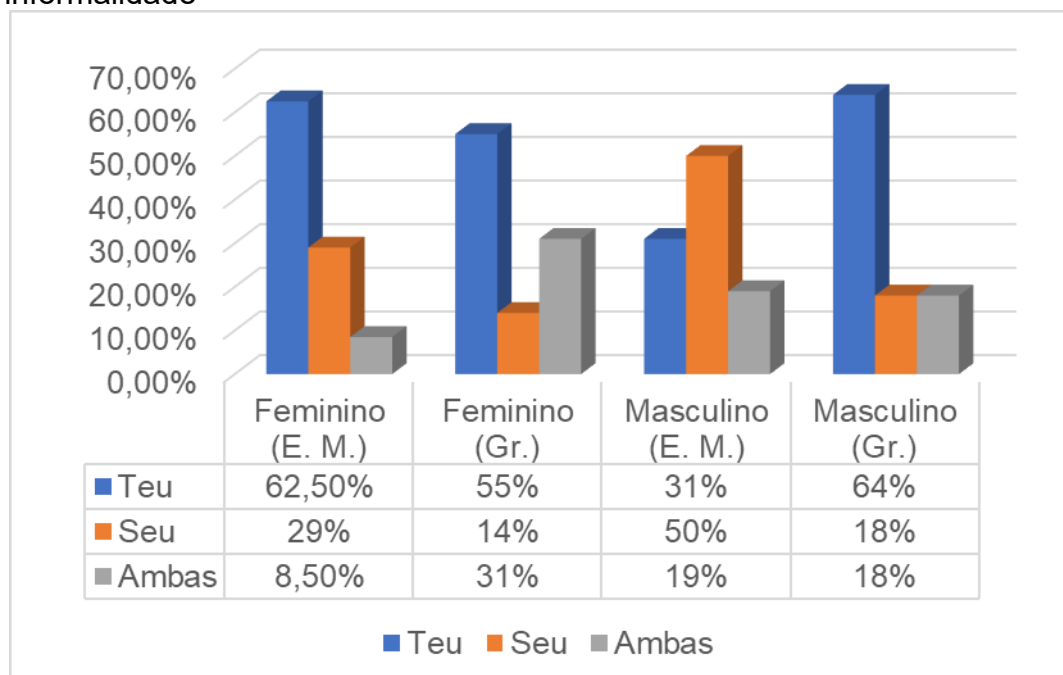
Fonte: pesquisa direta.

No que se refere à melhor alternativa para ser usada no contexto de informalidade, a variante *teu* obteve maior frequência de uso tanto no sexo feminino quanto no masculino, embora com frequências inferiores às que a variante *seu* recebeu no contexto de formalidade, como pode ser visto no gráfico 6. O sexo feminino aplicou o possessivo *teu* em mais da metade dos dados, 58%, e utilizou as formas *seu* e *ambas* de forma igual, 21% para cada uma. Já o sexo masculino somou menos da metade dos usos de *teu*, apenas 44%, porém, foi o que mais usou a variante *seu* nesta circunstância, com 37% dos dados. Por fim, a alternativa neutra, *ambas*, teve frequência de escolha de 19%.

A tabela 10 evidenciou maior frequência de uso de *seu* pelo sexo masculino na produção escrita informal. Porém, no gráfico 8, observa-se que esses informantes têm leve preferência pela variante *teu*, evidenciando, dessa forma, certo monitoramento linguístico em relação à produção escrita informal.

O significativo uso de *seu* pelo sexo masculino no contexto de informalidade pode ser explicado por meio do gráfico 9, a seguir.

Gráfico 9. Crenças/attitudes linguísticas na correlação de sexo com escolaridade sobre qual variante é melhor para ser usada no contexto de informalidade



Fonte: pesquisa direta.

Relacionando a variável sexo com escolaridade, vê-se, no gráfico 9, maior utilização de *teu* tanto pelas alunas de ensino médio como pelas graduandas em Letras, tendo aquelas maior frequência de uso, com 62,5%, contra 55% destas.

Dentro do sexo masculino, nota-se uma diferença no uso da variante *teu*. Enquanto os graduandos em Letras são, dentre todos, os que mais usam este pronome, 64%, no contexto de informalidade, considerando toda a amostra, metade dos alunos de ensino médio dão preferência a variante *seu*, com 50% dos dados, fato que elevou o uso geral do pronome *seu* pelo sexo masculino no contexto de informalidade visto no gráfico 8. Apenas 31% dos alunos elegeram *teu* como pronome exclusivo para esse contexto sociolinguístico. Esses resultados podem ser indicativos do maior uso da variante *seu* por parte do sexo masculino na língua escrita informal, como visto na tabela 10.

Excetuando os informantes do sexo masculino do ensino médio, a variante *seu* obteve baixa frequência de uso, 14% para as graduandas, 18% para os graduandos e 29% para alunas do ensino médio.

A alternativa *ambas* foi mais escolhida pelas graduandas com 31%, seguida de 19% pelos alunos de ensino médio, 18% dos graduandos e, por último, apenas 8,5% de aplicação pelas alunas de ensino médio.

No que tange às justificativas desses quatro grupos de participantes para o uso de *teu* em circunstâncias informais, constatou-se como palavras-chave mais utilizadas nas respostas “intimidade” e “informalidade”.

No sexo feminino, das 13 justificativas apresentadas pelas alunas de ensino médio, por exemplo, 6 afirmaram que a variante *teu* é mais usada quando se há “intimidade” com o interlocutor e 5 justificaram *teu* como sendo um possessivo mais “informal”. A imagem, constante da figura 21, revela uma das justificativas mais apresentadas.

Figura 21. Justificativa de uma aluna de ensino médio para a escolha da variante *teu* no contexto de *informalidade*.

2. Em um momento de informalidade, qual das frases abaixo é melhor para se referir a um(a) amigo(a)?

(X) Ei, me empresta aí tua caneta.
 () Ei, me empresta aí sua caneta.
 () Ambas as alternativas são igualmente boas.

Justifique a alternativa escolhida.
 "tua" pra usar com um amigo significa ter uma
 certa intimidade

Fonte: pesquisa direta.

Por outro lado, as graduandas em Letras usaram mais a palavra “informalidade” em suas justificativas do que a “intimidade”. A palavra “informalidade” foi aplicada pelas universitárias 9 vezes contra 6 do vocábulo “intimidade”, de um

total de 15 justificativas. Na figura 22, vê-se um exemplo de uma resposta que considera a “informalidade”.

Figura 22. Justificativa de uma graduanda em Letras para a escolha da variante *teu* no contexto de *informalidade*.

2. **Em um momento de informalidade**, qual das frases abaixo é melhor para se referir a um(a) amigo(a)?

Ei, me empresta aí tua caneta.
 Ei, me empresta aí sua caneta.
 Ambas as alternativas são igualmente boas.

Justifique a alternativa escolhida.

O pronome "teu" é mais utilizado em situações cotidianas, informais.

Fonte: pesquisa direta.

No sexo masculino, os graduandos justificaram, assim como as graduandas, o uso do possessivo *teu* como sendo mais “informal”, uma vez que 4 das 5 justificativas dadas foram com esta palavra. Apenas 1 resposta considerou *teu* como sendo um pronome mais “íntimo”.

Por outro lado, os alunos do ensino médio, como mostra o gráfico 9, consideraram *seu* como a melhor opção, sendo que 3 das 7 justificativas destes foram que é um pronome “mais correto” e 2 que tratavam de “respeito”. Essas justificativas podem indicar que esses participantes tiveram uma compreensão equivocada da questão.

Figura 23. Justificativa de um aluno de ensino médio para o uso de *teu* no contexto de *informalidade*

2. Em um momento de informalidade, qual das frases abaixo é melhor para se referir a um(a) amigo(a)?

() Ei, me empresta aí tua caneta.
 Ei, me empresta aí sua caneta.
() Ambas as alternativas são igualmente boas.

Justifique a alternativa escolhida.

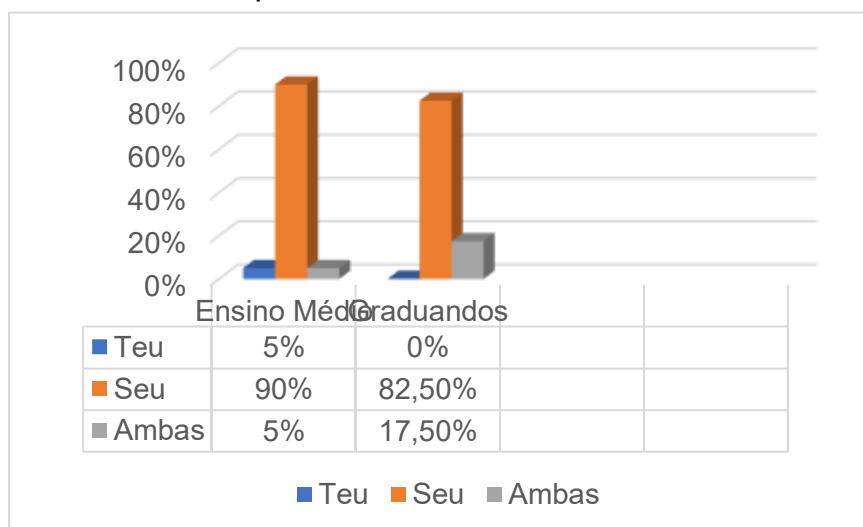
por que é forma mais correta para se expressar

Fonte: pesquisa direta.

Na figura 23, nota-se uma das respostas apresentadas pelos alunos do ensino médio que avaliaram *seu* como a melhor alternativa. O estudante justifica sua escolha afirmando “porque é a forma mais correta para se expressar”.

Notou-se nas justificativas dadas pelos informantes, excetuando o grupo de aluno do ensino médio, que a variante *teu* está atrelada ao grau de intimidade que o falante tem com o seu interlocutor, fato que confirma a suposição levantada em Arduin (2005).

Gráfico 10. Crenças/attitudes linguísticas por *escolaridade* sobre qual variante é melhor para ser usada no contexto de *formalidade*

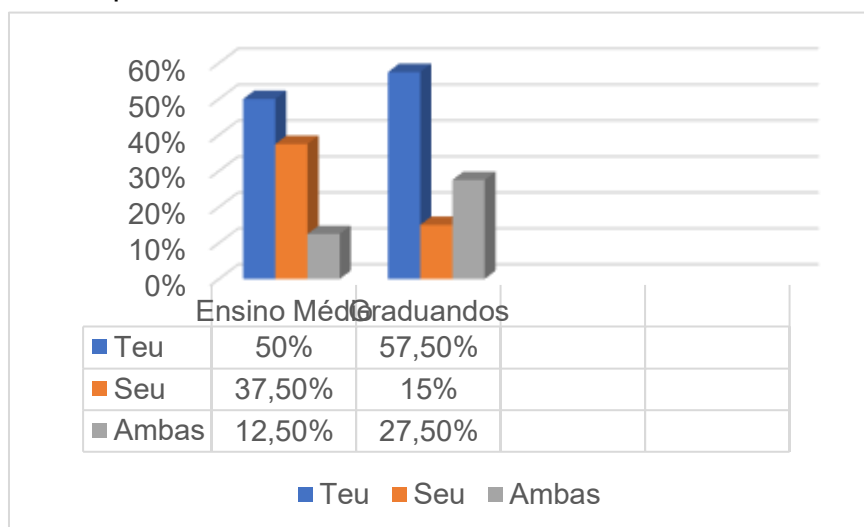


Fonte: pesquisa direta.

No que tange às respostas dos informantes sobre qual variante é melhor de se usar no contexto de formalidade, o gráfico 10 mostra que ambos os níveis de escolaridade prestigiam a forma *seu*, esta sendo mais utilizada por alunos de ensino médio com frequência de 90% contra 82,5% dos graduandos. O uso restrito da variante *teu* apareceu apenas entre os informantes do ensino médio, totalizando 5% dos dados.

Embora os graduandos não tenham selecionado a variante *teu* e tenham 82,5% de uso exclusivo de *seu*, 19,5% dos universitários aplicaram a alternativa *ambas*, evidenciando que estes consideram tanto *teu* quanto *seu* como formas igualmente adequadas para o contexto mencionado, mesmo com a indicação da gramática normativa para o uso apenas de *teu* na língua padrão, como visto em Bechara (2009), por exemplo.

Gráfico 11. Crenças/attitudes linguísticas por *escolaridade* sobre qual variante é melhor para ser usada no contexto de *informalidade*



Fonte: pesquisa direta.

Nota-se, no gráfico 11, que ambos os níveis de escolaridade elegeram a variante *teu* como a melhor para situações informais. Os graduandos em Letras lideraram o uso de *teu* com 57,5% da amostra, e, logo atrás, 50% dos alunos de ensino médio avaliaram esse possessivo como a melhor opção para esse quesito.

Por outro lado, a variante *seu* foi mais utilizada pelo ensino médio com o total de 37,5% *versus* 15% dos graduandos.

A alternativa neutra, *ambas*, foi mais frequente entre os universitários, totalizando 27,5% se opondo aos 12,5% dos estudantes de ensino médio nessa categoria. Assim, somando as ocorrências de *teu* e de *ambas* dos formandos em Letras, pode-se inferir que estes, em comparação com os informantes do ensino médio, têm uma consciência sociolinguística maior do prestígio de *teu* durante o uso não monitorado da língua.

Buscando verificar a influência da variável *paralelismo formal* nas crenças/attitudes linguísticas dos informantes, elaborou-se a questão presente no quadro 10.

Quadro 10. Questão 3 do teste de crenças/attitudes linguísticas.

De forma geral, qual das frases abaixo é melhor?

() Tu e teu pai foram contemplados com uma casa.

() Você e seu pai foram contemplados com uma casa.

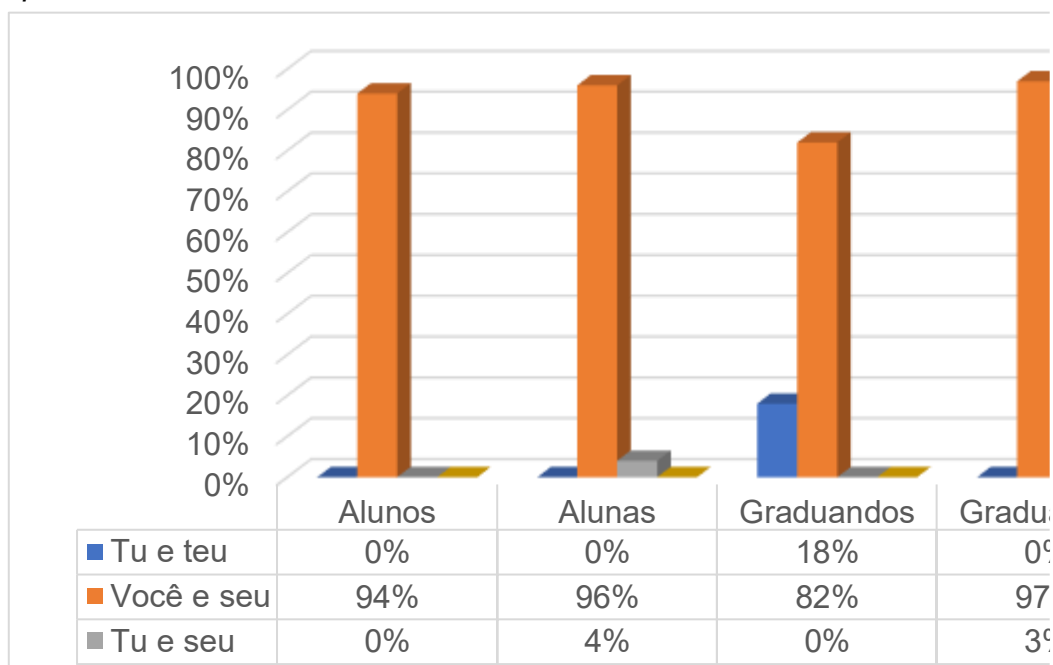
() Tu e seu pai foram contemplados com uma casa.

() Você e teu pai foram contemplados com uma casa.

Fonte: elaboração própria.

Os resultados podem ser vistos no gráfico 12.

Gráfico 12. Crenças/attitudes linguísticas por influência da variável *paralelismo formal*



Fonte: pesquisa direta.

No gráfico 12, nota-se o prestígio da variante *seu* em conformidade com o pronome pessoal *você* em todos os grupos de participantes. As maiores frequências de uso deste possessivo foram de informantes do sexo feminino, tendo as

graduandas em primeiro lugar com 97%, seguido das alunas de ensino médio com 96%. Os alunos de ensino médio somaram 94%, e os graduandos tiveram a menor frequência dentre todos, 82%. Essas frequências altas do possessivo *seu* no sexo feminino não surpreendem, porque o pronome *você* é utilizado com maior frequência na fala das caxienses, conforme Miranda (2014).

O paralelismo de *teu* diante do pronome *tu*, que é sugerido pela gramática normativa, ocorreu apenas entre os graduandos, totalizando 18% dos dados.

As formas consideradas como mistura de tratamento, *tu* diante de *seu* e *você* diante de *teu*, foram pouco selecionadas. “*Tu e seu*” apareceu apenas entre as informantes do ensino médio com baixa frequência, 4%. Já a forma *você* acompanhada de *teu* não ocorreu em nenhum dos grupos.

Os resultados desta última mistura de tratamento, *você/teu*, vão na contramão do que Mendes (2008) estudou no Paraná, uma vez que lá há alta frequência do uso de *teu* diante do pronome *você*, fato que não concretizou neste estudo. Entretanto, isso pode ser justificado pelo fato de que, em Mendes (2008), o contexto de uso da linguagem era informal e, neste caso sob análise, há uma tendência maior à formalidade, pois buscou-se, de forma geral, identificar a variante mais prestigiada, utilizando a variável *paralelismo formal*.

Em síntese, os dados evidenciam prestígio absoluto para a forma “*você e seu*” e apontam para uma certa rejeição das misturas de tratamento, principalmente para a forma “*você e teu*”, que não foi aplicada pelos informantes na amostra analisada.

A seguir, serão apresentadas as conclusões deste trabalho.

6. CONCLUSÕES

Neste estudo, objetivou-se investigar como se dá, quantitativamente, a variação *teu/seu* na escrita de informantes do terceiro ano do ensino médio e qual a frequência de uso dessas variantes de acordo com variáveis independentes extralinguísticas e linguísticas. Adicionalmente, averiguou-se as crenças/attitudes linguísticas desses alunos somadas às de graduandos em Letras sobre essa variação pronominal a fim de descobrir qual variante detém mais prestígio nos contextos de formalidade e de informalidade.

No geral, o pronome *seu* foi o mais utilizado na escrita dos alunos do ensino médio com 92% de frequência contra apenas 8% de uso do pronome *teu*, dado que confirma a hipótese estabelecida neste trabalho, de que *seu* seria mais frequentemente usado, e que corrobora outros estudos, como Sbalqueiro (2005) e Vargas (2014), que também indicaram *seu* como sendo mais usual na escrita.

No que diz respeito aos resultados considerando as variáveis extralinguísticas, *sexo* e *registro*, foi constatado que ambos os sexos utilizam mais frequentemente a variante *seu*, tendo o sexo feminino um percentual ligeiramente maior. Quanto à variante *teu*, o sexo masculino é o que mais a utiliza. Esses resultados confirmam a hipótese de que o sexo feminino tenderia à formalidade e o masculino à informalidade.

Embora a variante *seu* tenha predominado tanto no contexto de formalidade quanto no de informalidade, a variável independente extralinguística *registro* revelou que quanto mais monitorado for o uso da língua maior será a tendência de utilização de *seu*. Ou seja, *seu* mostrou-se mais frequente no contexto de formalidade. E, conseqüentemente, mostrou que a variante *teu*, ainda que com baixa frequência de uso, é mais produtiva no contexto informal, o qual exige pouco monitoramento linguístico. Portanto, a hipótese de que haveria frequência maior de *seu* na produção escrita formal e de *teu* na produção informal foi confirmada.

No que concerne aos resultados da variação *teu/seu* nas variáveis independentes linguísticas, foi possível notar que ambas as variantes foram mais frequentes nos seguintes condicionadores: *flexão de gênero masculino*, *flexão de*

número singular, posição anteposta em relação ao termo possuído e sintagma inanimado do termo possuído.

No entanto, observou-se atuações diferentes desses pronomes nas outras variáveis. A variante *teu*, por exemplo, foi mais utilizada sem *paralelismo formal*, ao passo que *seu* foi mais frequente na presença dessa variável. *Teu* mostrou-se mais produtivo na função sintática de *objeto direto*, e *seu* foi mais utilizado na função de *sujeito*. O possessivo *teu* foi mais aplicado na ausência de *vocativo*, enquanto *seu* se sobressaiu na presença. O pronome *teu* revelou-se mais saliente sem a presença de *artigo definido*, e *seu* prevaleceu na ausência deste. *Teu* apresentou maior frequência de uso diante da presença da *contração do determinante com a preposição*, e *seu* diante da ausência. O *tipo de sintagma* evidenciou o uso mais corriqueiro de *teu* diante de *sintagma preposicional* e de *seu* diante de *sintagma nominal*. A partir desses dados, pode-se afirmar que a hipótese de que o *objeto direto*, o *paralelismo formal* e o *vocativo* seriam mais determinantes para a variação foi confirmada.

No que tange aos resultados de crenças/attitudes linguísticas, considerando toda a amostra, a variante *seu* foi considerada a mais prestigiada para o contexto de formalidade, com 86,25%, e a variante *teu* foi avaliada como sendo a melhor para o contexto de informalidade, tendo um total de 53,75%. Esses resultados confirmaram a hipótese de que há, na comunidade investigada, maior formalidade dada ao possessivo *seu* e maior informalidade dada ao possessivo *teu*.

Para uma compressão mais detalhada do prestígio dessas variantes, estratificou-se os resultados de crenças/attitudes linguísticas tanto para o contexto de formalidade quanto para o de informalidade nas variáveis *sexo*, *escolaridade* e *paralelismo formal*. De forma geral, no contexto de formalidade, a variante *seu* foi mais aplicada pelo sexo feminino, principalmente pelas informantes do ensino médio. Já quando a escolaridade foi considerada, observou-se uma aplicação maior de *seu* pelo ensino médio. Por fim, constatou-se que as graduandas em Letras são as que mais fazem uso do paralelismo entre *você* e *seu*.

No contexto de informalidade, verificou-se que, na amostra total, as mulheres são as que mais prestigiam a variante *teu*, com destaque para as informantes do

ensino médio. Quanto ao grau de escolaridade, os informantes do ensino superior são os que mais dão prestígio ao possessivo *teu*, com ênfase para os de sexo masculino. E o paralelismo formal das formas *tu* e *teu* ocorreu apenas entre os participantes do sexo masculino do ensino superior.

Nesta pesquisa, foi possível constatar que as misturas de tratamento (utilização de *tu* com o pronome *seu* e de *você* com o pronome *teu*) são pouco prestigiadas pelos informantes.

Os resultados encontrados neste estudo revelaram que os estudantes do ensino médio acreditam que a variante *seu* é a mais formal e mais prestigiada para o contexto de formalidade e que a variante *teu* é a mais indicada para o contexto de informalidade. Todavia, ao escreverem os textos, esses informantes são coerentes apenas na escrita formal, pois creem que *seu* seja mais formal e realmente utilizam essa variante com maior frequência. Por outro lado, no contexto de informalidade, embora de forma geral os estudantes considerem o possessivo *teu* como o mais adequado para essa circunstância, eles usaram mais frequentemente o possessivo *seu* nas produções textuais, indicando que a escrita gerou certo monitoramento linguístico. Portanto, em relação ao pronome *teu*, há uma contradição entre o que esses informantes julgam como melhor e o que eles efetivamente usam.

Constatou-se, também, que os informantes atribuem a noção de respeito à variante *seu* e de intimidade à variante *teu*, revelando que esta última não é estigmatizada socialmente. Nesse sentido, os resultados revelaram que as mulheres, principalmente as do ensino médio, fazem uso mais íntimo da variante *teu* em comparação com os homens, os quais preferem a noção de informalidade em relação ao possessivo *teu*.

Este estudo apresenta, também, evidências de que os informantes têm consciência sociolinguística sobre a variação *teu/seu*, porém, no que tange a este aspecto gramatical, parecem distanciar, em suas produções textuais, o sentido de formalidade do que é regido pela norma padrão (gramática normativa), porque esta impõe a utilização apenas de *teu* como pronome possessivo de segunda pessoa do singular. E esses informantes, na produção escrita formal, ainda dão preferência ao possessivo *seu*.

Este trabalho aponta que o nível de conhecimento gramatical do informante não se mostra relevante para a escolha de uma ou de outra variante no contexto de formalidade, pois, em tese, os graduandos do último semestre do curso Letras têm conhecimento de que a norma padrão, a qual é extremamente prestigiada, indica apenas *teu* como possessivo “correto” de segunda pessoa do singular e, mesmo assim, a maioria desses informantes considera *seu* como sendo mais prestigiado e mais formal, o que pode caracterizar um *prestígio encoberto* (LABOV, 1972). Isso fornece indícios de que nem sempre o que está na gramática é prestigiado pela comunidade linguística em contextos de alto monitoramento da língua.

Os resultados desta pesquisa apontam também que, no geral, o sexo feminino é o que mais utiliza a variante apontada como mais prestigiada, *seu*.

Em síntese, pode-se afirmar que os objetivos deste trabalho foram alcançados, uma vez que foi possível revelar o pronome mais utilizado na escrita dos estudantes, bem como o seu funcionamento em variáveis extralinguísticas e linguísticas. Conseguiu-se, de forma complementar, identificar os possessivos mais prestigiados tendo em vista os níveis de monitoramento linguístico apresentados (formal e informal).

Os resultados desta pesquisa podem fornecer subsídios teóricos para a explicação e/ou para o ensino do funcionamento do pronome possessivo *seu* na língua escrita dos caxienses. Entretanto, no que se refere ao possessivo *teu*, há, devido ao número restrito de ocorrências, a necessidade de estudos com abordagens metodológicas que incrementem a aparição desta variante na língua, para uma análise mais detalhada.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Crenças e atitudes**: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. São Paulo, Estudos Brasileiros, v. 2, n. 37, p. 105-112, maio-ago, 2008.

AGUILERA, Vanderci de Andrade; SILVA, Hélen Cristina da. **O poder de uma diferença**: um estudo sobre crenças e atitudes linguísticas. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/alfa/a/kymhBpzQ37Pn6JWZJqZbJFz/?format=pdf&lang=pt> 2 Acesso em 29 de setembro de 2021.

ALMEIDA, N. M. de. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 28ª edição. São Paulo: Saraiva, 1979.

ARDUIN, J. **A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na Região Sul do Brasil**. 2005. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 122 p.

AVERBUG, M. C. G. Objeto direto anafórico: variação na produção oral e escrita e influência do ensino. **Anais do VII Congresso da ASSEL-RIO**, 1998. p. 680-687.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

BARCELOS, A. M. F. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, vol. 7, n. 2, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3398/339829601006.pdf>. Acesso em: 01-12-2021.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37.ed. revista, ampliada e atualizada conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENTIVOGLIO, P. A variação nos estudos sintáticos. In: **ANAIS DO GEL, XIV**, Campinas, 1987. p. 6-29.

BLANCO CANALES, A. **Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares**. Alcalá de Henares, Madrid: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, 2004.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolingüística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BOTASSINI, J. O. M. **Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná. 2013. 219f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Ed.). **Sociolinguistics: The essential readings**. United Kingdom: Blackwell, 2003 [1960]. p. 156-176.

CAMACHO, Roberto Gomes; CECCANTINI, JLCT; PEREIRA, R. F. Norma culta e variedades linguísticas. **Cadernos de formação: Língua portuguesa**, p. 47-60, 2004.

CAMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 35. edição. Rio de Janeiro: Padrão, 2002. 124 p.

CARGILE, Aaron C; GILES, Howard. **Understanding language attitudes: exploring listener affect and identity**. Great Brintain, Elsevier Science Ltd. Language & Communication, vol. 17, n°. 3, p. 195-217, 1997.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2020.

CORBARI, Clarice Cristina. Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR). **SIGNUM: Estudos Linguísticos**, n 15/1, p. 111-127, jun. 2012.

CUNHA, C. F. **Gramática da língua portuguesa**. 11ª edição. Rio de Janeiro: FAE, 1986.

CYRANKA, L. **Atitudes linguísticas de alunos de escolas públicas de Juiz de Fora – MG**. 2007. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: Tarallo, F. (org.) **Fotografias Sociolinguísticas**. Campinas: Pontes, 1989. p. 19-34.

DUQUE, C. **Atitudes e comportamento**. 2008. Disponível em: <http://www.gestiopolis.com/organizacion-talento/actitudes-comporta%miento organizacional.pdf>. Acesso em: 01 de outubro de 2021.

ECKERT, Penelope. **Linguistic variation as social practice**. Malden, MA and Oxford, UK: Blackwell, 2000.

FARACO, C. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola, 2008.

FROSI, V.M; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. Da estigmatização à solidariedade: atitudes linguísticas na RCI. In: Froisi, V. M.; FAGGION, C. M.; DAL CORNO, G. O. M. **Estigma: cultura e atitudes linguísticas**. Caxias do Sul: EDUCS, 2010. p.15-42.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GÓMEZ MOLINA, J. R. **Actitudes lingüísticas en una comunidad bilingüe y multidialectal**: área metropolitana de Valencia. Valencia: Universitat de Valencia, 1998.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl. Variação linguística e ensino de gramática. **Working papers em Linguística**, v. 10, n. 1, p. 73-91, 2009.

GRYNER, Helena; OMENA, Nelize Pires de. A interferência das variáveis semânticas. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Ed.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. Editora Contexto, 2017. p. 89-100.

GUEDES, Dailane Moreira. **Possessivos simples e perifrásticos no português brasileiro**: investigando a 3ª pessoa. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

HORA, D. Teoria da variação: uma retrospectiva. *In*: _____. (Ed). **Diversidade linguística no Brasil**. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 159-174.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Caxias – MA (estimativa)**. IBGE, 2021. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/caxias/panorama>. Acesso em: 01 de dezembro de 2022.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2009.

INFANTE, U. **Curso de gramática aplicada aos textos**. São Paulo: Scipione, 1995.

KATO, Mary A. **A complementaridade dos possessivos e das construções genitivas no português coloquial: réplica a Perini**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. D.E.L.T.A., Vol. 1, n. 1 e 2, 1985, p. (107-120).

KROCH, Anthony. "Rumo a uma teoria da variação do dialeto social". **Linguagem na sociedade**, 1978. p. 17–36.

LABOV, W. Building on Empirical Foundations. *In*: LEHMANN, W; MALKIEL, Y (eds.). **Perspectives on Historical Linguistics**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982, p. 17-92.

LABOV, W. Some sociolinguistic principle. *In*: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Ed.). **Sociolinguistics**: The essential readings. United Kingdom: Blackwell, 2003 [1969], p. 234-250.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972b. **Padrões sociolinguísticos**. (Tradução Marcos Bagno, Marta Maria Pereira Scherre e Caroline Cardoso) São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972b].

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LABOV, William. **Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera**. Sociolinguistic working paper, Austin, n. 44, 1978, p. 43-88.

LACERDA, Patrícia Fabiane A. da Cunha. **A implementação do possessivo 'dele' na língua portuguesa**. Veredas on line: Juiz de Fora, p. 20-35, 2010.

LAMBERT, Wallace. E. **A social psychology of bilingualism**. Journal of social Issues, 23, 91-109, 1967.

LAMBERT, William W.; LAMBERT, Wallace E. **Psicologia social**. 4 ed. revista e ampliada. Trad. Dante Moreira Leite. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LEMLE, M.; NARO, A. **Competências básicas do português**. Rio de Janeiro: Mobral/Fund. Ford, 1977.

LOPES, Célia Regina. GUEDES, Dailane Moreira. **Formas possessivas de terceira pessoa: confrontando seu e dele a partir da abordagem experimental**. N.o 58 – 1º semestre de 2020 – Rio de Janeiro, 2020.

LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística**. 3ª ed. Madrid: Gredos, 2004

LOREGIAN-PENKAL, L. **Re(análise) da referência de segunda pessoa na fala da Região Sul**. 2004. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 260p.

MACEDO, A. V. T. Linguagem e contexto. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

MENDES, Fernanda. Variação estilística e genericidade: a variação de pronomes possessivos de segunda e terceira pessoa do singular. **Anais do CELSUL**, 2008.

MENON, O. P. S. O sistema pronominal do português do Brasil. **Revista Letras**, Curitiba: Editora da UFPR, n.44, p. 91-106, 1995.

MIRANDA, A. L. A. **Crenças, atitudes e usos variáveis da concordância verbal com o pronome tu**. 2014. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 157 p.

MOLLICA, Maria Cecilia. Relativas em tempo real no português brasileiro contemporâneo. *In*: PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. L. (orgs.) **Mudança linguística em tempo real**. Rio de Janeiro: Contra capa, 2003.

MONTEIRO, J. L. **Morfologia portuguesa**. 4. edição. Campinas, SP: Pontes, 2002.

MORENO FERNÁNDEZ, F. **Principios de Sociolingüística y Sociología del Lenguaje**. Barcelona: Ariel, 1998.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. Estertores da forma seu na língua oral. *In*: OLIVEIRA E SILVA, G. M. de.; SCHERRE, M. M. P. (Ed.). **Padrões sociolingüísticos**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1998.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. O artigo frente a possessivos e nomes próprios. *In*: NARO, A. J. *et alii*. **Relatório final**: projeto subsídios sociolingüísticos do projeto Censo à Educação. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras, 1986. p. 232-255.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. de. **Um caso de definitude. Organon 18. A variação no português do Brasil**. Instituto de Letras da UFRGS, 1991. p. 90-108.

OMENA, N. P. de. A referência variável da primeira pessoa do discurso no plural. *In*: OLIVEIRA e SILVA, G. M. & SCHERRE, M. M. P. **Padrões sociolingüísticos**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 183-215.

OMENA, Nelize Pires de Omena; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Variáveis morfossintáticas. *In*: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Ed.). **Introdução à sociolingüística**: o tratamento da variação. Editora Contexto, 2017. p. 81-88.

PAGOTTO, E. G. **Variação e identidade**. Campinas - SP. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Unicamp, 2001.

PAIVA, Maria da Conceição de. A variável gênero/sexo. *In*: MOLLICA, Maria Cecilia; BRAGA, Maria Luiza (Ed.). **Introdução à sociolingüística**: o tratamento da variação. Editora Contexto, 2017. p. 33-42.

PAREDES E SILVA, V. L. P. **A variação você/tu na fala carioca**. Comunicação apresentada no 1º Encontro de variação linguística do Cone Sul, UFRGS, 1996.

PERINI, Mário A. **O surgimento do sistema possessivo do português coloquial: uma interpretação funcional.** Universidade Federal de Minas Gerais. D.E.L.T.A., Vol. 1 n. 1 e 2, 1985, p. (1-16).

PONTE, João Pedro. **O estudo de caso na investigação em educação matemática.** 1994. Disponível em: <[http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/94-Ponte\(Quadrante-Estudo%20caso\).pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/94-Ponte(Quadrante-Estudo%20caso).pdf)> Acesso em: 29 de outubro de 2022.

RAMOS, Jânia. A alternância entre “não” e “num” no dialeto mineiro: um caso de mudança linguística. *In*: COHEN, Maria Antonieta Amarante de Mendonça & RAMOS, Jânia (Orgs.). **Dialeto mineiro e outras falas: estudo de variação e mudança linguística.** Belo Horizonte. Faculdade de Letras, UFMG. 2002

RICHARDS L. C.; SCHMIDT, R. **Longman dictionary of language teaching & applied linguistics.** Edinburg Gate: Pearson Education Limited, 2002.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 23ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. 506 p.

RONCARATI, Cláudia. Prestígio e preconceito linguísticos. **Cadernos de Letras da UFF**, n. 36, p. 45-56, 2008.

SAID ALI, M. **Gramática secundária da língua portuguesa.** São Paulo: Melhoramentos, 1969.

SANKOFF, D; TAGLIAMONTE, S; SMITH, E. Goldvarb X: **a variable rule application for Macintosh and Windows.** 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 01 dezembro de 2021.

SANTOS, E. **Certo ou errado? atitudes e crenças no ensino da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Graphia, 1996.

SBALQUEIRO, A. **A variação dos pronomes possessivos de 2ª e de 3ª pessoas em redações de alunos de uma escola pública de Curitiba.** 2005. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 120 p.

SCHERRE, M M. P.; NARO, A. J. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 01-14, 1993.

SCHERRE, Maria Marta Pereira.; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação.** São Paulo: Contexto, 2007. p. 147-177.

SCHERRE, M. M. P. **A regra de concordância de número no sintagma nominal em português**. Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Letras, 1978. Dissertação de mestrado em Linguística, 1978.

SCHERRE, M. M. P. **Reanálise da concordância nominal em português**. Rio de Janeiro. 555 f. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Letras, UFRJ, 1988.

SCHERRE, M. M. P. Sobre a influência de variáveis sociais na concordância nominal. *In*: OLIVEIRA E SILVA, G. M. & SCHERRE, M. M. P. **Padrões sociolinguísticos**: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 239-264.

SILVA, A. K. da. **Crenças e aglomerados de crenças de alunos ingressantes em Letras (inglês)**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

SILVA, G. M. O. **Variação no sistema possessivo da terceira pessoa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

SILVA, Vera Lúcia Paredes da. Relevância das variáveis linguísticas. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Ed.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. Editora Contexto, 2017. p. 67-72.

SOUZA, E. C de. **Crenças e atitudes de professores e alunos no Brasil e na Espanha, sobre variação linguística**. Tese (Doutorado em Linguística). – Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2012.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 7. edição. São Paulo: Ática, 2002.

TARALLO, Fernando. **Relativization Strategies in Brazilian Portuguese**. Tese de doutorado. Universidade da Pensilvânia, EUA, 1983.

VARGAS, Marly Rocha Medeiros de. **Os possessivos de segunda pessoa em cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

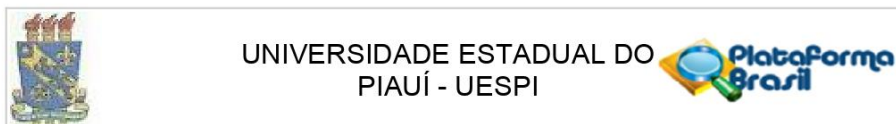
VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Ed.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. Editora Contexto, 2017. p. 51-58.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Empirical foundation for a theory of language change**. Austin, University of Texas Press, 1968.

Yin, R. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2a ed. Porto Alegre: Bookman; 2015.

ANEXOS

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: POSSESSIVOS TEU/SEU: variação, crenças, atitudes linguísticas e ensino

Pesquisador: JOAO GABRIEL DIAS SOUSA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 56959322.0.0000.5209

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.361.638

Apresentação do Projeto:

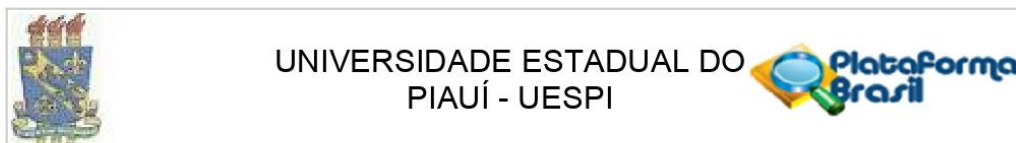
Trata-se de uma pesquisa com abordagem qualitativa-quantitativa; quanto aos objetivos classifica-se como descritiva e explicativa; quanto aos procedimentos se classifica como estudo de caso. Este estudo tem como objetivo investigar, à luz dos pressupostos teóricos da Sociolinguística, a ocorrência dos pronomes possessivos teu/seu, de segunda pessoa do singular, na escrita de alunos da cidade de Caxias – MA e as crenças/atitudes linguísticas desses estudantes e de acadêmicos de Letras – Português a respeito dessas variantes. Para obter os dados da variação linguística em análise, será elaborada uma proposta de redação, que será usada em uma sala de aula de uma escola pública estadual. Já os dados sobre crenças/atitudes linguísticas serão coletados por meio de questionários, os quais serão respondidos por alunos do ensino médio e por graduandos em Letras Português de uma universidade pública. Como resultados, de forma geral, espera-se que o pronome seu seja o mais usado na escrita dos estudantes e que alunos e professores tenham crenças negativas sobre alguns usos específicos das variantes teu/seu em textos escritos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar, à luz dos pressupostos teóricos da Sociolinguística, a ocorrência dos pronomes possessivos teu/seu, de segunda pessoa do singular, na escrita de alunos da cidade de Caxias –

Endereço: Rua Olavo Bilac, 2335
Bairro: Centro/Sul **CEP:** 64.001-280
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3221-6658 **Fax:** (86)3221-4749 **E-mail:** comitedeeticauespi@uespi.br



Continuação do Parecer: 5.361.638

MA e as crenças/attitudes linguísticas desses estudantes e de acadêmicos de Letras – Português a respeito dessas variantes.

Objetivo Secundário:

- a) Identificar as formas alternantes da variável dependente: pronomes possessivos de segunda pessoa teu/seu, na escrita de alunos caxienses;
- b) Levantar grupos de fatores que favorecem o uso da variante seu em detrimento da forma teu;
- c) Analisar qualitativa e quantitativamente a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular;
- d) Descrever os resultados, explicando os fatores linguísticos e sociais, que favorecem o uso de uma variante em detrimento de outra;
- e) Descrever dados sobre crenças e atitudes linguísticas de futuros professores de língua portuguesa.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

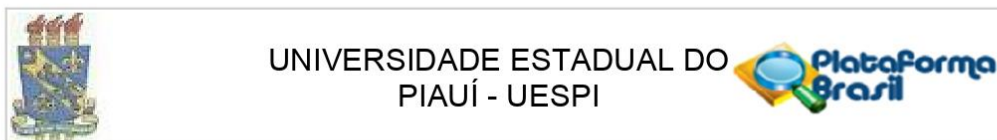
Riscos:

Produção de texto e resolução de questionários são tarefas cotidianas em uma sala de aula de ensino médio. Este projeto requer que os alunos do ensino médio elaborem voluntariamente um texto narrativo, o que pode exigir certo esforço cognitivo por parte deles. Além disso, espera-se esses estudantes e graduando em Letras respondam a um questionário de múltipla escolha em que todas as alternativas estão corretas do ponto de vista dos estudos sociolinguísticos. Portanto, espera-se que para os alunos os riscos sejam apenas mudança de rotina e certo esforço cognitivo para responder o questionário. Já para os graduandos em Letras, apenas o esforço cognitivo para responder ao questionário requerido.

Benefícios:

Como benefícios para os alunos, há a possibilidade de escreverem e aperfeiçoarem um texto de estilo mais livre, uma vez que no terceiro ano do ensino médio costumam, por terem foco no Enem e nos vestibulares tradicionais, escrever textos numa estrutura mais rígida, como a dissertativa argumentativa, por exemplo. Adicionalmente, ao responder ao questionário, podem refletir metalinguisticamente, podendo se conscientizarem sociolinguisticamente sobre o uso dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular. Para os graduandos em Letras, o benefício

Endereço: Rua Olavo Bilac, 2335
Bairro: Centro/Sul **CEP:** 64.001-280
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3221-6658 **Fax:** (86)3221-4749 **E-mail:** comitedeeticauespi@uespi.br



Continuação do Parecer: 5.361.638

pode ser a reflexão sociolinguística.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa viável e de grande alcance social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados:

- Projeto de pesquisa na íntegra (word/pdf);
- Folha de Rosto preenchida, assinada, carimbada e datada;
- Declaração da Instituição e Infraestrutura em papel timbrado da instituição, carimbada, datada e assinada;
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em linguagem clara e objetiva ;
- Instrumento de coleta de dados EM ARQUIVO SEPARADO (questionário / entrevista / formulário / roteiro);
- Declaração dos pesquisadores;
- Orçamento; e
- Cronograma.

LISTA DE INADEQUAÇÕES:

1. TCLE.
2. TALE

Recomendações:

Acesse o link do CEP UESPI no site da UESPI para orientações, modelos de documentos e localizar as pendências: http://www.uespi.br/site/?page_id=107158

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

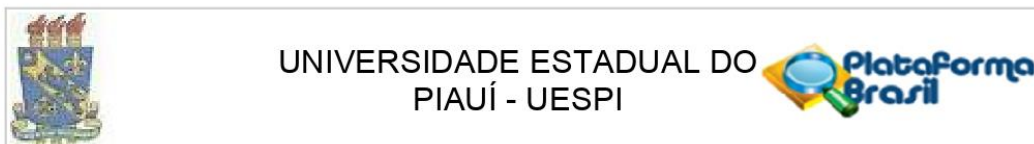
De acordo com a análise, conforme a Resolução Nº 466/12, Nº 510/16, orientações do CONEP de 24/02/2021 (CNS/MS) e seus complementares, o presente projeto de pesquisa apresenta o parecer APROVADO.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P	14/04/2022		Aceito

Endereço: Rua Olavo Bilac, 2335
Bairro: Centro/Sul **CEP:** 64.001-280
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3221-6658 **Fax:** (86)3221-4749 **E-mail:** comitedeeticauespi@uespi.br



Continuação do Parecer: 5.361.638

Básicas do Projeto	ETO_1898978.pdf	15:58:03		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	novo8TERMODEASSENTIMENTODOMENOR.doc	14/04/2022 15:56:12	JOAO GABRIEL DIAS SOUSA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	novo7TermodeConsentimentoLivreeEsclarecidoTCLE.docx	14/04/2022 15:55:33	JOAO GABRIEL DIAS SOUSA	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_5350071.pdf	14/04/2022 15:53:41	JOAO GABRIEL DIAS SOUSA	Aceito
Folha de Rosto	1folhaderostotodaassinada.pdf	18/03/2022 15:05:16	JOAO GABRIEL DIAS SOUSA	Aceito
Outros	6Lattes.pdf	16/03/2022 17:51:45	JOAO GABRIEL DIAS SOUSA	Aceito
Outros	5Testedecrecaoseatitudeslinguisticas.docx	16/03/2022 17:50:19	JOAO GABRIEL DIAS SOUSA	Aceito
Outros	5Propostadeproducaotextual.docx	16/03/2022 17:49:53	JOAO GABRIEL DIAS SOUSA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	1ProjetodepesquisaMestradoUESPI.doc	16/03/2022 17:47:26	JOAO GABRIEL DIAS SOUSA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTOdapesquisa.docx	16/03/2022 17:46:32	JOAO GABRIEL DIAS SOUSA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	3Declaracaodecompromissodopesquisador.docx	16/03/2022 17:45:48	JOAO GABRIEL DIAS SOUSA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	4DeclaracaodeinstituicaoassinadaUEMA.pdf	16/03/2022 17:45:22	JOAO GABRIEL DIAS SOUSA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	4assinadaDeclaracaodeinstituicaoConego.pdf	16/03/2022 17:44:59	JOAO GABRIEL DIAS SOUSA	Aceito
Cronograma	Cronogramadeatividades.docx	16/03/2022 17:44:33	JOAO GABRIEL DIAS SOUSA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Rua Olavo Bilac, 2335
Bairro: Centro/Sul **CEP:** 64.001-280
UF: PI **Município:** TERESINA
Telefone: (86)3221-6658 **Fax:** (86)3221-4749 **E-mail:** comitedeeticauespi@uespi.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
PIAUÍ - UESPI



Continuação do Parecer: 5.361.638

TERESINA, 21 de Abril de 2022

Assinado por:
LUCIANA SARAIVA E SILVA
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Olavo Bilac, 2335

Bairro: Centro/Sul

CEP: 64.001-280

UF: PI

Município: TERESINA

Telefone: (86)3221-6658

Fax: (86)3221-4749

E-mail: comitedeeticauespi@uespi.br